



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Letras e Linguística

VALDINEI MOREIRA BORGES

**O VOCABULÁRIO DE GONÇALVES DIAS:
PARA A CONSTRUÇÃO DE UM
GLOSSÁRIO NEOLÓGICO**

Uberlândia - 2007

VALDINEI MOREIRA BORGES

**O VOCABULÁRIO DE GONÇALVES DIAS:
PARA A CONSTRUÇÃO DE UM
GLOSSÁRIO NEOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.
Orientador: Professor Dr. Evandro Silva Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

Instituto de Letras e Linguística – ILEEL

2007

VALDINEI MOREIRA BORGES

**O LÉXICO DE GONÇALVES DIAS: PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO
NEOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Dissertação submetida à defesa em 16 de maio de 2007, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

ORIENTADOR: DR. EVANDRO SILVA MARTINS – (UFU)

Profª. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva – (UNESP)

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho – (UFU)

Uberlândia - MG

Dedico este trabalho a meus pais, a minha esposa Léa, ao meu filho João Vitor e a todos os meus amigos que têm me ajudado a superar os obstáculos da vida e encontrar a felicidade nas coisas mais singelas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a suprema bondade a nos guiar os destinos e a nos fortalecer nas lutas de cada dia e por nos possibilitar aprender sempre com as lições da vida.

A Jesus, que é o Sol que ilumina nossas vidas e nos faz ver os seres grandiosos que temos em nosso caminho, compartilhando conosco de momentos inesquecíveis.

A Mãe Santíssima que é a Mãe amável de nossas almas e que está sempre disposta a nos ajudar nos momentos difíceis e a nos fortalecer as fibras da alma.

Ao Dr. Bezerra de Menezes e a Eurípedes Barsanulfo que são os nossos pais e mestres e, principalmente, desvelados amigos do Além que não nos desamparam nunca.

Aos amigos espirituais: Christopher Smith, Skanay, Glacus, Joseph, Scheilla, José Grosso, Vancour, Charles, Cecília, Dias da Cruz, Arcélius, Roriz, Loretta, Meimei, Ruphas, Iago, Marcelo Caretinha e ao mestre Allan Kardec por serem amigos de toda a eternidade.

Ao saudoso Chico Xavier que exemplificou os ensinamentos de Jesus e nos ensinou o caminho seguro para a plena felicidade.

Aos pais da minha alma Dr. Campos e Mãe Shyrlene por terem sido o meu apoio, o meu exemplo, o meu incentivo para que eu cursasse um mestrado e vencesse as lutas da vida com o Cristo e com o trabalho caritativo nas mãos e no coração.

Ao meu orientador Prof. Dr. Evandro Silva Martins que, além de nos trazer conhecimentos lingüísticos, trouxe-nos a beleza de sua alma a refletir segurança, estímulo e a mais pura amizade e sincero amor pelo ser humano.

Ao coordenador do Mestrado em Lingüística da UFU, Prof. Dr. Ernesto e também ao Prof. Dr. Waldenor, que sempre trabalharam para o bom desempenho do programa e dos alunos.

À minha esposa e companheira dedicada Léa, que sempre me incentivou e apoiou nos momentos de dificuldade e que me presenteou com nosso filho querido João Vitor, a alegria de nossas vidas.

À minha mãe Valquíria e ao meu pai Sebastião, pois sem o amor e o apoio deles, a minha vida não teria sentido.

A meus irmãos queridos: Valmira, Maria do Carmo, Carlos e à minha saudosa irmã Sueli, que Deus os abençoe sempre.

Aos demais familiares que compreenderam a minha ausência em muitos encontros de família, mas que sempre torceram por mim.

Aos professores: Magalhães, Fernanda, Alice, João Bosco, Célia, com os quais muito aprendi.

À professora Doutora Eliana Dias pelo estímulo e pelas correções.

Aos meus amigos: Nilza, Eliamar, Marília, Giseli, Sheila, Verinha, Maria Virgínia, Elimar, Fernanda, Luis Henrique, Ana Valéria, Anair, Vaneska, Gilber e a todos os amigos do Núcleo Servos Maria de Nazaré, especialmente ao Franklin, Ana Luci e Gessy, pela forte presença em minha vida.

À Cristina Vilarinho que foi meu incentivo e meu apoio. Jamais esquecerei tudo que fez por mim. Ao seu esposo Jorge, sua mãe querida Sandra, seu pai Demerval e aos seus irmãos, tios e amigos Helder, Serginho, Tiodim e o Neto, respectivamente, pelas boas gargalhadas e pelos momentos de alegria que passamos juntos.

Às funcionárias do Mestrado em Lingüística, Eneida, Solene e Maysa, pela atenção e pelo carinho com que sempre nos atenderam. E também à bibliotecária Ângela pela atenciosa formatação e a Profa. Dra. Maria Cristina da UNESP de São José do Rio Preto que presidiu à nossa Defesa e nos trouxe valiosas sugestões.

[...]

*Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silêncios, e cores, e perfume e vida
Os pais e a pátria e a virtude e a Deus:
Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-to os lábios meus, - mais do que vale
Cantar a voz do trovador cansada:
O que é belo, o que é justo, santo e grande
Amo em ti. – Por tudo quanto sofro,
Por quanto já sofri, por quanto ainda
Me resta sofrer, por tudo eu te amo.*

(Gonçalves Dias, Como eu te amo, 1997, p. 148-149)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é realizar um levantamento do léxico de Gonçalves Dias em sua obra poética e teatral, com o intuito de montar um Glossário dos neologismos formais e semânticos ali encontrados. Assim, partiu-se da hipótese de que no vocabulário empregado por Gonçalves Dias, em sua obra poética e teatral, há neologismos. Essa constatação evidencia desse modo, a capacidade criadora do poeta. Nilce Sant'Anna Martins (1988), na obra *História da Língua Portuguesa – V. Século XIX* aponta que, como artista da palavra, Gonçalves Dias soube explorar bem os vários aspectos da criação lexical. No transcorrer da Pesquisa, foram coletados alguns neologismos literários, usados na construção de frases elaboradas, que se estendem em vários versos, com múltiplos desdobramentos e inversões, justificáveis por razões métricas ou efeito de ênfase. Nesse sentido, este trabalho consiste na seleção dos substantivos, adjetivos e verbos, acompanhados das suas respectivas abonações, presentes na obra do poeta maranhense. Para realizar essa seleção, utilizou-se como ferramenta o programa *Folio Views 3.1*, que é um gerenciador de infobases. Para a análise do caráter neológico das lexias encontradas, serviram de base as teorias de Guilbert (1975) e de Boulanger (1979), e, como parâmetro e *corpus* de exclusão, dois dicionários de época: o Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva (1813) e o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete (1881). Após o trabalho de extração e de verificação, verificou-se o sentido das palavras no contexto em que elas aparecem, acrescentando notas enciclopédicas, que foram importantes para enriquecer a definição, com informações novas e pertinentes ao assunto. Com esse critério, levantou-se uma quantidade razoável de neologismos na obra gonçalvina, confirmando, assim, a hipótese inicial. Acredita-se, então, que Gonçalves Dias valorizou a criação lexical, visto que os recursos das acepções (das ULs) encontradas nos dicionários não atendiam por completo seus anseios poéticos. Em razão disso, ele teve que criar novas palavras ou atribuir-lhes novos sentidos, para compor sua obra.

Palavras-chave: Lexicologia, Lexicografia, glossário, neologismo, Gonçalves Dias

ABSTRACT

The present research aims to carry out a survey of the lexicon of Gonçalves Dias in his poetic and theatrical work, in order to build a Glossary of formal and semantic neologisms found there. Thus, our main hypothesis was that in the vocabulary used by Gonçalves Dias, in his poetic and theatrical work, there are neologisms. This statement gives evidence then, of the poet's capacity of creation, according to what Nilce Sant'Anna Martins (1988) realized, in the work *History of Portuguese Language – V. Century XIX*, as artist of words, he knew how to well explore the various aspects of the lexical creation. And, during the research, we collected some literary neologisms used in the building of elaborate sentences, which spread in many verses, with multiple unfoldings and justifiable inversions due to metric reasons or emphasis effect. In this way, this work was a selection of nouns, adjectives and verbs, with their respective examples, of the poet from Maranhão. To provide this selection, we had the help of the Folio Views 3.1 program, that is a manager of infobases. In order to analyse the neological character of the lexias found in the work, our base was the theories of Guilbert (1975) and Boulanger (1979) and as our parameter and corpus of exclusion we used two ephoc dictionaries: the *Dictionary of Portuguese Language* of Antônio de Moraes Silva (1813) and the *Contemporary Dictionary of Portuguese Language* of Francisco Caldas Aulete (1881). Once the task of extraction and verification is done, we analysed the meaning of the words in the context in which they are used, adding encyclopedian notes, that were important so that the definitions could be richer, with new information, being pertinent to the topic. With these criteria, we raised a reasonable amount of neologisms in the work of Gonçalves Dias, confirming then, our hypothesis. We believe that the author knew how to make lexical creation be worth, since the sources of the examples (of Uls) found in the dictionaries did not fit, wholly, his poetic desires. Because of this, he had to create new words, giving them new meanings, to make his work.

Key words: Lexicology, Lexicography, glossary, neologism, Gonçalves Dias

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 A.M.S. - Antônio de Moraes Silva
- 2 C.A. - Caldas Aulete
- 3 C - Consta
- 4 N/C - Não Consta
- 5 Oc. – Ocorrências
- 6 A. – Aurélio – Século XXI
- 7 H. – Antônio Houaiss (2001)
- 8 GD – Gonçalves Dias
- 9 P – Poemas
- 10 PRB – Poetas Românticos Brasileiros
- 11 PC – Primeiros Cantos

SUMÁRIO

Introdução.....	11
CAPÍTULO I – GONÇALVES DIAS CONSOLIDA AS BASES TEMÁTICAS DO ROMANTISMO.....	14
2.1 Momento histórico-cultural da época.....	14
2.2 Romantismo.....	16
2.3 A Obra.....	19
2.4 Caracterização da obra poética e teatral de Gonçalves Dias.....	21
2.5 Gonçalves Dias, o poeta indianista.....	30
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
3.1 O Léxico.....	36
3.2 Lexicologia e Lexicografia.....	37
3.3 Dicionário.....	39
3.4 Glossário.....	42
3.5 Macro e microestrutura do glossário.....	45
3.6 Neologismo.....	47
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO CORPUS.....	59
3.1– Anexo 1 - Palavras classificadas como neologismos formais.....	64
3.2– Anexo 2 - Palavras classificadas como neologismos semânticos.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO 1 - ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS.....	115
ANEXO 2 - ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS QUE FORAM DICIONARIZADAS POR CALDAS AULETE.....	116
ANEXO 3 – QUADROS COMPLEMENTARES –NEOLOGISMOS FORMAIS.....	117
ANEXO 4 – QUADROS COMPLEMENTARES – NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS.....	118

Introdução

A idéia de se construir um glossário a partir das palavras neológicas encontradas na obra poética de Gonçalves Dias, surgiu por ocasião de nossa participação no projeto intitulado "Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil," desenvolvido pelo Professor doutor Evandro Silva Martins, na Universidade Federal de Uberlândia. Esse projeto visa, principalmente, a perenização dos neologismos literários em um dicionário, com o intuito de facilitar as pesquisas de seus usuários.

Nesse sentido, desenvolvemos o nosso próprio projeto que fará parte desse projeto maior. Assim, nosso trabalho tem como objetivo geral investigar e selecionar as palavras neológicas formais e semânticas presentes em toda a obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça” de Gonçalves Dias. E como objetivos específicos: levantar o vocabulário de toda a obra referida e analisar e classificar o valor significativo dos neologismos literários. Feito isso, elaboramos um glossário neológico a partir dos neologismos extraídos dessas obras.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, utilizamos como *corpus* de exclusão o Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva (1813) e o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete (1881).

De posse de tais dicionários, realizamos a consulta nas obras lexicográficas supracitadas para identificar a existência de vocábulos neológicos em toda a obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça” de Gonçalves Dias.

Esta pesquisa, a princípio, focalizava apenas a obra “Primeiros Cantos.” Assim, devido aos poucos neologismos encontrados nesta obra, acrescentamos toda a obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça” do poeta maranhense Gonçalves Dias, extraindo delas os neologismos usados pelo referido escritor. Esse poeta e prosador deixou uma obra extensa, constando nela poesia e teatro, além dos estudos históricos, etnográficos e lingüísticos.

A obra de Gonçalves Dias representa um marco do Romantismo no Brasil, principalmente, devido ao seu valor literário, pois ele soube imprimir-lhe uma linguagem rica e carregada de expressividade e, com isso, consagrou-se para a posteridade, tornando a sua arte literária imortal.

Além disso, ele nos deixou valorosas contribuições por meio de suas obras, às quais têm inspirado a muitos poetas contemporâneos e, sobretudo, enriquecido as aulas de literatura de nossas escolas de ensino fundamental e médio.

Como artista da palavra, esse poeta soube explorar bem os vários aspectos da criação lexical, tanto na poesia quanto no teatro. No transcorrer da pesquisa, percebemos a presença de alguns neologismos literários usados na construção de frases elaboradas, que se estendem por vários versos, com múltiplos desdobramentos e inversões, justificáveis por razões métricas ou efeito de ênfase.

A nossa hipótese é que o vocabulário empregado por Gonçalves Dias, em sua obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça”, contém neologismos, evidenciando, assim, a capacidade criadora do poeta, conforme percebeu Nilce Sant’Anna Martins (1988), na obra *História da Língua Portuguesa - V. Século XIX*.

Neste contexto, após a análise de algumas lexias neológicas, tanto formais quanto semânticas, podemos inferir que Gonçalves Dias legitima-se pela sua inventividade, por meio da criação lexical. Além disso, foi um poeta que soube inovar a língua e imprimir nela novas asserções que possibilitassem ampliar o seu caudal lexical, a fim de que obtivesse maiores recursos lingüísticos para exprimir seus pensamentos, emoções e desejos, retratando as suas percepções de mundo e solidificando ainda mais as bases da Literatura Nacional.

Diante disso, acreditamos, portanto, que esta pesquisa será muito proveitosa aos alunos do ensino fundamental e médio e, sem dúvida, aos do Curso de graduação em Letras.

Torna-se, por conseguinte, viável a realização deste trabalho, tendo em vista a relevância de se levantar o vocabulário de um autor como Gonçalves Dias, objetivando sua perenização.

Para melhor organização deste trabalho, dividimo-no em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos os aspectos históricos e literários da vida do poeta maranhense Gonçalves Dias, bem como as características do romantismo; na sequência, classificamos as várias obras gonçalvinas, além de realizarmos uma caracterização das principais poesias e de sua obra teatral; finalmente, apresentamos Gonçalves Dias como o poeta indianista.

No segundo capítulo, o da fundamentação teórica, demos destaque aos principais teóricos que nortearam as áreas da Lexicologia e Lexicografia.

O terceiro capítulo apresenta a análise dos neologismos e notas explicativas com informações que os complementem. Neste capítulo, além disso, elaboramos o glossário das palavras neológicas identificadas.

CAPÍTULO I - GONÇALVES DIAS CONSOLIDA AS BASES TEMÁTICAS DO ROMANTISMO

Este capítulo subdivide-se em cinco partes. A primeira trata da situação histórica do período de 1780 a 1850, que foi um período de grandes mudanças no campo social, político, econômico e cultural e foi um momento decisivo para o país, pois contou-se, nesta época, com o movimento de independência, com a efervescência democrática do período regencial e, com um misto de patriotismo e exaltação verbal; a segunda parte relaciona as características do Romantismo, salientando a significativa atuação de Gonçalves Dias neste movimento literário. Já na terceira parte, apresentamos as várias obras gonçalvinas e na quarta parte elaboramos uma breve caracterização da obra poética e teatral; e, finalmente, na quinta parte apresentamos Gonçalves Dias como o poeta indianista.

1.1 Momento Histórico-Cultural da Época de Gonçalves Dias/do século XIX

O autor Antônio Gonçalves Dias viveu de 1823 a 1864¹, tendo, portanto, uma vida curta, entretanto, muito produtiva e promissora. Segundo Afrânio Coutinho (1969), ele cresceu em meio a uma convulsão social, pois os anos que antecederam ao seu nascimento até os últimos anos de sua vida foram marcados por várias transformações nos planos econômicos, político, social e ideológico.

No plano internacional, o movimento romântico da Europa influenciou vários países, notadamente, o Brasil, porque este movimento é um reflexo da Revolução Industrial (1760, na Inglaterra) e da Revolução Francesa (1789). Esta revolução leva o país a um longo período de lutas, pela ascensão da burguesia e combate ao movimento conservador das monarquias européias: Áustria, Rússia e Prússia.

Nesse cenário de lutas, o Iluminismo vai impulsionar o movimento com idéias de um governo democrático, eleito pelo povo, de liberdade, de igualdade, de justiça social e dos direitos humanos.

¹ Nasceu Antônio Gonçalves Dias no sítio Boa Vista, a catorze léguas de Caxias, no Maranhão, filho de negociante português João Manuel Gonçalves Dias e de Vicência Mendes Ferreira, mestiça separada do marido: afirma-se que nas veias de Vicência corria sangue negro e índio, donde julgarem alguns que também por essa circunstância, de ser o fruto do cruzamento das três raças básicas da nacionalidade, Gonçalves Dias pode ser considerado o poeta brasileiro por excelência. (RAMOS, 1997, p. 9)

Nesse contexto histórico, Portugal foi invadido pelas tropas napoleônicas em 1808, e D. João VI, fugindo de Napoleão, desembarcou no Rio de Janeiro neste mesmo ano. Desse modo, dos atos de D. João VI que tiveram ressonâncias culturais expressivas, segundo Afrânio Coutinho (1969), destacam-se: a abertura dos portos às nações amigas; a instalação de bibliotecas e escolas superiores, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, local onde Gonçalves Dias prestou relevantes serviços, inclusive a confecção do Dicionário da Língua Tupi, bem como, a fundação das Faculdades de Direito de São Paulo e de Olinda, em Recife, criadas em 1828; a permissão para o funcionamento de tipografias e o início da atividade editorial e da imprensa periódica.

Assim sendo, com a chegada da Corte, o Rio de Janeiro passou por um processo de urbanização, tornando-se, assim, campo propício à divulgação das novas influências européias. A Colônia caminhava rumo à independência.

Alcançada a independência em 1822, um verdadeiro clima de euforia cultural tomou conta do Brasil.

Após a abdicação de D. Pedro I, em 1831, iniciou-se o período regencial, que vai até 1840, quando o poder legislativo proclama a maioria do príncipe, que se torna D. Pedro II. Nesse período ocorreram várias revoltas populares, tais como: Sabinada (Bahia), Balaiada (Maranhão), Cabanagem (Pará), Farroupilha (Rio Grande do Sul).

Mesmo depois de proclamada a maioria do Imperador, continuaram os movimentos revoltosos, como as revoltas liberais de São Paulo e Minas Gerais, em 1842, e em 1849 irrompeu a Rebelião Praieira em Pernambuco. Tais lutas internas foram caracterizadas por vários poetas, dentre eles Gonçalves Dias e Castro Alves, com a sua poesia social e libertária, cultivada com valorosas expressões de liberdade em todos os setores. Conforme afirma o crítico Afrânio Coutinho (1969): à liberdade política, à autonomia de consciência, correu paralela à rebelião literária. Assim, Gonçalves Dias, apesar de desprezar a política, considerando-a "sórdida manceba", não deixou de lado as questões sociais, pois sabia pôr em seus poemas um forte acento social e, por isso, tornou-se, ao lado de outros românticos, um grande defensor dos menos favorecidos, dentre eles, os negros, os índios, os seringueiros, os jangadeiros, os vaqueiros e os pobres em geral. Percebe-se esta característica de sua poesia social nos poemas "A Escrava", "Meditação", "A Mendiga", em que ele lança mão de recursos que o distinguem de outros poetas, usando uma linguagem direta e severa em seu sentido

imagístico para dar um tom profético às verdades que aí expõe, em sua reprovação enérgica contra a escravidão do negro e do índio.

Nessa perspectiva, Gonçalves Dias, juntamente com José de Alencar, Castro Alves e vários outros poetas românticos deram um enérgico impulso para a alforria, por meio da poesia e da prosa; sendo que o seu prenúncio já surgia com a Lei Eusébio de Queirós, promulgada em 1850, proibindo o tráfico de escravos, para culminar, depois, com as Leis do Ventre Livre e da Alforria dos Sexagenários até a lei Áurea de 1888, que extingüia a escravidão no Brasil.

Conclui-se, assim, que Gonçalves Dias foi e será sempre lembrado como portavoz dos oprimidos. Pois, usava seu talento para protestar contra as tiranias e injustiças sociais, ao mesmo tempo em que valorizava a pátria e os elementos que a compõem.

1.2 Romantismo

O Romantismo teve sua origem na Inglaterra e na Alemanha, porém, coube à França a função de divulgar o movimento para outros continentes. Filho da burguesia, o Romantismo foi, a princípio, otimista, humanitário e fraternal. Acreditava-se na bondade inata do homem, idealizava-se o amor, amava-se a natureza, aspirava-se à liberdade e à igualdade para todos. Desse modo, alguns teóricos literários acreditam na impossibilidade de defini-lo como um todo, visto que, para eles, fragmentá-lo dentro de um conceito é o mesmo que desvalorizá-lo, não levando em conta as características que o permeiam. No entanto, Afrânio Coutinho (1969), vendo no Romantismo um conjunto de traços temáticos, assim se expressa:

O Romantismo aparece como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico - individual e de época. É um período estilístico, consoante a nova conceituação e terminologia, e a perspectiva sintética, que tendem a vigorar doravante na historiografia literária. É, ademais, um conjunto de atividades em face da vida e um método literário. (COUTINHO, 1969, p. 1)

É notável o quanto esta conceituação abrange toda a significação do Romantismo; correlacionando-o a um movimento unificado e não isolado, fazendo parte, ao mesmo tempo, de um estilo individual e de época.

O crítico Antônio Cândido (1975) percorrendo a respeito do Romantismo, salienta que:

O Romantismo, porém, revoga tudo a novo juízo: concebe de maneira nova o papel do artista e o sentido da obra de arte, pretendendo liquidar a convenção universalista dos herdeiros de Grécia e Roma, em benefício de um sentimento novo embebido de inspirações locais, procurando o único em lugar do perene. (CÂNDIDO, 1975, p.23)

Nesse sentido, segundo Hibbard, literato muito citado por Afrânio Coutinho (1969), podemos destacar as várias características que compõem o espírito romântico: Individualismo e Subjetivismo, senso do Mistério, Escapismo, Reformismo, Sonho, Fé, Culto da Natureza, Retorno ao Passado, Pitoresco e Exagero.

Com relação às características do Romantismo, pode-se salientar que muitas delas estão presentes nos poemas de Gonçalves Dias. Temos como exemplo:

- Individualismo e subjetivismo:

O culto da mulher amada é uma constante em seus poemas, por isso, há uma supervalorização dos lábios, dos olhos, de várias partes do corpo feminino, que é tido como símbolo da pureza feminil.

- Culto da Natureza:

O culto da natureza está relacionado aos sentimentos saudosistas do poeta. A melodia do poema associada às imagens simbólicas nos remete à grandiosidade do poder divino e do sublime patriotismo com que o poeta carrega seus versos.

- Sonho:

O sonho é uma das vertentes do Romantismo pelo qual o poeta se envereda em busca de um mundo desconhecido, caminha por terras incógnitas, utilizando-se de personagens fictícios, penetrando, assim, num mundo desconhecido, num mundo imaginário que suplanta o seu fastidioso mundo real.

- Fé:

O espírito romântico é guiado pela fé, pois, como idealista, ele acredita na imortalidade da alma e aspira a um mundo melhor. Por isso, a preocupação com a dimensão do espírito é uma constante em sua vida, porque ele se vê como um mensageiro que pode contribuir para a melhoria do mundo.

Além dessas características mencionadas, o Romantismo diferencia-se ainda por traços formais e estruturais e, em relação a esses traços, o crítico Afrânio Coutinho (1969) afirma que:

Como decorrência da liberdade, espontaneidade e individualismo, no romântico há ausência de regras e formas prescritas. A regra suprema é a inspiração individual, que dita a maneira própria de elocução. Daí o predomínio do conteúdo sobre a forma. O estilo é modelado pela individualidade do autor. Por isso, o que o caracteriza é a espontaneidade, o entusiasmo, o arrebatamento. (COUTINHO, 1969, p. 7)

Baseando-se nestas informações, nota-se, com efeito, que tanto Gonçalves Dias quanto outros autores românticos não se deixaram prender pelas regras prescritivas e deram vazão à inspiração e à improvisação, reagindo contra os postulados classicistas e desprezando os aspectos técnicos da arte. Sendo assim, romperam com as tradições literárias. Desse modo, há quem aponte em sua obra alguns deslizes gramaticais. Entretanto, para ele, mais importante do que a forma era o conteúdo.

Outro aspecto assaz importante em sua obra é a temática nacional, sendo que a valorização da história e do passado nacional constitui uma das principais preocupações do Romantismo. Dessa forma, os escritores brasileiros não estariam mais presos à inspiração das paisagens portuguesas, rompendo de vez com esta dependência, porquanto bastava olharem ao redor de si e encontrariam a perfeita inspiração para suas obras.

Dentro da temática social, pode-se mencionar a História do Brasil, as lendas do nosso passado e a glorificação do índio, segundo comenta Afrânio Coutinho (1969). Essas temáticas são sugestões e fontes de inspiração da arte e da literatura, aliás, de todo o espírito e civilização brasileira.

Neste contexto, pode-se afirmar que Gonçalves Dias exaltou, principalmente, o sentimento de honra e valentia do índio e tal característica será abordada de forma mais detalhada no item sobre o indianismo. Ele tratou, também, de temas consagrados pelo Romantismo, como poeta lírico-amoroso (amor, saudade, tristeza, melancolia), mas nunca se deixou levar pelo exagero de sentimentalismo. Nessa linha temática, destacam-se, entre outros, os poemas: "Se se morre de amor", "Como? És tu?", "Ainda uma vez - adeus!", "Seus olhos".

Além desses temas, ele expressou profundamente o sentimento de solidão e do exílio ("Canção do exílio") e compôs poesias religiosas, discorrendo sobre os elementos da natureza ("O Mar", "A Noite", "A Tarde").

Enfim, Gonçalves Dias atinge o máximo de sua arte no indianismo, sendo considerado o maior poeta indianista de nossa literatura².

1.3 A obra

O progresso ocorrido no Brasil durante a estadia da Corte portuguesa propiciou um clima cultural e literário. Com isso, o Rio de Janeiro, além de ser a sede do governo, tornou-se a capital literária do país. Com a liberdade de prelos, ocorreu um intenso movimento de imprensa, misturando-se, assim, a literatura e a política com suas características próprias do período. Destarte, o jornalismo assumiu papel preponderante no meio político e literário, na difusão de notícias ou na tradução de livros, mantendo, dessa forma, um contato com os grandes centros culturais do mundo. E isso favoreceu uma renovação cultural de nossa literatura, aliás, este fato foi o germe da independência intelectual do Brasil.

Mas, como salienta Afrânio Coutinho (1969), foi a poesia lírica a expressão literária dominante nessa fase de transição. Nota-se, com efeito, que a poesia reflete todo um momento cultural vivido pela sociedade da época e que atravessou os séculos conquistando a simpatia de muitos.

A respeito da poesia, Antônio Cândido (1975) afirma que:

O poeta romântico não apenas retoma em grande estilo as explicações transcendentais do mecanismo da criação, como lhes acrescenta a idéia de que a sua atividade corresponde a uma missão de beleza, ou de justiça, graças à qual participa duma certa categoria de divindade. Missão puramente espiritual, para uns, missão social, para outros - para todos, a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior. É o bardo, o profeta, o guia. (CÂNDIDO, 1975, p. 27)

Baseando-se nisso, pode-se afirmar que Gonçalves Dias utiliza-se de sua criatividade para tentar decifrar o mundo que está à sua volta; e, assim, integra o grupo daqueles que pautam suas vidas em busca de um bem maior; sendo que a sua missão vai muito além do que se imagina, pois ele representa e denuncia, em seus versos, o mundo no qual está inserido e, por isso, a sua arte tem um destino superior.

² Gonçalves Dias retratou em sua obra as três raças formadoras do povo do Brasil: o índio, o português e o negro, e assim se diz, como Otto Maria Carpeaux, que é o nosso "primeiro poeta verdadeiramente nacional". Sua poesia também se destaca pelo apuro estilístico e pelos recursos técnicos que empregou com sobriedade e saber. Essa gama incomum de atributos levou José Veríssimo a considerá-lo "o maior e mais completo poeta do Brasil", juízo de que não dissente Carpeaux, por declarar que Gonçalves Dias é "superior aos outros românticos" e aceitar que muitos estudiosos o repute não apenas a culminância do romantismo brasileiro, mas "o maior poeta do Brasil". (L&PM POCKET, 2001, p. 05)

Assim sendo, Gonçalves Dias deixou-nos uma vasta obra, quais sejam: "Primeiros Cantos", "Segundos Cantos", "Sextilhas de Frei Antão", "Últimos Cantos", "Novos Cantos", "Os Timbiras", "Beatriz Cenci", "Leonor de Mendonça", "Patkull", "Boabdil", "O Brasil e a Oceania" e, ainda, um "Dicionário da Língua Tupi".

Vale destacar que Gonçalves Dias é um poeta integralmente brasileiro, embora alguns o considere como sendo português, devido à sua sintaxe e até mesmo o seu léxico assemelhar-se ao lusitano. Entretanto, a sua sensibilidade, o seu gosto traduz a sua nacionalidade e o que mais comprova a sua origem brasileira era o sangue das três raças formadoras do povo brasileiro que lhe corria nas veias: o índio, o negro e o branco. Por isso, mesmo vivendo uma parte de sua vida em Portugal, ele, apesar de exposto às influências literárias daquelas plagas, soube ressaltar a sua originalidade, porque ela estava bem fecundada pelas tradições brasileiras.

Em razão disso, ele era diferente de Gonçalves Magalhães, ou dos portugueses Garret e Castilho e, de acordo com Antônio Cândido (1975), tendo estes últimos passado da lição neoclássica para a aventura romântica, têm duas etapas na obra e, se ainda são clássicos na segunda, é porque não se livraram da primeira; diferente deles, Gonçalves Dias é plenamente romântico, e o que há nele de neoclássico é fruto de uma impregnação de cultura e de sensibilidade, não da participação no decadente movimento pós-arcádico. Ademais, conforme expõe Antônio Cândido, foi graças a esta dupla impregnação, que sua obra guardou o harmonioso balanceio que o distingue dos sucessores. Estes, seguindo o pendor da época, conseguiram apreender e mesmo exagerar muito da sua riqueza melódica, nem sempre lograram reequilibrar-se pela assimilação paralela da sua grande intuição estilística.

Dentre os seus sucessores, um que merece destaque é Castro Alves que difere dele pelo seu temperamento tumultuoso, extremamente romanesco, ao passo que Gonçalves Dias tem uma sensibilidade mais apurada e menos ardente. A sua harmonia para ser sentida necessita de participação ativa da inteligência.

Por isso, os contemporâneos foram mais argutos que alguns críticos posteriores, ao verem sem hesitar o caráter nacional do seu lirismo. De acordo com Antônio Cândido (1975), o que talvez não tivessem visto (porque se tratava, então, de aspirar ao contrário) foi a continuação, nele, da posição arcádica de integrar as manifestações da nossa inteligência e sensibilidade na tradição ocidental. Percebe-se, então, que ele enriqueceu esta tradição, ao lhe dar novos ângulos para olhar os seus velhos problemas estéticos e psicológicos.

Desse modo, embora tratando de temas universais em seus poemas, Gonçalves Dias era extremamente particularista, pois tinha o gosto pela solidão. E, nesse momento de enlevo, quando o homem olha para dentro de si mesmo, este poeta contemplava a imensidão, buscando a eternidade, como fuga para seus muitos desgostos e decepções. Todavia, apesar de ser um homem solitário, soube imprimir em seus versos a poesia religiosa, que enriqueceu seus poemas, retratando a divindade, o universo e o infinito, por que tanto ansiava.

Portanto, Gonçalves Dias soube elevar o nível de sua obra, buscando retratar temas universais como: o amor, a saudade, a pátria, impregnando seus versos com um sentimentalismo grandioso, buscando atingir a arte suprema.

1.4 Caracterização da obra poética e teatral de Gonçalves Dias

Gonçalves Dias suscita um conceito de poesia com os sentimentos que o poeta traz na alma, relacionando, assim, o pensamento com o sentimento. Nesse sentido, percebe-se, na poética de Gonçalves Dias, a questão da métrica, rima, ritmo, imagística, linguagem, técnica expressional, temática, tudo isso desperta particular curiosidade. Discute-se muito, conforme afirma Afrânio Coutinho (1969), por que, em estrofes obedientes à regularidade métrica, se encontram versos que ora têm uma sílaba a mais, ora uma sílaba a menos. Uns acham errados esses versos - como Alberto de Oliveira; outros tentam justificá-los, e até o fazem habilmente, como Manuel Bandeira. Ambos, entretanto, se esquecem de que o poeta maranhense menosprezava a metrificação, conforme ele mesmo afirma:

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir. (PRIMEIROS CANTOS, 1998, p. 17)

O poeta Gonçalves Dias soube fixar em seus poemas elementos genuinamente brasileiros, constituindo-se em um missionário da beleza, dando à sua arte um destino superior, tornando-se o guia dos futuros poetas, sendo, portanto, um dos expoentes da poesia brasileira. Com isso, deixou-nos um patrimônio precioso que são suas obras.

A obra poética de Gonçalves Dias pode ser dividida em três gêneros: lírico, épico e dramático, podendo, ainda, incluir os seguintes gêneros: trovadoresco, bíblico,

satírico, circunstancial e outros mais, porquanto ele muda de feição à medida de suas necessidades. Entretanto, deter-nos-emos nos três primeiros gêneros, para que o texto não se torne prolixo.

As composições líricas do Cantor dos Timbiras enquadram-se dentro do tema do amor, da exaltação da natureza e da pátria. Em sua lírica amorosa, salienta os seus vários casos amorosos, dentre eles, o seu amor fracassado por Ana Amélia, porque não tinha fortuna e, principalmente, por causa do preconceito racial, pois ele estava longe de ser nobre, de “sangue azul”, nem tampouco era filho legítimo. Desse modo, ao ser desprezado pela família daquela que tanto amava, chora de dor e, ao mesmo tempo, é repreendido pela moça, como sendo um covarde, que é incapaz de raptá-la para poder viverem juntos um grande amor. Percebe-se aí a dor, o sofrimento, a solidão e a presença constante da razão perdendo espaço para o coração, encerrando, assim, um contínuo paradoxo. Desse modo, destacamos algumas de suas poesias líricas mais famosas: "Olhos verdes", "Se se morre de amor", "Ainda uma vez - Adeus", escrita no dia do seu reencontro, em Lisboa, com aquela que o amava ainda (Ana Amélia), "Minha vida e meus amores".

O poema lírico amoroso “Olhos verdes” foi inspirado num grande amor que o poeta viveu e que quase lhe custou a vida num duelo:

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte,
Diz uma – vida, outra – morte;
Uma – loucura, outra – amor
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!
(POEMAS, 1997, p. 145)

Este poema não foi escrito para Ana Amélia, mas sim, para uma moça que conheceu no Rio de Janeiro e por quem se apaixonou, por volta de 1848. Essa moça tinha os olhos verdes e foi inspirado neles que Gonçalves Dias conseguiu compor muitos de seus poemas líricos. No entanto, não foi esse o grande amor de sua vida.

Conforme foi dito anteriormente, foi a Ana Amélia, para quem escreveu seus melhores poemas líricos como “Se se morre de amor!” Vejamos um pequeno excerto deste poema:

Amor é vida; é ter constantemente
 Alma, sentidos, coração – abertos,
 Ao grande, ao belo; é ser capaz d’extremos,
 D’altas virtudes, té capaz de crimes!
 Compr’ender o infinito, a imensidade,
 E a natureza e Deus; gostar dos campos,
 D’aves, flores, murmúrios solitários;
 Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
 E ter o coração em riso e festa;
 E à branda festa, ao riso da nossa alma
 Fontes de pranto intercalar sem custo;
 Conhecer o prazer e a desventura
 No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
 O ditoso, o misérrimo dos entes:
 Isso é amor, e desse amor se morre!
 (POEMAS, 1997, p.93)

Podemos notar neste poema que Ana Amélia muito inspirou o poeta maranhense, pois, mesmo sendo um amor fracassado que existia entre eles, ele cultivava viva a lembrança daquela que tanto amava. Todavia, foi preciso que Gonçalves Dias experimentasse um amor com sacrifício, para se esmerar mais em seus versos, um dos feitos dos grandes poetas que vivem um amor mal correspondido e mesmo assim são capazes de amar intensamente. E foi isto que sucedeu ao poeta maranhense que conseguiu, depois de tanto sofrer, tirar da pena o poema “Ainda Uma Vez Adeus”, conforme fragmento transcrito a seguir:

I

Enfim te vejo! – enfim posso,
 Curvado a teus pés, dizer-te,
 Que não cessei de querer-te,
 Pesar de quanto sofri.
 Muito penei! Cruas ânsias,
 Dos teus olhos afastado,
 Houveram-me acabrunhado,
 A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
 Derramei os meus lamentos
 Nas surdas asas dos ventos,
 Do mar na cressa cerviz!
 Baldão, ludíbrico da sorte
 Em terra estranha, entre gente
 Que alheios males não sente,
 Nem se condói do infeliz!
 (POEMAS, 1997, p. 86)

Esse poema é uma dolorosa página de psicologia como raramente há escrito. De acordo com Afrânio Coutinho (1969), ninguém terá sido tão patético no sentimento de culpa, coisa que faz esquecer a parte inglória do seu lirismo amoroso. Parte inglória que constitui o motivo da sua anterior auto-acusação, conforme expressa em seu poema “Minha vida e meus amores”:

O amor sincero, e fundo, e firme, e eterno,
 Como o mar em bonança meigo e doce,
 Do templo como a luz perene e santo,
 Não, nunca o senti; - somente o viço
 Tão forte dos meus anos, por amores
 Tão fáceis quanto indí'nos fui trocando.
 Quanto fui louco, ó Deus! – Em vez do fruto
 Sazonado e maduro, que eu podia
 Como em jardim colher, mordi no fruto
 Pútrido e amargo e rebuçado em cinzas,
 Como infante glutão, que se não senta
 À mesa de seus pais.
 (PRIMEIROS CANTOS, 1998, p. 58)

Neste poema, o poeta deixa entrever seu sentimentalismo, pois como estudante apreciava muito as conquistas amorosas e dentre elas está a filha da hospedeira de Lisboa, a Engrácia de Coimbra e a moça de Formoselha, compondo, assim, os seus três amores vividos em Portugal.

A lira de Gonçalves Dias é variada e experiente, feita de um ramo em flor. Ele a escreveu nas mais diversas circunstâncias sentimental e psicológica, nas mais variadas geografias, quer seja no Doiro ou nas vagas do Atlântico, quer seja nos píncaros do Gerez, como nas florestas virgens da América. A verdade é que todas essas mudanças muito enriqueceram os seus poemas, trazendo-lhe uma circunstancial experiência no seu fazer poético.

No lirismo idílico, Gonçalves Dias retrata o brasileirismo, a grandeza da pátria, ligada aos elementos que a engrandecem. Assim sendo, o seu poema "Canção do exílio" é incomparável aos outros. Vejamos um pequeno fragmento deste poema:

Minha terra tem palmeiras
 Onde canta o sabiá;
 As aves que aqui gorjeiam
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 (PRIMEIROS CANTOS, 1998, p.19)

O poema "Canção do exílio" é indianista, segundo afirma Afrânio Coutinho (1969), por ser indígena na parte formal (palavras como palmeiras, sabiá) e no próprio sentimento ingênuo de saudade, típico das canções indígenas.

De acordo com Manuel Bandeira, se Gonçalves Dias tivesse escrito apenas este poema, já seria o bastante para nunca ser esquecido por seu povo, na exaltação de sua pátria e de sua gente, pois este poema foi escrito em Portugal, quando ele encontrava-se longe de sua pátria saudosa, num momento de inspiração, no seu exílio em Coimbra, para estudos. O poema citado foi escrito em redondilhas maiores (versos de sete sílabas), opondo a natureza brasileira à lusitana, valorizando-se a primeira. Percebe-se, aqui, um forte nacionalismo romântico e um extremado saudosismo.

O referido poema é superior por vários motivos: por causa da melodia; por ser uma canção mais do que um poema; por causa de certas palavras-chaves, como "sabiá"; por causa da rima por aliteração de fonemas iniciais (primores, palmeiras); por não possuir um único adjetivo qualificativo (COUTINHO, 1969, p.77).

Já no seu lirismo panteísta, percebemos uma correlação psíquica entre os elementos da natureza e os sentimentos do homem. O poeta utiliza-se das coisas da natureza para enfatizar os seus sentimentos ou fazer uma comparação entre a beleza de sua amada e o primor da paisagem natural: "Eu a vi, que se banhava.../Era bela, ó Deuses, bela, /Como a fonte cristalina, /Como luz de meiga estrela. (Primeiros Cantos). Nota-se a presença dessas características nos poemas: "O Canto do índio", "Leito de folhas verdes", "Canção do exílio", e em "O Romper d'alva", ou no canto inicial de "Os Timbiras".

Com relação ao gênero dramático, podemos apontar o poema "I-Juca Pirama," como uma verdadeira obra-prima, que foi feita para ser lida e não para ser representada. Este poema é notável pelo argumento humano, pela carga lírica que encerra, pela linguagem em que foi expresso, pela variedade de ritmo e movimentos que integram a sua estrutura. A rotação psicológica do poema, as alternativas de pasmo e exaltação, se realiza de modo impecável na estrutura melódica. Nos movimentos marcados pela variação de ritmo e amparados na escolha dos vocábulos. Assim, Antônio Cândido (1975) afirma que este poema tem uma configuração plástica e musical que o aproxima do bailado. É mesmo, talvez, o grande bailado da nossa poesia, com cenário, partitura e riquíssima coreografia, fundidos pela força artística do poeta. Na sequência apresentamos um pequeno excerto do poema:

Meu canto de morte,
 Guerreiros ouvi:
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci,
 Guerreiros, descendo
 Da Tribo Tupi.

Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci;
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.

(ÚLTIMOS CANTOS, "Poesias Americanas")

Este poema discorre sobre o drama vivenciado por Juca-Pirama, o último descendente da tribo Tupi, que foi aprisionado pelos Timbiras, uma tribo inimiga. Ele, então, pede para ser libertado, pois o pai era velho e cego. O Cacique Timbira dá o seu consentimento e diz com certo gracejo que eles não querem comer a carne de um fraco, pois pode enfraquecer os fortes. Quando ele é solto, retorna para junto de seu pai. Assim, pelo cheiro forte das tintas que sai do seu corpo, o pai percebe que ele fora aprisionado e depois libertado; o pai, contrafeito, revolta-se contra o filho e ordena que ambos se dirijam à tribo dos Timbiras. Quando lá chegaram, o filho é amaldiçoado. Ele, então, põe-se em violenta luta contra a tribo inimiga e vence-a. O Chefe Timbira pede-lhe que pare, e pai e filho se abraçam felizes por ter preservado a dignidade de sua tribo.

Para Antônio Cândido (1975), a importância estética do "I-Juca Pirama", para compreender a poesia gonçalvina, está na “variedade de movimentos que integram à sua estrutura” (CÂNDIDO, 1975, p.87).

Assim, ocorre no poema um movimento incessante de certos pontos em repouso, forma-se uma coreografia, marcada por uma cadência vagarosa, evidenciando no ritmo as cenas dramáticas que compõem o texto do autor.

No gênero épico, destaca-se o poema "Os Timbiras", poema americano dedicado à Majestade D. Pedro II. Conforme elucida Alfredo Bosi (1981), dos 16 cantos só chegaram a ser publicados quatro, em 1857. Nesse poema, Gonçalves Dias construiu uma epopéia nacional, inspirado nos feitos e costumes de uma raça que tanto amou e exaltou. Na seqüência apresentamos um fragmento do texto para melhor compreendermos a força poética presente em seus versos:

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.
 De uma onça bicolor cai-lhe na frente
 A pel'vistosa; sob as hirtas cerdas,
 Como sorrindo, alvejam brancos dentes
 E nas vazias órbitas lampejam
 Dois olhos, fulvos, maus. No bosque, um dia,
 A traíçoeira fera a cauda enrosca
 E mira nele o pulo: do tacape
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo.
 Onde estavam seus pés as duras garras
 Encravam-se, enganadas, e onde as garras
 Morderam, beija a terra a fera exangue
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.
 (OS TIMBIRAS, 2001, p. 32)

Neste poema, a narrativa é repleta de cor e movimento, o verso por ser medido é branco, e isso possibilita identificar o gênero épico. Assim, percebemos a presença do sonho, do mito e do maravilhoso, como elementos típicos do épico, uma vez que o índio vive numa atmosfera fabulosa.

Já em seus "Hinos", nota-se a contemplação do mundo e a busca pela eternidade. O autor utiliza-se, assim, de elementos da natureza como substância de reflexão, transfigurando-as para o mundo real. Percebe-se isto em vários poemas presentes no Livro "Primeiros Cantos", tais como: "O Mar", "Idéia de Deus", "O Romper d'alva", "A Tarde", "O Templo". O fragmento abaixo, do poema "a Tarde" é um exemplo que comprova tais características:

Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amores,
 Mãe da meditação, meu doce encanto!
 Os rogos da minha alma enfim ouviste,
 E grato refrigério vens trazer-lhe
 No teu remansear prenhe de enlevos!
 Em quanto de te ver gostam meus olhos,
 Em quanto sinto a minha voz nos lábios,
 Em quanto a morte me não rouba à vida,
 Um hino em teu louvor minha alma exale,
 Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amores!
 (PRIMEIROS CANTOS, 1998, p.145)

A invocação da tarde remete à meditação, que transborda em encanto, trazendo consigo uma eloqüente tranquilidade, pois é o enlevo desejado pelo poeta, ao ver seus rogos atendidos.

Já no poema intitulado "Idéia de Deus", notamos a exaltação do altíssimo, da suprema perfeição, do Pai celestial. O poeta, certamente, quando compôs estes versos,

manteve-se numa profunda inspiração com os seres sublimes que gravitam em torno de nós, sempre prontos a nos intuir:

Oh! Como é grande o Senhor Deus, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abismo aos céus, que susta as iras
Do pélago fremente,
A cujo sopro a máquina estrelada
Vacila nos seus eixos,
A cujo aceno os querubins se movem
Humildes, respeitosos,
Cujo poder, que é sem igual, excede
A hipérbole arrojada!
Oh! Como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodígios.
(PRIMEIROS CANTOS, 1998, p. 139-140)

Neste poema, o poeta expressa a grandeza desse Ser supremo que é Deus, que tudo vê, tudo sabe e tudo comanda com apenas um leve pensamento. A magia deste poema está encoberta pela excelsitude do Senhor dos mundos que tudo provê e tudo ama com a sua infinita bondade.

Segundo Afrânio Coutinho (1969), como poeta complexo que foi, Gonçalves Dias cultivou com igual grandeza o lírico, o épico, o dramático. Como todo grande poeta, suscitou polêmicas ligadas ao seu ofício. Ensaçou a prosa poemática, primeiro passo para o atual verso livre; criou uma linguagem poética característica nas Sextilhas de Frei Antão; agitou a questão prosa-poesia no drama, como se vê no prólogo de Leonor de Mendonça:

É ainda por isto que eu, inimigo de quanto é ou me parece prólogo, nem só os escrevo, como também os leio com prazer, quando eles são feitos, não com o fim de encarecer o merecimento de uma obra que já pertence à crítica e ao público, mas para que o autor nos revele qual foi o seu pensamento, qual a sua intenção, o que pertence exclusivamente ao autor e à arte: ao autor, para que o público se não deixe dominar por juízos ou mal-entendidos ou mal-intencionados; à arte, para que os principiantes em tal carreira não desacoroçoem com os seus ensaios, sem dúvida imperfeitos, e não dêem de mão às belas-letas pela desproporção que de necessidade acharão entre o seu pensamento e a sua expressão. (LEONOR DE MENDONÇA, 1976, p. 6)

Assim, a inventividade do poeta dos Timbiras foi tão notável que ele podia ter usado vários heterônimos, conforme sugere Afrânio Coutinho (1969), como a princípio se lembrou de fazer, quando assinou as Sextilhas com o nome de Frei Antão de Santa Maria de Neiva.

Gonçalves Dias revela seu pendor para a heteronímia quando escreveu numerosos poemas sem assiná-los e publicou-os como sendo "traduzidos". Todavia, traduzidos por quem? Certamente por algum amigo de Frei Antão...

A verdade é que o poeta da "Canção do exílio" tinha muitas faces que o completaram, dando-lhe circunspecção, que contribuíram para a formação do seu comportamento, consolidando-o como o homem de poesias, sem deixar de ser exato, realista, cômico da sua arte.

De acordo com Afrânio Coutinho (1969), para que nada faltasse às várias faces do poeta, escreveu ele diversos *hinos*, como os que se intitulam "Hino ao dia 28 de julho", "Hino dos Reis Magos" (além dos hinos "A Noite", "O Meu Sepulcro", "A Tempestade" etc.) alguns sonetos como os da série sem título (cinco) e os que têm por epígrafes, respectivamente, "A Esmeralda", "A Cláudio Frollo", "Ao Quasímodo", "A Notre Dame de Victor Hugo"; numerosos poemas de circunstância, inclusive a sátira "Que cousa é um Ministro", como os que se referem a aniversários, datas históricas e relações de amizade: "A Restauração do Rio Grande do Sul", o soneto "Ao aniversário de S. M. I.", "A Independência do Maranhão", "No Álbum de d. Luísa Amat", "A Partida da Atriz"; "A Certa Autoridade", "D. Emília" etc. Figuram todos, ou quase todos, nas suas *Poesias Póstumas*, publicadas por seu amigo Antônio Henriques Leal.

Podemos perceber a infinidade de poemas que compõe a obra poética de Gonçalves Dias, além daquelas que ele não assinou. E foi o seu empenho em criar uma obra de valor que lhe exaltou diante do povo brasileiro, que já o tinha adotado como poeta, repetindo e cantando os seus poemas em todas as regiões brasileiras.

Nesse sentido, para concluirmos esta parte do trabalho, é relevante mencionarmos que a obra poética de Gonçalves Dias, sem dúvida, é a mais complexa do nosso período romântico, já que abrange vários gêneros poéticos e possibilita uma série de pesquisas relacionadas à poesia. Além disso, trata do ritmo dentro do verso, nas relações de um verso para com outro; com a presença nos versos de rimas, encadeamentos e paralelismo. Em suma, com notáveis elementos expressivos. Desse modo, se quisermos examinar a invenção de Gonçalves Dias, mais brasileiro, ainda, de acordo com Afrânio Coutinho (1969), não faltarão dois curiosos pormenores: o trovadorismo sertanejo do nordeste, que sob mais de um aspecto revive o dos medievais; e os arcaísmos portugueses que se transformaram em "brasileirismos" ou são, pelo menos contraditórios em nosso linguajar inculto.

Enfim, a obra poética de Gonçalves Dias é um compêndio rico para a nossa Literatura e, sobretudo, para a nossa pesquisa, que consiste em analisar os neologismos presentes em tal obra, a fim de compor, ao término, um glossário dos mesmos. Pode-se, pois, destacar que sua contribuição foi valiosa ao levar para a escrita literária o que estava apenas na oralidade, enriquecendo o nosso acervo lexical, uma vez que o poeta ou o escritor tinha a autoridade para decidir o que devia ser lexicalizado. A partir do momento em que mencionava alguma palavra em seus escritos, ela ganhava prestígio lingüístico e algumas delas eram registradas nos dicionários. Desse modo, nas duas obras lexicográficas de época compulsadas nessa pesquisa, percebe-se o registro de várias lexias seguidas dos seus respectivos autores. Levando-se em conta a criatividade lexical de Gonçalves Dias, ressalta-se que ele criou algumas lexias neológicas, a fim de suprir suas necessidades, visto que os recursos do dicionário, às vezes, não atendiam, por completo os seus anseios lingüísticos. Por isso, ele teve que lançar mão da criação de novas palavras, atribuindo-lhes novos sentidos, para compor seus poemas. Assim, ele criou a sua própria linguagem, para alcançar seus objetivos. Aliás, a linguagem poética de Gonçalves Dias não se fez só com palavras, pois ele tinha, não só palavras, mas palavras novas a dizer ao mundo.

1.5 Gonçalves Dias, o poeta indianista

A temática indianista na poética de Gonçalves Dias se apresenta pelo forte colorido e pelo ritmo vigoroso, musical. De acordo com Afrânio Coutinho (1969), Ele foi o único que conseguiu dar uma dimensão poética ao tema do índio. Apesar de idealizado, o índio gonçalvino está mais próximo da realidade que o índio de José de Alencar. Para tanto, ele foi um exímio conhecedor da tradição, dos costumes e da língua dos nativos. Vale ressaltar que o Padre José de Anchieta, no século XVI, foi o introdutor do tema indianismo no Brasil; já Basílio da Gama e Santa Rita Durão, no século XVIII, prepararam o caminho para que Gonçalves Dias consolidasse o Romantismo no Brasil por meio de seu indianismo. Portanto, ele é considerado o maior poeta indianista de nossa literatura.

Desse modo, Afrânio Coutinho (1969) define o indianismo gonçalvino da seguinte forma:

O seu indianismo seria, como os seus poemas de amor, autobiográfico. Viajasse pelo Rio Negro ou residisse em Paris, ou em Coimbra, ou em Dresde, o índio residia dentro dele; em seu sentimento, na sua imaginação poética. Não lhe vinha de torna-viagem, como para outros indianistas do seu tempo, que o antecederam ou sucederam; estava-lhe no corpo, alimentava-lhe a personalidade. Era uma força secreta, em estado de legítima defesa (COUTINHO, 1969, p. 72).

Nota-se, com isso, que o tema indianismo era algo que o poeta dos Timbiras já trazia latente em seu seio desde a infância, pois, sendo mestiço, ele trazia em suas veias o sangue de três raças: o índio, o negro e o branco. Dentre estas, trazia, principalmente, o sangue indígena, que ele aprendeu a amar, a defender e a exaltar por meio de suas poesias americanas.

É importante ressaltar que sua poesia indianista não tem nenhuma relação com o indianismo das narrações folclóricas, não foi à toa que ele desmistificou o mito das amazonas; seu índio é heróico, leal e de elevada moral, como o I-Juca Pirama.

Assim, percebe-se que o indianismo exótico europeu, como o de Chateaubriand e Cooper, não influenciaram em nada o índio do Trovador dos Timbiras, já que este foi buscar nas selvas e culturas indígenas a inspiração necessária para fundamentar suas poesias americanas, com um estilo bem nativista, desprezando a superficialidade do mitificado e literário índio europeu.

Ainda, segundo Afrânio Coutinho (1969), seu índio é real, pois ele excursiona pelo Rio Madeira na Amazônia, de cuja navegabilidade se tornou adepto; convive com os índios bolivianos cuja língua estudou; na viagem pelo Rio Negro foi até a Venezuela, através de muitos óbices, mas em contato permanente com índios e caboclos para melhor conhecer a região, o rio e a população selvagem.

As poesias americanas que retratam o índio brasileiro podem ser divididas dentro das seguintes obras: Primeiros Cantos: "Canção do exílio", "O Canto do guerreiro", "O Canto do piaga", "A Deprecação", "O Canto do índio"; Nos Segundos Cantos: "Tabira"; Nos Últimos Cantos: "O Gigante de pedra", "O Leito de folhas verdes", "I-Juca Pirama", "Marabá", "Canção do tamoio", "A Mãe d'Água"; Nas Poesias Póstumas: "Poema americano" e "O índio".

Assim sendo, segundo Afrânio Coutinho (1969), que foi exaustivamente mencionado neste trabalho, pelas suas relevantes pesquisas empreendidas acerca da obra gonçalvina, pode-se salientar que o indianismo de Gonçalves Dias é três vezes autêntico pelos seguintes fatos:

- a) Pelo sangue (era ele filho de uma guajajara com um português);
 - b) Pelo conhecimento direto dos indígenas com os quais conviveu (quando menino e nas excursões pela Amazônia);
 - c) Pelos estudos que realizou (Brasil e Oceania, Vocabulário da Língua Tupi, etc.).
- (COUTINHO, 1969, p. 75)

Nesse sentido, nenhum autor enriqueceu mais a nossa etnografia que Gonçalves Dias, que não só celebrou o índio como o estudou, tornando-se um verdadeiro precursor da nossa etnografia. Assim sendo, ele tinha uma grande preocupação com a língua e, por isso, enveredou para os estudos lingüísticos, tornando-se um profundo conhecedor da nossa língua e aproveitou esse conhecimento para enriquecer seus versos com a criação de neologismos, pois, sempre que o dicionário lhe faltava com a palavra adequada, ele recorria à criação lexical, com isso, satisfazia suas necessidades e, ao mesmo tempo, enriquecia a língua com novos vocábulos.

Por isso, podemos classificá-lo como sendo o “poeta dos poetas”, pois sua poesia é incomparável, o seu estilo é original, criado por ele mesmo, se bem que, para conquistá-lo, “bebeu” em outras fontes, leu os clássicos, contudo, não ficou preso a eles, conforme expõe Antônio Cândido (1975):

Gonçalves Dias é um grande poeta, em parte pela capacidade de encontrar na poesia o veículo natural para a sensação de deslumbramento ante o Novo Mundo, de que a prosa de Chateaubriand havia até então sido o principal intérprete. O seu verso, incorporando o detalhe pitoresco da vida americana ao ângulo romântico e europeu de visão, criou (verdadeiramente criou) uma convenção poética nova. Esse cock-tail de medievismo, idealismo e etnografia fantasiada nos aparece como construção lírica e heróica, de que resulta uma composição nova para sentirmos os velhos temas da poesia ocidental. (CÂNDIDO, 1975, p. 84)

Assim, Gonçalves Dias, não só nos legou uma obra preciosa, como também recebeu de muitos colegas deferência e afeto. Além de consagrar-se para a posteridade e influenciar poetas de vulto dentro da academia romântica. Como exemplo, podemos citar Fagundes Varela que o tem como mestre indianista e a ele dedica um poema. Conheçamos um pequeno fragmento deste poema:

Grande Gonçalves Dias! Dêsses páramos
 Onde viver sonhava, e vive agora
 Tua alma gloriosa, envia, ó mestre,
 Envia-me o sêgrêdo da harmonia
 Que levaste contigo! Assim, apenas
 Meu santo empenho vencerei contente!

Ainda, segundo Afrânio Coutinho (1969), depois de Varela, a tentativa de criar poemas indianistas é de Machado de Assis com as suas “Americanas”. No entanto, nem Varela, nem Machado conseguiram rivalizar com o mestre, cuja autenticidade e originalidade, por muito marcante, continuaria solitária.

Além de Varela e Machado de Assis, Olavo Bilac se encanta com o tema do indianismo e compõe “A Morte do Tapir”, apresentando alguns defeitos nos versos alexandrinos, mas isto não o impede de escrever um soneto a Gonçalves Dias:

Celebraste o domínio soberano
Das grandes tribos, o tropel fremente
Da guerra bruta, o entrecocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente, etc. etc.

Desse modo, Olavo Bilac não se prende apenas a esse soneto e a seu indianismo, mas, desejando demonstrar a sua estima ao poeta dos Timbiras, escreve uma página de louvor a ele.

Conforme exposto acima, sua obra seria fonte de inspiração para que as novas gerações aprendessem o Romantismo. E, assim, todos os poetas seguintes, de Junqueira Freire a Castro Alves, aprenderam com Gonçalves Dias.

Não foram só estes poetas que o consagraram, mas todas as escolas literárias, inclusive o Modernismo, legaram-lhe um tributo por ter consolidado o Romantismo com o seu indianismo. Assim, muitas academias o reviveram, e a chama ardente de seu indianismo foi passada de geração a geração e até hoje, em plena contemporaneidade, ele é pesquisado e exaltado por suas relevantes contribuições no campo da Literatura.

A verdade é que o poeta maranhense, além de poeta, era exímio conhecedor da língua e dos costumes de seu povo e isso lhe favoreceu a criatividade no seu fazer poético.

Parafraseando Antônio Cândido (1975), com relação à importância da obra gonçalvina na vida de muitos poetas e escritores, percebemos que, apesar destes terem destacado a sua “poesia nacional”, o indianismo, nele encontraram muito mais: o modo de ver a natureza em profundidade, criando-a como significado, ao mesmo tempo em que a registravam como realidade; o sentido heróico da vida, superação permanente da frustração; a tristeza digna, refinada pela arte; no terreno formal, a adequação dos metros à psicologia, a multiplicidade dos ritmos, a invenção da harmonia segundo as necessidades expressivas, o afinamento do verso branco. Desse modo, o autor referido

ainda salienta que, mesmo quando se abandonaram à incontinência afetiva e à melopéia; mesmo quando buscaram modelos em poetas estrangeiros – sempre restava neles algo de Gonçalves Dias, cuja obra, rica e variada, continha, inclusive, o germe de certos desequilíbrios, que as gerações seguintes cultivarão.

Portanto, Gonçalves Dias é um grande poeta que não só ofereceu contribuições valiosas ao Romantismo, mas, também, legou-nos um estudo aprofundado da cultura indígena, trabalhando de forma brilhante todos os temas iniciais desta escola literária: a natureza pátria, a religiosidade, o sentimentalismo, o espírito de brasilidade, entre outros temas. Ele, portanto, vive e viverá na nossa literatura, como uma das figuras literárias brasileiras célebres.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, enfatizamos os fundamentos teóricos que vão orientar e, ao mesmo tempo, embasar a análise do *corpus*. Desse modo, será dividido em seis partes. A primeira parte trata do "léxico" e apresenta uma reflexão de acordo com os posicionamentos de alguns teóricos. A segunda parte, intitulada "Lexicologia e Lexicografia", faz a distinção entre a Lexicologia e a Lexicografia. Na terceira parte, realizamos um breve estudo do dicionário. Já na quarta parte, tecemos comentários sobre o glossário. Na quinta, abordamos a macroestrutura e microestrutura do glossário e, por fim, na sexta parte, desenvolvemos o item sobre o neologismo, de acordo com as perspectivas dos estudiosos já mencionados.

O léxico tem por função modelar a língua e compor o código lingüístico, a fim de que os indivíduos de determinada comunidade lingüística possam se utilizar do mesmo código para codificar e decodificar mensagens entre si. Para o estudo do léxico, apoiamo-nos em: Guilbert (1975) e Barbosa (1981).

Para o estudo da Lexicologia e da Lexicografia, enfocamos vários teóricos que deram suas contribuições nestas duas ciências, e dentre eles, salientamos: Matoré (1953), G. Haensh (1982), Barbosa (1981,1989) e Biderman (2001).

Com relação ao Dicionário, destacamos os seus principais representantes teóricos: G. Haensh (1982), Vilela (1995), Biderman (2001). Na parte referente à Macroestrutura e à Microestrutura do Glossário, focalizamos as abordagens desenvolvidas pelos autores acima relacionados.

E, por fim, a teoria sobre neologismos a partir das obras de Matoré (1953), Guilbert (1975), Riffaterre (1979), Barbosa (1981), Carvalho (1984), Boulanger (1990), Alves (1990), Sablayrolles (1996) e Biderman (2001).

Tendo em vista que este trabalho pretende elaborar um glossário a partir da análise dos neologismos encontrados, faz-se mister destacar que esses tópicos são assaz importantes para viabilizar tal empreendimento. As obras lexicográficas de exclusão, citadas anteriormente, desempenham papel preponderante, pois foi por meio delas que verificamos se as lexias que compõem o *corpus* são ou não neologismos.

Portanto, o estudo das várias abordagens relacionadas acima, faz parte da fundamentação teórica, visando ao desenvolvimento do suporte teórico que é fundamental para a consolidação desta pesquisa.

2.1 O Léxico

O léxico representa o saber internalizado de uma comunidade lingüística, ou seja, todo o material armazenado pelos falantes no decorrer do tempo, já que a palavra é o instrumento precioso da lexicologia e, por meio dela, os indivíduos se comunicam, fazendo uso do mesmo código lingüístico. Podemos, pois, definir o léxico, segundo Guilbert (1975), como sendo um "conjunto de palavras que existem e que existiram em uma tradição lingüística, mais ou menos distante, sendo que o aspecto social transparece no conceito de tesouro da língua" (GUILBERT, 1975, p. 46)³.

Em vista disso, o léxico como sendo um conjunto de palavras é um repositório lingüístico de uma sociedade que busca armazenar o saber lingüístico adquirido ao longo do tempo e este saber é partilhado por outros membros desta comunidade e, assim, sucessivamente, este saber vai passando de uma geração a outra.

Para Biderman (2001), "o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural" (BIDERMAN, 2001, p. 9). Desse modo, podemos conhecer a cultura de determinado povo por meio de seu léxico, porque ele é uma janela aberta que transparece toda história de uma sociedade.

Pottier (1974) afirma que

O léxico de uma comunidade lingüística se constitui de um conjunto de lexias memorizadas e virtuais. As lexias em estado de dicionário são designadas 'vocábulos' e registram-se, lingüisticamente, enquanto norma de uso dos indivíduos, membros de uma comunidade sócio-lingüística-cultural-ideológica (POTTIER, 1968 *apud* TURAZZA, 1996, p.117).

Assim, sabendo-se que língua, sociedade e cultura são inseparáveis, não é viável estudar o seu léxico isoladamente, pois a sua conjuntura deixa transparecer os valores, as crenças e os costumes de um grupo, assinalando também todas as inovações tecnológicas e as mudanças sócio-econômicas e políticas ocorridas no âmbito social.

Com efeito, o léxico reflete todos os aspectos sócio-culturais de uma sociedade e os dicionários procuram reter do léxico as palavras que perfazem um modelo sócio-cultural, conforme expõe Guilbert (1975), quando afirma que "o dicionário de língua

³ Nossa tradução do original em Francês: *L'ensemble des mots qui existent et qui ont existé dans une tradition linguistique plus ou moins lointaine. L'aspect social transparaît dans le concept de 'trésor' de la langue* (GUILBERT, 1975, p. 46).

serve para definir um determinado uso do léxico, uma norma lexical em relação ao conjunto da comunidade lingüística"⁴ (GUILBERT, 1975, p. 46). Nota-se, com isso, que o dicionário é o arcabouço lingüístico capaz de preservar as palavras que são transmitidas de geração a geração, e, sem ele, elas podem até deixar de existir.

Assim sendo, o léxico é assaz importante em todas as sociedades, pois ele retrata a trajetória de uma civilização por meio das idades, elucidando seus aspectos sócio-culturais. Dessa forma, o léxico é muito mais abrangente do que se possa conceber; ele, conforme salienta Barbosa (1981), "é o reflexo do universo das coisas, das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade" (BARBOSA, 1981, p. 77).

Nesta perspectiva, o léxico reflete o mundo que está à nossa volta, com suas nuances multifacetadas, partindo dos microssistemas aos macrossistemas, passando em revista fatos corriqueiros e acontecimentos transcendentais, demonstrando com singularidade a performance dos mais variados acontecimentos que permeiam o dia-a-dia dos indivíduos.

Assim, é notório o quanto o léxico é capaz de englobar as diferentes áreas de especialidades, solucionando as suas necessidades lingüísticas e permitindo ainda a poetas, escritores, jornalistas e todos aqueles que querem inovar na língua, a criação lexical.

Logo, quanto maior for este tesouro lexical de que o indivíduo é portador, maior será a sua competência lingüística, visto que este acervo é imensurável e inesgotável por mais que alguém viva e o use.

2.2 Lexicologia e Lexicografia

Conceituando a Lexicologia e Lexicografia, pode-se afirmar, segundo Barbosa (1989), que "Lexicologia e Lexicografia configuram duas atividades, duas posturas e dois métodos face ao léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a Lexicologia, como estudo científico do léxico" (BARBOSA, 1989, p. 1).

Nessa perspectiva, Barbosa (1989) comenta que, na realidade, a complexa questão se estende à própria multissignificação de tais disciplinas. Assim, por exemplo,

⁴ Nossa tradução do original em Francês: *Le dictionnaire de langue sert donc à définir un certain usage du lexique, une norme lexicale par rapport à l'ensemble de la communauté linguistique*"(GUILBERT, 1975, p. 46).

os discursos lexicográficos são concomitantemente registros de palavras e objeto de estudo da Lexicografia como investigação fundamental: esta, por sua vez, objeto da metalexicografia, enquanto epistemologia da ciência lexicográfica.

Isso acontece porque os discursos da Lexicologia e da Lexicografia estão no plano da multissignificação, apesar de não estarem dissociadas uma da outra, pois ambas têm como papel fundamental a descrição do léxico.

É importante salientar também as considerações do lexicólogo e lexicógrafo G. Haensch (1982), que conceitua a Lexicologia como "a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo"⁵ (HAENSCH, 1982, p. 92-93).

Desse modo, a lexicologia tem como papel principal descrever o léxico de uma língua em seus vários contornos e matizes, buscando retratá-lo dentro de um sistema individual ou coletivo.

E para a Lexicografia, o referido autor comenta:

Para todo o domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e na descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas lingüísticos individuais e dos sistemas lingüísticos coletivos, reservamos o termo 'Lexicografia'⁶ (HAENSCH, 1982, p. 93).

Nesta perspectiva, a Lexicologia firma-se nos dados lexicográficos e estes, por sua vez, necessitam dos enfoques lexicológicos, ou seja, o lexicógrafo, para estudar a palavra, necessita de uma teoria lingüística.

É relevante destacar também as contribuições de Matoré (1953). Esse estudioso define a Lexicologia como sendo o resultado de um estado muito avançado, porque pode considerar, num futuro imediato, grandes sínteses que, fundadas sobre os estudos dos vocabulários, seriam capazes de refletir aspectos da evolução de uma civilização. Segundo este autor, a Lexicologia pode sempre, num plano didático e também na

⁵ Nossa tradução do original em Espanhol: *Llamaremos 'lexicologia' a la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo* (HAENSCH, 1982, p. 92-93).

⁶ Nossa tradução do original em Espanhol: *Para todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término de 'Lexicografia'* (HAENSCH, 1982, p. 93).

coordenação de trabalhos lexicográficos, que são realizados sobre um período determinado, se esforçar para classificar, ao menos aproximadamente, a reunião dos fatos do vocabulário de um estado de sociedade.

Percebe-se, com isso, a estreita relação entre a lexicologia e os aspectos sociais, pois a partir do vocabulário, que abrange o universo de todas as palavras de uma dada língua, pode-se conhecer a história de uma sociedade, porque o léxico reflete a cultura de um povo; sendo assim, a sociologia vai utilizar-se do léxico, como material precioso para suas pesquisas.

Para Matoré (1953), a palavra é dotada de um contexto social e vai de qualquer maneira refletir sobre o pensamento individual. Desse modo, nota-se que a palavra traz consigo uma carga ideológica que é transmitida de geração a geração, cristalizando em si fatos sócio-culturais que vão refletir depois sobre o pensamento individual. Por isso, a palavra é um fato social.

Para finalizar esta parte do trabalho, recorramos às explicações de Biderman (2001). Segundo ela, a Lexicografia está se expandindo muito e atualmente assumindo modalidades diversas em função do vasto público, das grandes massas sedentas de informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo. Devido a isso, o dicionário tornou-se um objeto indispensável.

2.3 Dicionário

Com a expansão do comércio e com o crescente desenvolvimento da indústria, o homem sentiu necessidade de ampliar suas fronteiras, conquistar novos mercados e, conseqüentemente, dominar outras nações. Com isso, ele se depara com sérias dificuldades lingüísticas. Desse modo, para contornar tais dificuldades, o mesmo se vê obrigado a expandir seus conhecimentos lingüísticos. Para tanto, começa a confeccionar dicionários. Surgem então, os primeiros dicionários.

Nesse sentido, os dicionários buscam listar as palavras em ordem alfabética, na tentativa de facilitar a vida de seus usuários. Dessa forma, o dicionário é um produto da Lexicografia e, como tal, procura registrar as palavras de uma língua. Além dele, existem também o glossário, o vocabulário, a enciclopédia e outros.

O dicionário é de vital importância para a perpetuação de uma dada língua, pois ele é o repertório lingüístico de uma sociedade. Assim, ele registra o saber de um grupo

social, a fim de que esse conhecimento possa ser partilhado com outros membros deste grupo.

Sobre isso, Vilela (1995) faz a seguinte afirmação:

A comunidade lingüística codifica o seu saber acerca do mundo no seu dicionário de um modo prático, mas não reflete de modo total a língua, nem a própria realidade armazenada. Aliás, há outros testemunhos acerca do "arranjo" que a língua representa: a comunidade segmenta lingüísticamente a realidade de acordo com os seus interesses religiosos, culturais, econômicos, etc. (VILELA, 1995, p. 95).

Assim sendo, o dicionário facilita e muito as relações sociais, porquanto é o intermediário do passado histórico com o presente de uma sociedade e é por meio dele que o saber armazenado por um grupo social se transfere de uma geração a outra.

Neste contexto, existem vários tipos de dicionários e Biderman (2001), para defini-los, assim se expressa:

Existem vários tipos de dicionários monolíngües, os dicionários de língua, os dicionários analógicos (ou ideológicos), os dicionários temáticos ou especializados (de verbos e/ou regência verbal, de sinônimos e antônimos) os dicionários etimológicos, os dicionários históricos, os dicionários terminológicos das diferentes áreas do conhecimento (BIDERMAN, 2001, apud OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 131).

Baseando-se nesta referência, percebemos a variedade dos tipos de dicionários, pois, eles buscam suprir as necessidades dos mais diversos segmentos humanos e atendem a quase todas elas.

O que diferenciam os dicionários monolíngües dos bilingües, segundo Dubois & Dubois (1971, p. 13), é que se as entradas e as definições pertencem à mesma língua, os dicionários são monolíngües ou unilingües, se as línguas são diferentes, os dicionários são bilingües ou multilingües. Ainda, de acordo com este autor, a maioria dos estudiosos consultados considera que as definições em um dicionário bilingüe são do mesmo tipo que as de um glossário: "um termo é traduzido na outra língua por uma série de sinônimos".

O dicionário de língua é o tipo mais comum. Entre os dicionários de língua, os modelos mais usuais na contemporaneidade são: o dicionário padrão e o dicionário geral da língua, além dos dicionários escolares e infantis. Desse modo, Biderman (1980) apresenta a seguinte definição para o dicionário padrão:

Um dicionário padrão é um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas idéias e sentimentos com a maior precisão e propriedade possíveis, utilizando o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma. (BIDERMAN,1980, p. 27)

Assim, o dicionário tipo padrão, além de orientar seus consulentes, facilita-lhes expressar idéias e sentimentos, exercendo, assim, um papel fundamental no âmbito de uma comunidade.

A macroestrutura relaciona-se com a extensão do dicionário. Para isso, devemos saber para qual público este será destinado, pois, a sua extensão dependerá do seu público-alvo.

Nesta perspectiva, cada uma das modalidades de dicionários, explicitadas anteriormente, tem como parâmetro o total das entradas, ou acepções elencadas. Já o dicionário-padrão possui uma macroestrutura de 50.000 palavras-entrada, aproximadamente; o dicionário escolar tem uma nomenclatura de aproximadamente 25.000 palavras-entrada; e o dicionário infantil possui uma nomenclatura de 10.000 palavras.

Com relação à macroestrutura e à microestrutura, Vilela (1995) salienta que:

O dicionário abrange uma macro-estrutura: o conjunto das entradas e as partes complementares (como introdução, apêndice, etc) e uma microestrutura: a entrada e o tratamento dado a essa entrada através da rede de relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas (como sinonímia, antonímia, polissemia, etc) e relações pragmáticas (área de uso, frequência, níveis de língua, etc. (VILELA,1995, p. 78).

Desse modo, os dicionários possuem uma estruturação interna: a macroestrutura ou nomenclatura e a microestrutura. A primeira refere-se à demonstração vertical ou grupo de palavras-entrada de que compõe o dicionário. Já a segunda estrutura, que é a horizontal, organiza-se em verbetes.

Com relação à organização da macroestrutura, Haensch (1982) salienta que "O elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras"⁷ (HAENSCH,1982, p.452).

⁷ Nossa tradução do original em Espanhol: *El elemento más importante de la macroestructura de un diccionario es la ordenación de los materiales léxicos en conjunto, que puede ser por orden alfabético (9.4.1.1), por orden alfabético inverso (9.4.1.3), por familias de palabras (también 9.4.1.1)* (HAENSCH, 1982, p. 452).

Este autor considera as entradas do dicionário como sendo chamadas também de artigos e, segundo ele, o artigo é a menor unidade autônoma de um dicionário. Cada artigo se compõe do "lema", chamado também de palavra-chave. Sendo lema, para o lexicógrafo, a parte enunciativa de um artigo, cujo objetivo é a descrição e explicação deste. O restante do artigo corresponde à parte definitória, chamada também de corpo do artigo.

Baseando-se nesses dados, o verbete inicia-se sempre por uma entrada, que é a unidade léxica a ser explicada, e, desse modo, o verbete é a entrada e o conjunto de informações que ela contém. Assim, a estrutura do verbete é esse conjunto de informações e o verbete é estruturado por uma rotulação taxionômica, um sistema definitório e um sistema de abonações.

Com isso, na confecção de um verbete, o elemento de maior destaque é a definição da palavra-entrada. Importa ressaltar que a definição da palavra é o papel mais importante de um dicionário, apesar de que as abonações e citações de textos, literários ou não, são também de suma importância para o reconhecimento do significado das palavras.

Portanto, dentre os cuidados que os lexicógrafos precisam ter destaca-se a compreensão do sentido das palavras pelos consulentes, para que estes não precisem ir consultar outros dicionários para esclarecer suas dúvidas.

Nota-se, portanto, que o dicionário viabiliza em muito a vida das pessoas, pois fornece informações precisas a uma comunidade lingüística, além de assegurar a vida útil das palavras.

2.4 Glossário

O glossário pode ser definido como um conjunto de palavras listadas de uma obra, com seus respectivos significados. Desse modo, em nosso glossário, buscamos definir os neologismos gonçalvinos, a fim de suprir as necessidades de nosso público-alvo, que são os professores das mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo, de letras; os alunos dos diversos níveis de escolaridade que se propuserem a ler a obra analisada e a todos aqueles interessados em conhecer o léxico usado por Gonçalves Dias, em sua obra poética e teatral.

Assim, as definições serão formuladas de acordo com a estrutura conceptual e formal em que os vocábulos se encontram, com o intuito de referendarmos o nosso

trabalho com clareza e objetividade, facilitando, assim, a compreensão dos neologismos literários pelos usuários na obra do referido autor, que é o objeto de estudo desse trabalho.

No que concerne às definições, é preciso evitar as definições circulares, que são aquelas que remetem o usuário a outro verbete, e este, além de não explicar o seu significado, envia o consulente ao verbete inicial. Geralmente, esses problemas de definição estão mais presentes nos sinônimos.

Assim sendo, o lexicógrafo Mário Vilela (1983) faz uma distinção entre a definição léxica / lexicográfica e a definição lógica, sendo que a definição lógica terá de identificar o definido de modo inequívoco, enquanto que a definição léxica enumera apenas os traços semânticos essenciais.

Nessa perspectiva, a definição léxica terá que seguir as regras próprias, sugeridas pelo lexicógrafo citado, dentre elas, destaca-se:

- A definição deverá estabelecer uma relação entre o geral (gênero) e o individual (espécie);
- a definição não poderá ser formulada negativamente, se for possível, formulá-la positivamente;
- a definição não pode ser circular (explicação de uma unidade por outra, e de esta por aquela).

Nota-se, com isso, que as definições assumem um papel fundamental na composição do glossário, pois são elas que vão esclarecer os consulentes e quanto mais bem elaboradas forem, menos dúvidas deixarão.

Com relação às diferenças que existem entre um glossário e um dicionário, pode-se afirmar, segundo Crispim (1990) que:

A realização do glossário de uma obra medieval participa de algumas das dificuldades gerais de qualquer obra lexicográfica no que toca, nomeadamente, à escolha das unidades sujeitas a codificação, às decisões sobre a seleção dos lemas, sobre as informações a figurar nos artigos, etc. distingue-se, no entanto, de um dicionário ou de um dicionário especializado (áreas científicas, de actividade, etc.) por uma característica que o torna, simultaneamente, instrumento auxiliar de uma mais clara compreensão do texto e fonte de conhecimento de um estado de língua diferente: as unidades que o lexicógrafo selecciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um acto de fala produzido num dado tempo e lugar. Nesta perspectiva, um glossário será "dicionário de discurso" e não "dicionário de língua" (CRISPIM, 1990 *apud* BARBOSA, 1995, p. 20).

Baseando-se nessas informações, concebe-se um glossário como sendo um instrumento auxiliar de uma mais clara compreensão do texto, conforme explicitado acima, todavia, o seu valor não desmerece o dicionário de língua.

Percebe-se, assim, que há inúmeras diferenças entre o dicionário, o vocabulário e o glossário e uma delas reside, principalmente, no nível lingüístico de que forma parte o *corpus* estudado, conforme salienta Lúcia Rivera Dominguez (1985):

Se o *corpus* se baseia na língua, teremos dicionários e léxicos, porém, se o *corpus* pertence a fala, resultarão vocabulários e glossários (...) Léxico e dicionário por um lado, e vocabulário e glossário por outro, podem definir-se também se se considera a delimitação do *corpus* empregado para as análises. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala⁸ (DOMINGUEZ, 1985 *apud* BARBOSA, 1995, p. 19).

Nessa perspectiva, os dicionários estão no plano da língua enquanto os glossários e os vocabulários no da fala. Apesar desses dois últimos estarem no plano da fala, existem alguns critérios qualitativo-quantitativo básicos, segundo delineia Barbosa (1995), que os distinguem. Para a autora, enquanto o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso - que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados - configura, pelo menos, uma norma lexical discursiva, já o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas.

Assim, o vocabulário revela-se, por excelência, representativo de vários textos ao passo que o glossário focaliza apenas um texto manifestado. Em razão disso, o dicionário identifica-se mais com o vocabulário que com o glossário. Por isso, segundo Vilela (1995), o vocabulário se opõe a dicionário e glossário, pois o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos de um setor determinado duma língua e glossário é o vocabulário desconhecido e inusitado de um autor, de uma escola ou de uma época. Assim, ficam bem claras as fronteiras que delimitam o campo de ação do dicionário, do vocabulário e do glossário.

⁸ Nossa tradução do original em Espanhol: *Si el dato se basa en la lengua, tendremos diccionarios y léxicos, pero si el corpus pertenece al habla, resultarán vocabularios y glosarios (...) Léxico y diccionario por un lado, y vocabulario y glosario por el otro, pueden definir-se también si se considera la delimitación del corpus empleado para el análisis. El vocabulario y el glosario están limitados por las peculiaridades del habla (...)* (DOMINGUEZ, 1985, p. 3.).

Desse modo, o glossário, sendo um catálogo de palavras, assemelha-se muito ao vocabulário, embora não seja um vocabulário propriamente dito, conforme exposto acima, pois é mais específico que este e composto por palavras incompreensíveis, que dificultam o entendimento do texto pelo leitor. Devido a isso, elas se encontram no glossário com suas respectivas definições, explicando os termos difíceis contidos em uma obra, tornando, assim, compreensível o texto aos leitores menos experientes. Assim sendo, comumente, os glossários aparecem unidos às obras a que fazem referência e eles não se atêm somente às palavras difíceis, mas também, ao seu valor semântico e formal, que são os neologismos literários, a matéria-prima deste estudo.

2.5 Macro e microestrutura do Glossário

Sabemos da importância do glossário enquanto obra de consulta, pois é grande seu valor pedagógico na construção do conhecimento de uma determinada sociedade. Assim, essa obra esclarece a noção do termo empregado, definindo-o dentro de seu campo semântico. É por isso que o glossário, neste trabalho, procura elucidar os neologismos literários encontrados na obra poética e teatral pesquisada.

Na elaboração da macroestrutura e microestrutura para um glossário, um dos maiores problemas enfrentados é referente à bibliografia, porque em nossas pesquisas encontramos poucos subsídios teóricos que nos pudessem respaldar e nos esclarecer algumas dúvidas advindas desta elaboração. Assim como no dicionário, o glossário também apresenta sérias dificuldades para a sua confecção, porque, apesar de estar situando o léxico de alguma obra, sua produção acarreta muitos problemas que são encontrados, também, no dicionário.

Nesse sentido, além dos trabalhos de Alves (1998), Biderman (1962, 1977, 1980), Barbosa (1995, 2001) consultados, que se relacionam ao glossário, enfatizamos também os trabalhos realizados por Vilela (1995) e Haensch (1982).

Na composição de um glossário, vários fatores devem ser levados em conta e, dentre eles, destaca-se a questão dos sintagmas nominais, que são normalmente classificados como substantivos. Sendo assim, são elencados os neologismos compostos por dois substantivos ou adjetivos e, principalmente, os neologismos semânticos e os neologismos formais. Além disso, será identificado o valor das lexias complexas, posto que nem todas estas lexias possuem seu valor bem constituído. Vale ressaltar que cabe ao lexicógrafo decidir se as unidades lexicais complexas farão parte

das entradas ou se associarão a outros verbetes como sub-entradas. Neste trabalho, ao analisar alguns neologismos semânticos, preferiu-se manter a lexia complexa para evitar a quebra do sentido da mesma.

Para a montagem do glossário é importante selecionar as palavras dentro de determinada obra. Para tanto, é imprescindível verificar as ocorrências em todos os meios discursivos: na mídia, em geral, em textos e, principalmente, na língua em uso. Neste caso, o glossário será listado a partir da obra poética e teatral de Gonçalves Dias.

Para essa seleção lexical, Vilela (1995) propõe a seguinte estrutura:

- Uma informação gramatical: a categoria a que o item pertence, a sua regência ou valência, o paradigma sintático de realização. Todas estas informações, ou são dadas explicitamente, ou através de exemplos;
- Informações acerca do caráter "fixo" das expressões em que a entrada ocorre: as expressões fixas, o grau de opacidade ou transparência dessas informações;
- Uma informação explícita ou implícita sobre a polissemia e monossemização.

Com relação à microestrutura, o referido autor salienta que esta, em oposição à macroestrutura, é o conjunto de informações que acompanham cada uma das entradas inventariadas e tratadas no dicionário. A decifração do código, a que a apresentação dessas informações obedece, implica uma aprendizagem, um treino específico e bem dirigido e o levantamento das relações que a respectiva entrada comporta com todo o acervo da língua. (VILELA, 1995, p.230).

Na microestrutura encontramos alguns problemas relacionados ao emprego do lexema no contexto do glossário, uma vez que este deriva de três classes de palavras (substantivos, adjetivos e verbos); destaca-se, também, a questão da homonímia x polissemia; sendo que o melhor caminho, segundo Biderman (2001), é considerar homônimas palavras de grafias idênticas, uma vez que, para o usuário é difícil localizar semas comuns aos dois ou mais homônimos.

Diante disso, Vilela (1995) salienta que "na microestrutura temos normalmente a biografia da palavra: o seu "bilhete de identidade", o seu peso e aceitação pela comunidade, a etimologia, a sua idade e posição social, através da caracterização como "arcaica", "desusada", "coloquial", "familiar", "vulgar", "gíria", "calão", etc." (VILELA, 1995, p. 233)

É, pois, na microestrutura que vamos nos deparar com os fatores que permeiam a identidade da palavra, caracterizando-a em seus vários aspectos estruturais. Estes

pequenos detalhes que compõem a microestrutura é que dão ao glossário o seu devido valor, pois eles sedimentam o significado da palavra.

Nesse sentido, Haensch (1982) esclarece que a microestrutura de um dicionário ou de um glossário está relacionada com

um extrato padronizado do conjunto do léxico existente ou de um subconjunto do léxico. Apresenta-se, em geral, em forma de lista (catálogo, repertório) segundo um dos diferentes critérios de ordenação possível. Ao realizar a seleção do léxico total de um conjunto (ou de subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro inventário fechado, que é o que figura em um dicionário, etc., que se elabora. Este inventário, que constitui o corpo de todo o dicionário, glossário, etc., se divide em 'artigos', chamados também 'entradas'⁹ (HAENSCH, 1982, p. 461-462).

Sendo assim, o glossário, enquanto catálogo ou lista de palavras, é compilado a partir de uma obra de determinado autor, à qual será transformada e inventariada em um conjunto fechado de palavras e que, posteriormente, comporá o glossário ou dicionário. Assim, a dimensão da microestrutura é de suma importância na elaboração de um glossário ou dicionário, pois, sem ela, é impossível delinear o seu perfil.

Portanto, em nosso glossário, buscamos atender às necessidades do nosso público-alvo, o que já foi mencionado anteriormente, dando prioridades às definições curtas e, outras vezes, longas, quando for necessário, todavia, sempre com o intuito de serem mais esclarecedoras possíveis. Enfim, é árdua a tarefa de montar um glossário, mas é surpreendente a satisfação que envolvem todos aqueles que se embrenham por esta cansativa, mas recompensadora empreitada.

2.6 Neologismo

Iniciamos este item recorrendo às várias abordagens teóricas de autores que empreenderam vários estudos sobre o neologismo. Assim, é assaz importante registrar tais abordagens nesta revisão teórica.

⁹ Nossa tradução do original em espanhol: (...) [U]n extracto estandarizado del conjunto del léxico existente o de un subconjunto léxico. Se apresenta, por lo general, en forma de lista (catálogo, repertório) según uno de los diferentes criterios de ordenación posibles. Al realizar una selección del léxico total de un conjunto (o de un subconjunto), el lexicógrafo transforma un inventario abierto en otro inventario cerrado, que es el que figura en el diccionario, etc., que se elabora. Este inventario, que constituye el cuerpo de todo diccionario, glosario, etc., se divide en 'artículos', llamados también 'entradas' (...) (HAENSCH, 1982, p. 461-462).

Os neologismos expressam a capacidade criadora dos indivíduos e não estão restritos apenas a uma pequena minoria, notadamente, escritores, poetas, cronistas e pesquisadores da língua, mas também, a criação lexical está na língua do povo, faz parte de seu dia-a-dia, e tem uma participação ativa na construção histórica de uma sociedade. Assim considerando, os neologismos estão ligados a todas as inovações nos diversos segmentos da atividade humana; seja na arte, na literatura, na ciência, na política ou na economia, propiciando mudanças e novidades nessas áreas do conhecimento. Desse modo, a língua é um organismo vivo que está em permanente mudança e desde os primórdios da humanidade a linguagem humana vem evoluindo, com acréscimos de novas palavras no repertório lingüístico dos indivíduos.

Nesse sentido, o avanço do progresso tecnológico propiciou também notável desenvolvimento no campo da teoria da comunicação, resultando, assim, no aumento das pesquisas lingüísticas e, conseqüentemente, no crescimento geométrico do léxico português e também de outras línguas.

Nesta perspectiva, estes avanços clarificaram a potencialidade da língua em seus vários aspectos, preconizando novas descobertas e ampliando as bases teóricas da lingüística, a fim de que esta pudesse acompanhar, paralelamente, as inovações oriundas de tal progresso.

Nota-se, assim, uma maior interpenetração da lingüística com outras ciências, visto que o desenvolvimento destas acarretará uma substancial ampliação do vernáculo científico, ou seja, o termo, que são palavras relacionadas às áreas de especialidades. Com isso, o léxico deve ser amplamente estudado em vários segmentos do saber: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia.

Diante desta realidade, a criação lexical será amplamente difundida no meio social; sendo que o neologismo, na ciência, é chamado tecnotermo, terá um caráter preponderante para o desenvolvimento técnico-científico nos diferentes contextos sociais, vitalizando a língua com um vocabulário mais rico e variado, conforme salienta Barbosa (1981):

Se no discurso técnico-científico a função referencial do neologismo assume a sua plenitude, é nos universos de discurso jornalístico, polêmico, literário e humorístico que se pode notar com maior freqüência, o termo neológico em função conativa (BARBOSA, 1981, p. 94-95).

Diante disso, percebe-se que o neologismo de língua não é uma organização fechada e direcionada apenas aos literatos, jornalistas, publicitários e aqueles ligados às áreas de especialidades; pelo contrário, estão intimamente relacionados ao povo, fazendo parte de sua cultura. Nesse sentido, Guilbert (1975), ressaltando a importância da criatividade lexical, explica que "o código lingüístico pertence a todos os membros da comunidade e cada um pode usar e inventar novas expressões, seja o homem da ciência, o técnico como também o homem do povo"¹⁰ (GUILBERT, 1975, p. 43).

Nesta perspectiva, a neologia lexical teve um grande avanço a partir dos estudos realizados principalmente pelos lexicólogos Matoré (1953), Guilbert (1975), Riffaterre (1979), pelo lexicólogo canadense Boulanger (1979,1990) e por Sablayrolles (1996), que tem conceituado o neologismo a partir de uma oposição entre aspectos formais e semânticos, distinguindo-os e esclarecendo o papel de cada um.

Assim sendo, reportamo-nos ao posicionamento de cada um desses lexicólogos e de outros, no que se refere ao conceito de neologismo. Para o lexicólogo francês Matoré (1953), o neologismo é "uma acepção nova introduzida no vocabulário de uma língua em uma época determinada"¹¹ (MATORÉ, 1953, p.41). Para ele, para que haja a difusão da unidade lexical nova é preciso que ela seja aceita pela comunidade e atenda à necessidade do momento.

Já o lexicólogo Guilbert (1975) conceitua o neologismo como "a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas em um sistema lexical"¹² (GUILBERT, 1975, p.31).

De acordo com Guilbert (1975), a tipologia neológica está fundamentada em postulados determinados com base na observação do funcionamento da língua:

- Uma língua funciona segundo seu próprio código, em função do qual são produzidos atos de discursos e formações lexicais. Tudo que provém de uma outra língua deve ser considerado como próprio de um outro código;
- O neologismo constitui um signo que comporta uma face "significante" e uma face "significado", esses dois componentes são modificados conjuntamente no ato de

¹⁰ Nossa tradução do original em Francês: *Le code linguistique appartient à tous les membres de la communauté qui peuvent en user et inventer, chacun de leur côté, de nouvelles expressions, l'homme de science, le technicien aussi bien que l'homme du peuple* (GUILBERT, 1975, p. 43).

¹¹ Nossa tradução do original em Francês: *Acception nouvelle introduite dans le vocabulaire d'une langue à une époque déterminée* (MATORÉ, 1953, p. 41).

¹² Nossa tradução do original em Francês: *Par la possibilité de création de nouvelles unités lexicales en vertu des règles de production incluses dans système lexical* (GUILBERT, 1975, p. 31).

criação neológica, mesmo se a mutação parece basear-se unicamente na morfologia da palavra ou em seu significado;

- A formação neológica, a exceção viva da expressão onomatopéica não é uma unidade de significação mínima. O estoque lexical de palavras simples se deve a transmissão de geração a geração. A criação resulta da combinação de elementos mais simples existentes na língua, ela reside, então, principalmente no modo de relação entre estes elementos.

- A criação do neologismo não pode ser dissociada da pessoa do locutor que o cria e do enunciado que ele produz em uma dada situação quando se formula a nova palavra.

- O neologismo apresenta um aspecto oral ou escrito no momento de sua formação. Uma ou outra de suas duas formas de produção não poderia ser negligenciada para definir o fonetismo ou o grafismo da palavra nova e a relação que se institui entre as duas formas"¹³ (GUILBERT, 1975, p. 59).

Desse modo, ele classifica as unidades lexicais neológicas em *fonológicas* (formadas com significantes inéditos), *sintáticas* (formadas por derivação prefixal, sufixal, sintagmática e composição), *acronímicas* (formadas por siglas), *semânticas* (formadas por significados inéditos pela mudança de classe gramatical, também designada de conversão, e pela passagem da unidade lexical da língua geral para uma língua de especialidade ou vice-versa) e *por empréstimo* de outros sistemas lingüísticos.

Nesse sentido, Guilbert (1975) ressalta que, antes da palavra ser qualificada como neologismo, é preciso que ela seja recebida por certo número de interlocutores, que a farão entrar nos seus meios de expressão, possibilitando, então, o seu emprego. Todavia, isso só não basta, é necessário que ela seja registrada em um dicionário qualquer, e, com isso, há a consagração de sua existência enquanto elemento lexical da língua.

Devido a isso, o dicionário é o repositório que armazena o léxico de uma cultura, impedindo que este desapareça e possibilitando o seu repasse a outras gerações que virão.

¹³ Tradução do original em Francês: - *Une langue nationale fonctionne selon son propre code en vertu duquel sont produits aussi bien les énoncés de discours que les formations lexicales. Tout ce qui provient d'une langue autre doit être considéré comme relevant d'un autre code. - Le néologisme est un signe linguistique comportant une face 'signifiant' et une face 'signifié'. Ces deux composantes sont modifiées conjointement dans la création néologique, même si la mutation semble porter principalement sur la morphologie du terme ou sur sa signification. - La formation néologique, à l'exception du jaillissement de l'expression onomatopéique, n'est pas une unité de signification minimale. Le stock lexical des mots simples appartient au fonds transmis de génération en génération. La création résulte de la combinaison d'éléments plus simples existant dans la langue: elle réside donc principalement dans le mode de relation entre ces éléments. - La création du néologisme ne peut être dissociée de la personne du locuteur qui le crée et de l'énoncé qu'il produit, dans une situation donnée lorsqu'il formule le mot nouveau. - Le néologisme présente un aspect oral ou écrit au moment de sa formation. L'une ou l'autre de ces deux formes de production ne saurait être négligée pour définir le phonétisme ou le graphisme du mot nouveau et la relation qui s'institue entre les deux formes* (GUILBERT, 1975, p. 58-59).

Diante do exposto, vale ressaltar, ainda, que Guilbert (1975) distingue dois tipos de criatividade lexical: neologia denominativa e neologia estilística. A primeira não reside na vontade de inovação sobre o plano da língua, mas na necessidade de nomear um objeto. Ela responde somente à necessidade de comunicar uma experiência nova, e se inspira não em considerações estéticas, em seu princípio, mas na preocupação da eficácia. Atualmente, encontramos esse tipo de neologismo com frequência, especialmente no mundo da informática e da Ciência, pois a necessidade de se nomearem objetos, surgidos pelo avanço tecnológico e científico, produziu milhares de neologismos, sendo que muitos já estão incorporados na língua.

Já a neologia estilística, que é tida como a mais relevante para esta pesquisa, é uma forma de criação lexical fundada sobre a expressividade da palavra para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, para exprimir de uma forma inédita certa visão pessoal de mundo. Esta forma de criação propriamente do falar poético fabrica uma matéria lingüística nova e uma significação diferente do senso, pois está ligada à originalidade profunda do indivíduo falante, à faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão.

No que se refere à neologia estilística, Riffaterre (1979) a considera como sendo neologismo literário, que é um dos pilares de nossa pesquisa. Este autor faz uma distinção entre o neologismo literário e o neologismo na língua e para Guilbert (1975) este último é a neologia denominativa. Segundo Riffaterre, o neologismo na língua é forjado a exprimir um referente ou significado novo, e seu emprego depende, portanto, de uma relação entre palavras e coisas, em suma, de fatores não lingüísticos; é, antes de tudo, portador de uma significação e não é necessariamente captado como forma insólita. O neologismo literário, ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude desta, às vezes, até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar atenção, porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, depende de relações que se situam inteiramente na linguagem.

Portanto, quer se trate de uma nova palavra, quer de um sentido novo, ou de uma transferência de categoria gramatical, o neologismo literário suspende o automatismo perceptivo, obrigando o leitor a tomar consciência da forma da mensagem que está decifrando, tomada de consciência esta, que é própria da comunicação literária. Devido à sua própria forma singular, o neologismo realiza idealmente uma condição essencial de literariedade.

Assim sendo, enquanto o neologismo na língua exprime um significado novo, devido à relação que existe entre palavras e coisas, ou seja, ao extralingüístico; o neologismo literário, ao contrário, situa-se exclusivamente na linguagem, isto é, relaciona-se a fatores lingüísticos. Por isso, este último transita entre uma categoria gramatical e pode apresentar uma palavra nova ou um sentido novo, dependendo da forma como é decifrado.

Assim, o poeta, o escritor tem a liberdade de criação, principalmente, quando quer se expressar e não encontra palavras e, por isso, ele se entrega à sua fantasia de criador, como diz Guilbert (1975), "dedica-se às delícias do delírio verbal"¹⁴ (GUILBERT, 1975, p. 42). Com isso, acrescenta o autor, a criação artística pode ser absolutamente gratuita e tende a satisfazer o único sentimento estilístico do criador. Na medida em que a literatura é uma arte, o escritor estaria no direito de adaptar a sua atitude e de se entregar à sua fantasia.

É importante destacar, ainda, que a criação lexical atende às necessidades que os escritores e poetas têm, pois, se por um lado, eles necessitam de criatividade para construir sua arte, por outro, eles dependem das palavras certas, que, às vezes, não estão dicionarizadas, e, por isso, eles lançam mão da produção de neologismos, dando asas à fantasia de criador.

Outro autor que merece ser mencionado é o lexicólogo canadense Boulanger (1979), pelas suas relevantes contribuições no campo da neologia lexical. Para ele, "o neologismo é uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito na língua francesa" (BOULANGER, 1979 *apud* ALVES, 2000, p.106). Este autor propõe três tipos de neologismos: *formais* - criados com base na derivação, composição, formação de siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito; *semânticos* - resultantes de um novo significado atribuído a um significante já existente; *por empréstimo* - oriundos da adoção de uma unidade lexical estrangeira.

Nesse sentido, a classificação dos neologismos em Boulanger (1979) assemelha-se muito à de Guilbert (1975), mencionada anteriormente, posto que este também

¹⁴ Nossa tradução do original em Francês: [...] *s'adonner aux délices du délire verbal* (GUILBERT, 1975, p. 42).

classifica os neologismos como semânticos e por empréstimo ou alogenéticos, porém, ao invés de neologismos formais, conforme a denominação de Boulanger (1979), Guilbert (1975) prefere classificá-lo como sendo neologismo sintático ou sintagmático, sendo que nada os difere, visto que ambos são formados por derivação e composição. No entanto, Guilbert (1975) vai mais longe e propõe os neologismos fonológicos, que são formados com significantes inéditos, a partir de fonemas e morfemas.

O lexicólogo Boulanger (1990) informa, ainda, que as inovações lexicais visam a satisfazer a uma parte das necessidades fenomenais, cuja origem é extralingüística e que são requeridas uma a uma, em pequenos grupos ou em quantidades mais consideráveis para nomear e ordenar os conceitos que nascem sem denominação e são propostos aos falantes.

Nesta perspectiva, nota-se que a criação lexical busca suprir as necessidades advindas dos fenômenos extralingüísticos que surgem a partir da interação dos grupos sociais. E mais: ela possibilita, ainda, a nomeação e ordenação dos conceitos, bem como a reformulação dos vocábulos em circulação.

Um outro lexicólogo contemporâneo que tem trazido grandes contribuições para a área da neologia é o francês Sablayrolles (1996). Este estudioso questiona muito o conceito dado ao neologismo. Para ele, nem sempre o conceito de neologismo tem chamado a atenção dos lingüistas e dos gramáticos; estes, ou não falam a respeito ou se contentam com definições sumárias. Ele diz ainda que o conceito de neologismo depende menos de si do que aparenta, e sempre que ele tentou defini-lo rigorosamente, ele fugia, inalcançável. Por isso, ele termina o seu artigo sem definir o que seja um neologismo, contudo, ele deixa bem claro que o neologismo é um conceito acerca do qual não podemos fazer economia de leituras para defini-lo.

No estudo realizado por este autor, ele trabalha com a noção de novidade do neologismo. Segundo ele, geralmente consideramos neologismo vocábulos cuja novidade é ora formal ora semântica. Essa concepção nos parece bastante objetiva para dar conta da neologia no funcionamento da língua.

Um assunto que não é tão pertinente, mas que causou algumas dúvidas em torno do neologismo semântico em nosso trabalho é com relação à sua presença ou não em nossa pesquisa, porque, às vezes, nos deparamos com vocábulos neológicos com valor de metáfora ou metonímia. Então, surgiu a dúvida se o enquadrámos ou não como neologismos semânticos. Diante desta questão, recorreremos a Sablayrolles (1996). Segundo o autor, os neologismos semânticos podem ser formados por metáforas ou

metonímias. Este posicionamento do autor nos trouxe a confirmação do que já supúnhamos, pois é difícil distinguir uma metáfora de um neologismo semântico.

O autor trata, ainda, de alguns problemas concernentes ao neologismo que merecem ser abordados. O primeiro deles está relacionado ao dicionário como teste de duração de um neologismo, visto que a atestação ou não dentro do dicionário é freqüentemente tomada como teste da novidade, com uma aplicação simples: se a lexia figura no dicionário, ela não é neológica, se ela não figura, ela o é. Diante disso, como o número de dicionários é muito grande e confusos, qual, dentre eles, pode ser tomado como ferramenta de referência? O autor sugere utilizar somente os dicionários do francês corrente contemporâneo, mas eles também continuam numerosos. Assim, segundo o autor, é provável que a duração do sentimento neológico não seja uniforme, mas varie em função da ampliação e da rapidez da difusão dos neologismos.

Diante disso, em nosso trabalho, limitamo-nos a consultar os dois dicionários de época anteriormente mencionados, e também dois dicionários contemporâneos, a fim de verificarmos se a lexia está atestada ou não nos dias de hoje.

Continuando nossa busca por entender o neologismo, vale ressaltar que a segunda dificuldade para o autor supracitado relaciona-se com as denominações da novidade neológica, pois o sentimento purista impulsiona freqüentemente os francófonos à condenação de vocábulos ou expressões recentes. Desse modo, palavras como *reconversations* (reconversações) e *séjour* (jornada) foram também polemizadas. No entanto, pouco a pouco as polêmicas cessam, as lexias se integram completamente e perdem seu caráter de novidade.

Um assunto que foi mencionado pelo autor e que também merece destaque é a relação do neologismo com a interlocução. Assim, esse tipo de neologismo se dá quando um interlocutor interpreta o enunciado do falante e, nisso, quatro situações podem ser percebidas: nas duas primeiras, o estatuto neológico da lexia é idêntico para os dois interlocutores; nos dois últimos, ocorre uma divergência de percepção e interpretação. Sendo assim, na primeira, aquela com a qual imaginamos espontaneamente, falante e intérprete identificam todos os dois o neologismo. No entanto, o contrário pode ocorrer: o neologismo escapa à vigilância tanto do locutor que não tem consciência de emití-lo quanto do intérprete que também não o percebe. Às vezes, somente o locutor é consciente do neologismo que emite. O intérprete, distraído ou imputando ignorância lexical ao não reconhecimento da lexia, não a considera como um neologismo. Por outro lado, a situação inversa também pode ser observada: um

falante emite sem querer um neologismo que o intérprete identifica, de qualquer modo, como tal.

Ademais, para o autor mencionado acima, a relação entre locutor e intérprete pode ser invertida. Também, nesse caso, temos uma situação raramente vista: aquela em que o intérprete sabe mais que o falante sobre sua fala, mas não é tão raro quanto aquelas mencionadas anteriormente. Desse modo, o autor salienta, ainda, que com relação às diferenças de percepção entre falante e intérprete, as situações de enunciado devem ser igualmente levadas em conta. Um vocábulo pode ser neológico em um contexto e não ser em outro. Quando uma lexia sai de seu campo de aplicação ordinária para penetrar novos domínios, ela constitui um neologismo. Assim, uma lexia pode ser inúmeras vezes neológica.

Sablayrolles (1996) conclui seu artigo enfatizando que o estudo do fenômeno neológico leva-nos a reavaliar o papel do léxico e de todos os elementos memorizados que tornam, de direito, parte dentro do funcionamento da linguagem. Além das regras morfológicas ou sintáticas aplicadas sistematicamente, há um lugar importante a concordar, dentro dos estudos lingüísticos, em relação aos signos, com suas conotações e visões do mundo associadas.

Com relação ainda ao neologismo, vejamos abaixo alguns lexicólogos que deram também suas contribuições à neologia lexical e que reconstruíram conhecimentos baseados nos autores anteriormente citados.

Biderman (2001) define o neologismo como sendo “uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p. 203). Desse modo, nota-se que a língua é um patrimônio de toda uma comunidade lingüística, sendo facultado a todos os seus membros o direito de criação léxica, contudo, é através dos jornais e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm a oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

Baseando-se nestes dados, Biderman (2001) faz o seguinte comentário:

O léxico é um sistema aberto em expansão. Incessantemente, novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua, foi o que se sucedeu ao latim (BIDERMAN, 2001, p. 203).

Nesse sentido, a vitalidade da língua reside, sobretudo, na neologia lexical, porque sem esta, a língua se atrofia e morre. Por isso, o sistema permite a criação lexical, possibilitando, assim, que novas criações sejam incorporadas ao léxico.

Com relação aos neologismos literários, percebe-se que a linguagem literária, apesar de distanciada da cotidiana, exerce sobre esta enorme influência, pois o leitor reconhece a autoridade do escritor. Por isso, este manipula as palavras, por meio da criação de novos neologismos e estes são quase sempre bem-sucedidos.

Neste sentido, os neologismos estiveram presentes na vida de muitos escritores consagrados, tais como: Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Cruz e Souza, Carlos Drummond de Andrade, Gonçalves Dias, dentre outros, que se utilizaram deles para renovar a arte literária a partir de novas formas. Assim, a autora Nelly Carvalho (1984) explicita que “Toda vez que um artista quer se expressar e não encontra palavras, lança mão da sua criatividade e das possibilidades do sistema lingüístico, dando vida a uma forma, que estava em potencial” (CARVALHO, 1984, p. 30).

Nessa perspectiva, evidencia-se que a criatividade lexical é parte integrante na vida de um escritor ou poeta, que é um artista da palavra, pois nem sempre ele vai encontrar nos dicionários as palavras certas para exprimir o que deseja. Assim, a criação neológica vai solucionar várias dificuldades, permitindo que ele tenha material em mãos para a sua máxima expressão.

A criação neológica acompanha as mudanças sócio-culturais de uma sociedade. Assim, como tudo no universo é mutável, tudo se transforma ao toque do tempo, a criação lexical não é estática, ela é algo inerente às necessidades do momento dos indivíduos, faz parte de um determinado contexto e acompanha as suas transformações. Desse modo, da mesma forma como os neologismos são criados para suprir determinadas carências na comunicação humana e, principalmente, para enriquecê-la, com a presença de novas palavras, eles também podem ser momentâneos e deixarem de existir, dando lugar a uma nova situação neológica e Barbosa (1981) destaca que:

Há que se considerar a neologia como um processo dinâmico que vai do momento de sua criação até a desneologicidade e, desta, para uma nova situação neológica, processo que determina uma flutuação de consciência neológica (BARBOSA, 1981, p. 117).

Assim, como tudo na vida tem seu início, meio e fim, salvo Deus, a neologia não faz exceção à regra, pois ela também foi criada e lançada dentro de um processo dinâmico, até se dar a sua desneologização.

Barbosa (1981) afirma que três aspectos podem ser salientados no que diz respeito ao estudo da gênese do signo: o primeiro focaliza o signo como o determinante e, ao mesmo tempo, o reflexo da organização social; o segundo que enfatiza o momento de sua criação, o lugar concreto em que se dá, a seleção que se faz, para se escolher o novo signo, bem como a sua aceitabilidade; e o terceiro, que mostra o processo de sua desneologização (BARBOSA, 1981, p. 117).

Assim considerando, pode-se dizer que as novas palavras que apresentam um caráter inédito, não são consideradas imediatamente um neologismo, pois, necessariamente, elas passam por vários momentos, para adquirirem traços neológicos e assumir o estatuto de neologismo da língua. Barbosa (1981) enfatiza que:

Para tornar-se neologismo de língua, ele depende, então, de uma série de circunstâncias: o próprio locutor pode atualizá-lo em outros discursos e assim, multiplicar as possibilidades de seu emprego; os receptores podem, depois da mensagem neológica, começar a empregá-la em novos contextos; ou ainda usar um dos elementos morfológicos desse neologismo para criar um outro neologismo, isto é, um dos elementos da forma neológica primeira serve de base para uma palavra neológica segunda (BARBOSA, 1981, p. 134).

Considerando o que foi exposto acima, nota-se que o locutor assume um papel de suma importância na fixação do neologismo, por meio de sua atualização em outros universos discursivos. Devido a isso, os seus interlocutores repassarão também a mensagem neológica para outras comunidades de falantes e, assim, sucessivamente, o neologismo vai sendo empregado em novos contextos e, com isso, vai ganhando novos matizes.

Segundo Barbosa (1981, p. 79), o processo de desneologização se dá quando ocorre a diminuição do caráter de neologicidade, o desaparecimento do impacto da novidade lexical, a redução da taxa de informação fornecida pelo vocábulo e o processo de esvaziamento progressivo do sentimento de neologismo; apesar disso, uma palavra desneologizada pode adquirir novamente o caráter de neologismo, quando transferida para outro universo de discurso.

Desse modo, no que tange à diminuição do caráter de neologicidade, o dicionário vai atuar como depositário do léxico, fixando as lexias que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva.

Ao término deste capítulo, pode-se concluir que, como a língua é um sistema aberto, ela permite que todos os membros de uma comunidade lingüística tenham direito à criação lexical. Assim, é notável o quanto a neologia favorece a inovação de

uma língua, tornando-a mais produtiva. Nota-se, portanto, que a neologia acompanha as transformações sócio-culturais e, de certo modo, amplia as relações do indivíduo com o mundo.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DO *CORPUS*

Este capítulo tem o objetivo de analisar as palavras classificadas como neologismos formais e semânticos e também descrever os passos metodológicos que orientaram o desenvolvimento da pesquisa, apontando os critérios para análise das lexias e de suas respectivas abonações pertencentes ao texto.

Conforme mencionamos anteriormente, a escolha da obra “Primeiros Cantos” como primeiro *corpus* dessa pesquisa, não foi aleatória, pois desejávamos começar a nossa pesquisa com a primeira obra publicada pelo autor e custeada por ele mesmo em 1847. O impacto causado com a publicação desta obra foi tão grande que ele recebeu um artigo elogioso de Alexandre Herculano, o mais notável escritor português da época, que lhe deu o título de “grande poeta”.

A nossa intenção era conseguir a primeira edição desta obra, para podermos formar uma opinião fidedigna do poeta, mas como não foi possível, por motivos vários, consideramos por bem, trabalhar com a publicação de 1998, de Letícia Malard, pela editora Autêntica. Nessa edição, a autora realizou uma profunda pesquisa em torno da obra do poeta maranhense e, em cada um dos poemas que compõe esta obra, ela tece valiosas considerações sobre o assunto.

Logo, em seguida à publicação dos “Primeiros Cantos”, Gonçalves Dias publica o “Segundos Cantos”, em 1848, o que vem confirmar a sua produtividade de grande poeta. E, juntamente com esta obra, ele escreve um longo poema medieval – “Sextilhas de Frei Antão”, enquanto trabalhava no Instituto Histórico e Geográfico.

Desse modo, ele alcança o apogeu de suas publicações com a obra “Últimos Cantos”, em 1851, que traz as mais famosas “poesias americanas”, como o “I-Juca Pirama”, “Leito de Folhas Verdes” e “Marabá”.

Dentre as melhores publicações e a mais completa edição, está aquela feita pela Editora José Aguilar, em 1959, intitulada *Gonçalves Dias: Poesia Completa e Prosa Escolhida*, com relevantes estudos de Manuel Bandeira, Antônio Houais e o citado artigo de Alexandre Herculano.

Assim, buscamos explorar, ao máximo, a obra desse notável poeta, sobretudo, aquelas que melhor retratam o seu fazer artístico no campo da criação lexical. No entanto, sabemos que, por mais que pesquisássemos sobre a sua obra, com o intuito de capturar um maior número possível de poemas, uma parcela considerável de seus

escritos se perdeu com ele no naufrágio na costa do Maranhão, nos baixos dos Atins, em 3 de novembro de 1864.

Com relação à ortografia, optamos por respeitar a forma como as lexias apareciam nos dicionários de época e também nas obras de Gonçalves Dias, embora elas se diferenciasssem, devido ao ano de suas publicações, mas nem por isso nos aventuramos em atualizá-las.

Um detalhe importante nesta pesquisa é que elencamos, em um quadro à parte, como anexo 02, a lista de todas as criações neológicas formais de Gonçalves Dias e que foram, posteriormente, lexicalizadas por Caldas Aulete em 1881, mas que não constam no dicionário de Antônio de Moraes de 1813. Vale ressaltar que estas não fizeram parte do nosso glossário, por terem perdido o caráter neológico, ao serem registradas numa obra lexicográfica, porém, consideramos pertinente mencioná-las nesta pesquisa.

Além desse quadro, apresentamos dois quadros complementares, como anexo 03 e 04 respectivamente, no final da pesquisa. No primeiro quadro, tem-se as unidades neológicas formais e o seu registro ou não nos dois dicionários de época e nos dois dicionários contemporâneos supracitados, bem como a sua datação. Já no segundo quadro, tem-se as unidades neológicas semânticas e o seu registro nos dicionários de época e também nos contemporâneos.

A investigação pretendida foi de cunho empírica, pois partimos de um *corpus* para chegarmos aos dados. Desenvolveu-se dentro das seguintes etapas:

- Levantamento de todos os substantivos, adjetivos e verbos, acompanhados de suas respectivas abonações e do número de ocorrência. Com a ajuda do Programa *Folio Views 3.1*, que é um gerenciador de *infobases*, conseguimos realizar o trabalho de seleção do total de lexias presentes na obra do referido autor. Este programa é muito útil para a localização das unidades lexicais, pois demonstra o número de vezes que elas ocorrem no *corpus*. Apesar dele não nos informar a localização das páginas, além disso, quando havia duas ocorrências numa mesma linha, o programa nos fornece apenas uma, ou seja, ele não registra duas ocorrências, mas sim, uma.
- Utilização do Programa *Folio Views 3.1* que foi um valioso auxiliar para realizar a seleção das lexias textuais e, para que ele funcionasse com precisão era preciso que os textos já estivessem digitalizados. No entanto, nem toda a obra de Gonçalves Dias já estava digitalizada. Diante

dessa dificuldade, tivemos que digitalizá-las para concluir o levantamento das lexias.

- Identificação, com a ajuda dos dicionários de exclusão, dos neologismos. De posse de tais neologismos, transcrevemos as abonações, para, em seguida, oferecer um sentido para os mesmos.
- Registro dos vocábulos em ordem alfabética, na forma maiúscula, no gênero masculino ou feminino singular e, em negrito, sendo que os verbos foram colocados na forma infinitiva. Depois, indicamos a classe gramatical das palavras e o número de ocorrências de cada uma delas no texto entre parênteses.
- Transcrição das abonações, depois das palavras de entrada, em itálico, com apenas uma abonação, mesmo quando ocorreu mais de uma incidência do vocábulo na obra, mas, se o traço sêmico fosse distinto, em se tratando de neologismos semânticos, seriam transcritos todos os outros casos para evitar divergência. Contudo, não foram encontrados mais de um traço sêmico diferente nos neologismos semânticos compulsados. Assim, consideramos pertinente fixar a extensão de uma passagem abonatória nos poemas, selecionando sempre cinco ou mais versos para que haja compreensão do texto poético.
- Visualização da palavra neológica na abonação, sendo que ela foi apresentada entre colchetes angulares < e > e, em negrito, como em: *À mais ligeira ondulação dos mares, / Ao mais ligeiro sôpro / Da viração - <destraçam-se> as grinaldas; / O baixel se afasta/*. Desse modo, as abonações foram seguidas da fonte pesquisada à qual foi identificada pelas letras iniciais da obra. No caso citado -PRB- de "Poetas Românticos Brasileiros", com o título do poema e da página entre parênteses.
- Elaboração de um esclarecimento acerca do sentido possível do neologismo, associado com o contexto lingüístico empregado por Gonçalves Dias.
- Acréscimo de um item denominado 'Notas enciclopédicas' em que formulamos comentários lingüísticos sobre a lexia neológica estudada. Nestas notas, demonstramos os processos formadores dos neologismos

formais e semânticos, seguindo a teoria de Guilbert (1975) e Boulanger (1979). Além disso, vale destacar que contextualizamos a lexia neológica e, assim, acreditamos ter facilitado o entendimento do seu possível sentido, visto que, para nós, o contexto é de suma importância para a formulação da definição.

- Formulação de ‘notas de rodapé’, para analisar os dados, pois quando estes são analisados nas ‘notas enciclopédicas’ e depois nas ‘notas de rodapé’, torna-se mais fácil a sua compreensão, não sendo necessário ao usuário ter que buscar outro item para compreender a definição e a análise dos dados.
- Construção de um quadro, para melhor compreensão dos neologismos formais e semânticos, contendo tabelas do *Word*, no qual apresentamos as lexias, todavia quando não encontramos a lexia analisada, usamos as entradas ou bases lexicais mais próximas encontradas na nomenclatura. Se o neologismo era semântico, foram expostas as entradas e definições dos dicionários escolhidos, tendo por finalidade comprovar a existência de uma unidade vocabular e perceber a diferença de sentidos, por meio dos novos traços sêmicos observados quando confrontamos as lexias. Mas, se ele era formal e não constava nestes dicionários, introduzimos uma provável base lexical que estava nestas obras lexicográficas, para que pudéssemos fazer a análise do *corpus* e, assim, tecer definições para as novas criações lexicais.
- Identificação da palavra neológica, conforme mencionado acima, por meio dos dois dicionários de época mencionados, nos quais verificamos se a lexia estava atestada ou não.
- Consulta a um dicionário anterior à publicação dos poemas gonçalvinos, no caso, o do Antônio de Moraes Silva de 1813, e um posterior, o de Francisco Júlio Caldas Aulete de 1881, em ordem cronológica de publicação e identificados pelas letras iniciais dos lexicógrafos, respectivamente: A.M.S e C.A.
- Consulta em dois dicionários contemporâneos, no caso, o de Antônio Houais (2001) e o Aurélio – Século XXI, ambos eletrônicos, para verificar se as lexias neológicas encontradas estariam ou não registradas,

na atualidade, nestas obras lexicográficas contemporâneas. Ou seja, os dois dicionários de época são *corpus* de exclusão, ao passo que, estes dois dicionários contemporâneos foram utilizados como instrumento de verificação, simplesmente para suprir nossa curiosidade de investigador.

E, finalmente, seguindo esta metodologia, confeccionamos um Glossário composto de tais palavras neológicas, com o intuito de preservar e analisar as criações lexicais gonçalvinas, para que todos aqueles interessados em aprofundar os estudos em torno da obra de Gonçalves Dias possam encontrar subsídios para enriquecer suas pesquisas.

3.1.1 - Palavras classificadas como neologismos formais

ALGENTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
	N/C

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
	N/C

ALGENTE¹⁵ (adj.) (01 oc.)

Abonação: *"E o céu, e as estrelas e os astros fulgentes / São velas, são tochas, são vivos brandões, / E o branco sudário são névoas <algentes,> / E o crepe, que o cobre, são negros bulcões. / Da noite, que surge, no manto fagueiro / Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés, / A cruz sempre viva do sol no cruzeiro, / Deitada nos braços do eterno Moisés."* (P, O Gigante de pedra, p.113)

Sentido: que está muito frio, gélido, glacial, frigidíssimo. Aquilo que apresenta algidez ou durante o qual se observa algidez. Ou seja, aquilo que está destituído de calor.

Notas Enciclopédicas: nos dicionários selecionados para esta pesquisa não consta a lexia neológica formal 'algentes'. Esta lexia neológica criada pelo poeta Gonçalves Dias faz rima com a lexia fulgentes, provocando certo eco dentro da estrofe e ao mesmo tempo desencadeando uma gradação: 'velas', 'tochas', 'vulcões'. Assim, o poeta, em sua singeleza, casa os versos, comparando o branco sudário com as névoas algentes, mantendo, assim, uma antítese com o verso anterior. Ou seja, contrapõe o

¹⁵ A lexia neológica formal 'algente', atualmente encontra-se lexicalizada nos dicionários de Aurélio - Século XXI e no dicionário de Antônio Houaiss (2001). Neste último, ele nos traz a datação, que é de 1682. No entanto, nas duas obras lexicográficas de época consultadas esta lexia não consta. Por isso, diante desta discrepância, preferimos as nossas próprias conclusões à datação de Antônio Houaiss, mesmo ciente da profunda pesquisa realizada por este conceituado filólogo.

calor das tochas ao frio das névoas. Estas figuras de linguagem e muitas outras são muito comuns nos poemas gonçalvinos, principalmente nos indianistas, visto que elas possuem uma forte carga imagística, que dá vida a seus poemas.

AURIBRANCA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Aurífero	Adj. Que tras oiro: v. g. "o rio <i>aurífero</i> ." §. Que tem oiro em suas veyas.
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Auri	(au-ri), pref. que entra ou póde entrar na composição de muitos vocabulos com a significação de aureo, como: aurífero, <i>auriflamma</i> . / F. lat. <i>Aurum</i> .
Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Branco	Adj. De cõr semelhante á do papel ordinario limpo, como a cal limpa, a neve, &c. §. Que tem cans. Me fizeram branco ante tempo. Ferr. Brito, 5.1. §. Assinado em <i>branco</i> : papel firmado em <i>branco</i> para se encher de alguma escritura. §. Assinar-se em branco; fig. approvar sem exame. §. O <i>branco</i> do olho; a alva. §. O <i>branco</i> da arvore. V. Alvura, que é o mesmo que alburno, ou samugo.
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Branca	(bran-ka), s. f. um cabello <i>branco</i> , can: Tem o cabello com muitas <i>brancas</i> . / (Ant.) Moeda de prata.

AURIBRANCA¹⁶ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "*Celeste emanção, gratos eflúvios / Das roseiras do céu; bater macio / Das asas <auribrancas> dalgum anjo, / Que roça em noite amiga a nossa esfera, / Centelha e luz do sol que nunca morre; / És tudo, e mais qu'isto: - és luz e vida, / Perfume, e vôo d'anjo mal sentido, / Peregrinas essências trescalando!... / Também passas veloz, - breve te apagas, / como duma ave a sombra fugitiva, / desgarrada voando à flor de um lago!*" (P, O amor, p.73)

¹⁶ 'Auribranca' já está dicionarizada no Aurélio - Século XXI e no Houaiss (2001), ambos em versão eletrônica. Todavia, Houaiss (2001) não traz a datação desta lexia. Esta lexia não tem seu registro nos seguintes dicionários de época: A.M.S. e C.A.

Sentido: que apresenta, ao mesmo tempo, as cores dourado e branco. Que é amarelo esmaecido.

Notas Enciclopédicas: a lexia neológica formal ‘auribrancas’ é formada de duas bases lexicais [auri] e [branca]. Assim, estas bases formadoras de adjetivos compõem a palavra, enriquecendo o seu sentido. Desse modo, o poeta para elevar o nível de sua obra e para falar do amor, que é um tema universal, vai buscar inspiração no divino, nas coisas sagradas, nos elementos que compõem a natureza, mantendo, assim, uma perfeita inspiração com os objetos divinos.

AURINEVADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Aurífero	Adj. Que tras oiro: v. g. "o rio <i>aurífero</i> ." §. Que tem oiro em suas veyas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Auri	(au-rí), pref. Que entra ou pôde entrar na composição de muitos vocabulos com a significação de aureo, como: <i>aurífero</i> , <i>auriflamma</i> . / F. lat. <i>Aurum</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Nevado	p. pass. de Nevar. Temperado com neve: v. g. "limonada nevada." §. Da còr da neve: v.g. "testa nevada." Uliss. "Cavaleiros <i>nevados</i> ." §. Frio como neve: v. g. "agua <i>nevada</i> ."

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Nevada	(ne-vá-da), s. f. o phenomeno de formar-se ou cahir a neve. / A neve que cai de uma vez. / (Bot) <i>Neveda</i> . / F. fem. <i>Nevado</i> .

AURINEVADA¹⁷ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "Não solta a voz canora / No bosque o vate alado, / Que um canto d'inspirado / Tem sempre a cada aurora; / É mudo quanto habita / Da terra

¹⁷ A lexia neológica formal 'aurinevada' está registrada no Aurélio - Século XXI e não consta no dicionário de Antônio Houaiss (2001), nem tampouco nos seguintes dicionários de época analisados: A.M.S. e C.A.

*n'amplidão. / E a coma então luzente / Se agita do arvoredor, / E o vate um canto a
mêdo / Desfere lentamente, / Sentindo opresso o peito / De tanta inspiração. / Fogem do
vento que ruge/ As nuvens <aurinevadas> / Como ovelhas assustadas / Dum fero lobo
cerval; / Estilham-se como as velas / Que no alto mar apanha, / Ardendo na usada
sanha, / Subitâneo vendaval" (PRB, A tempestade, p. 156).*

Sentido: que é, simultaneamente, da cor do ouro e da neve. Aquilo que é formado pela cor dourada e nevada.

Notas Enciclopédicas: o neologismo formal 'aurinevadas' é formado por duas bases lexicais [nevada] e [auri]. Desse modo, para construir o poema descrevendo 'A tempestade', o poeta aproveita-se de vários recursos estilísticos, dentre eles, a comparação. Assim, ao comparar as nuvens aurinevadas como ovelhas assustadas que fogem dos ventos uivantes que são os lobos vorazes, o autor cria uma imagem de medo e terror, perante a tempestade ameaçadora, que por onde passa tudo destrói, deixando para trás ruína, dor e desespero.

COMMEMORANÇA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Comemoração	E deriv. V. <i>Commemoração</i>

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Commemoração	(ku-me-um-ra-ssão), s. f. acção de trazer á memoria; recordação, preito em homenagem ou memoria de pessoa illustre ou de facto historico importante: Mandou-se erigir um monumento em <i>commemoração</i> da batalha do Bussaco. / (Liturg.) Menção que a igreja faz de um santo no dia em que celebra outra festa mais solemne. / <i>Commemoração</i> dos mortos, a menção que na missa o padre faz dos finados. / A solemnidade que a igreja celebra no dia de finados (2 de novembro). / F. lat. <i>Commemoratio</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Commemorar	(ku-me-um-rar), v. tr. Trazer á memoria, fazer recordar. / Solemnizar a recordação de: <i>Commemorar</i> uma victoria. / F. lat. <i>Commemorare</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Commemoravel	(ku-me-um-rá-vél), adj. digno de ser <i>commemorado</i> . / F. lat. <i>Commemorabilis</i> .

COMMEMORANÇA¹⁸ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "*Mas vós, quem quer qu'isto lerdês, / Relevai-me esta tardança; / São achaques da velhice: / Vivemos de remembrancha / E em longas fallas fasemos / De tudo <commemorança.> / Já el-rey Affonso quinto / Nas suas terras pojou: / Alegre o povo o recebe, / Alegre el-rey se mostrou: / Abrio-se em alas vistas, / El-rey entre ellas passou.*" (P, Loa da princeza sancta, p. 101-102)

Sentido: que é digno de ser comemorado, que se comemora a memória de alguém, que nos traz uma boa recordação. Aquilo que é comemorado depois de uma vitória alcançada.

Notas Enciclopédicas: 'commemorança' é uma criação nova no léxico português, pois apresenta uma base lexical [comemorar], acrescida de um sufixo [ança], que sugere a idéia de 'exagero', como nas palavras: 'comilança', 'festança'. A lexia neológica acima possui traços de época, como por exemplo na reduplicação do 'm', muito comum nos séculos anteriores ao XX, como aparece na palavra 'commoção' e em outras mais. Desse modo, todo o poema foi escrito no português arcaico, demonstrando o profundo conhecimento que o poeta Gonçalves Dias possuía da língua. Assim, ele mantém um diálogo com seu leitor, pedindo-lhe que desculpe a sua demora em terminar o poema, pois ele, já na velhice, tinha necessidade de trazer à tona aquelas memórias que para ele, era motivo de muita alegria e de viva lembrança.

DAGARENO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
	N/C
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
	N/C

¹⁸ A lexia neológica formal 'commemorança' não está atestada nos dicionários de época consultados de: A.M.S. e C.A., nem tampouco, nos dois contemporâneos de A. e H.

DAGARENO¹⁹ (adj.) (01 oc.)

Abonação: *"Vêm as moiras depois delles, / Rostos cobertos com véos; / Bem que filhas <dagarenos>, / São também filhas de Deos: / Se forão christians ou freiras, / Serião anjos dos céos. / Lusião os olhos dellas, / Como pedras muito finas: / Devião ser finas bruchas, / Inda qu'erão bem meninas, / Que estas moiras da mourama / Nascem já bruchas cadimas!"* (P, Loa da princeza sancta, p. 102-103)

Sentido: pessoas ligadas à tribo dos dagaris. Tribo africana que morava na região do Níger.

Notas Enciclopédicas: esta lexia neológica não consta em nenhum dos dicionários consultados nesta pesquisa e também em vários outros; descobrimos por meio de enciclopédias que 'dagaris' eram tribos africanas situadas na região do Níger. Eram tribos negras neo-sudanesa da África Ocidental e que possuíam como idioma a língua guineo-sudanesa do grupo voltaico, falada nas margens do rio Volta. O poeta maranhense pode ter criado essa lexia colocando-a, provavelmente, como adjetivo pátrio da tribo proveniente.

DESTRAÇAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Traçár	v. at. Dar a traça, desenhá-la v. g. <i>traçar</i> alguma obra, edifício. §. Descreve alguma figura. §. Dar <i>traça</i> , meio modo de conseguir, achalo, ordenalo; v. g. traçar hum ardil na guerra, huma cilada, hum ataque; traçar a ruína de outrem: "a Providencia traçava tirar o Rei. Reino a estes Príncipes." §. Traçar à capa, tomar-lhe as pontas debaixo do braço, ou dobrar a capa, e cobrir o braço, e peito com ella. §. V. Terçar.
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Traçar	(tra-ssár), v. tr. Descrever (traços): <i>Traçou</i> uma recta, uma curva. A esteira que traça a lua (Gonç. Dias.) A aguiá arrojada seus vãos levanta, traçando caminhos nos campos dos céos! (Gonç. Dias.) / Dar traços em, riscar: Traçar um papel. /

¹⁹ No dicionário eletrônico Aurélio - Século XXI, esta lexia não está atestada, já no dicionário de Antônio Houais (2001), ela foi registrada como 'dagari' e não possui datação.

	(Fig.) Marcar, demarcar, assignar, assigular: Traçando a seu talante as fronteiras dos estados. (Lat. Coelho.) / (Fig.) Imaginar, projectar na mente: O mundo corrigira-lhe o desenho imaginoso, que na mente juvenil traçava das symetrias fabulosas e das sonhadas perfeições de uma sociedade idealizada. (Idem.) / Delinear, projectar: Extendia seu animo pelos confins da redondeza. Traçando sempre empresas arduas e grandiosas. (Fill. Elys.) / Escrever, compor: A heroína, de quem vou traçar o penegyrico, nada teve que invejar ás mais famosas luctadoras. (Mont'Alverne.) / (Fig.) Determinar-se a; resolver, decidir: O marquez traçou prendêl-o (Camillo.) Traçou matar o governador. (Idem.) / Promover; armar, preparar:... Que não só denegou o que de livre vontade concedêra, mas ainda lhes <i>traçou</i> renhida guerra. (Fill Elys.) / Machinar, tramar: É antes que a nefanda obra que elle traçava e os demais applaudiam começasse a ser executada... (Herc.) ...Pelo que traçaram um ardil. (J. Fr. Lisboa.) / Esboçar: Nicolau de Frias, o architecto que el-rei leva comsigo para África, não traçaria obra de melhor arte (Castilho.) Determinar, ordenar, mandar: Indo-se accendendo no desejo de explorar terras não sabidas, traçou que o capitães de suas armadas picassem terra sempre no mais distante. (Fil. Elys) / Pôr de travez; pôr a tiracollo; trazer posto a tiracollo: Traçava um manto vistoso. (Gonç. Dias.) A côr azul era dominante e brilhava nas bandeiras, nos topes, e laços dos eleitores, nas faixas que traçavam os membros da comissão eleitoral... (J. Fr. Lisboa.) / F. lat. Trahere.
--	---

DESTRAÇAR²⁰ (v.t.d.) (01 oc.)

Abonação: *"À mais ligeira ondulação dos mares, / Ao mais ligeiro sôpro / Da viração - <destraçam-se> as grinaldas; / O baixel se afasta, / Veleja, foge, até que em plaga estranha / naufragado soçobre! / Talvez permite Deus que tão depressa / Êstes laços se rompam, / Por que nos pese o mundo, e os seus enganos / Mais sem custo deixemos: / Sem custo assim a brisa arrasta a planta, Que jaz sôlta na terra!"* (PRB, O que mais dói na vida, p. 120)

Sentido: fazer ou deixar de estar traçado; descruzar, desencruzar; desfazer o traçado. Aquilo que é descruzado ou destrachado.

Notas Enciclopédicas: a lexia 'destraçar' é um neologismo formal que não está dicionarizado nas obras lexicográficas selecionadas neste estudo. Esta lexia apresenta uma base lexical [traçar], justaposta a um prefixo [-des], referindo-se ao antônimo da

²⁰ Esta lexia neológica formal não consta nos dicionários de época de: A.M.S. e C.A. Contudo, está registrada nos dicionários contemporâneos eletrônicos do Aurélio – Século XXI e do Antônio Houaiss (2001).

palavra empregada e que pode dar idéia de depreciação: desafinado, destemperado; ou uma simples negação: desconhecer, desnecessário, desusado; ou a idéia contrária à do radical: desamor, desafeição, descalçar ou a mesma idéia do radical, mas em estado ou modo contrário: destorcer, desandar, desfazer; ou privação: destoucar, descabelar; ou intensidade e força: desinquieto, desaliviar. Em relação à forma, salientamos que [des + traçam] é uma nova criação lexical, composto pelo processo de derivação prefixal. Desse modo, o poeta maranhense busca nos elementos exteriores, nas ondulações dos mares, no sopro do vento, na viração que destracha as grinaldas, a justificativa para a dor interior que ele traz na alma, retratando as suas decepções amorosas, as suas desditas no amor e colocando-se como um barco à deriva, sem nada que o oriente, navegando ao sabor das ondas e guiado pela força dos vendavais, que vêm assolar a sua vida, fazendo com que ele deseje que a própria embarcação soçobre, para que ele não mais sinta o peso do mundo e dos seus enganos.

EMPURPURECER²¹

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Púrpura	s. f. Peixe de concha, no qual há huma veia d'onde se tira hum licor, que aplicado aos pannos se faz muito vermelho, e não se tira na lavagem, a qual cor também se diz <i>purpura</i> . §. Fig. Vestidura tinta em <i>purpura</i> , como a dos Cardeaes, Reis, &c.

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Purpurádo	Adj. Vestido de <i>purpura</i> : v. g. os Cardeaes, os Reis, Escola das verdades, os <i>purpurados</i> tiranos, ou verdugos <i>purpurados</i> : os príncipes tiranos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Purpleado	P. pass. de <i>Purplear</i> , adornado de <i>purpura</i> . Eneida, IX.66. tingido de <i>purpura</i> . <i>Penachos purpleados</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Purpleante	P. pres. De <i>Purplear</i> . Coraes <i>purpleantes</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Purpurar	(pur-pu-rár). V. tr. Dar a côr de <i>purpura</i> a, tingir de vermelho. / (Fig.) Elevar á dignidade cardinalicia. / F. Púrpura + ar.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Purplejar	(pur-pu-re-jár). V. tr. <i>Purplear</i> : Assim mesmo o pudor <i>purplejava-lhe</i> as

²¹ A lexia neológica formal 'empurplecer' não consta nos dois dicionários de época de: A.M.S. e C.A., mas, ela já foi registrada nos seguintes dicionários contemporâneos: Aurélio – Século XXI e o Houais (2001). Este último não traz a datação desta lexia.

EMPURPURECER²² (v. i.) (01 oc.)

Abonação: *"Meus amigos, Adeus! Já no horizonte / O fulgor da manhã se <empurplece>: / É puro e branco o céu, - as ondas mansas, / - Favorável a brisa; - irei de novo / Sorver o ar puríssimo das ondas, / E na vasta amplidão dos céus e mares / De vago imaginar embriagar-me! / Meus Amigos, Adeus! - Verei fulgindo / A lua em campo azul, e o sol no ocaso / Tingir de fogo a implacidez das águas; / Verei hórridas trevas lento e lento / Desceram, como um crepe funerário / Em negro esquife, onde repousa a morte; / Verei a tempestade quando alarga / As negras asas de bulhões, e as vagas / Soberbas encastela, esporeando / O curto bojo de ligeiro barco, / Que geme, e ruge, e empina-se insofrido / Galgando os escarcéus, - bem larga esteira"* (PC, Adeus, p. 153)

Sentido: envermelhar-se, enrubescer, tornar-se vermelho, purpurear, empurpurar; adornar de púrpura, tingir de púrpura. Tornar-se da cor de púrpura.

Notas Enciclopédicas: 'empurplece' é uma palavra neológica formal, pois não se encontra dicionarizada nos dicionários de época consultados para esta pesquisa. Esta lexia é formada por uma base lexical [púrpura], acrescida de um prefixo [-em] e um sufixo [-ece]. Este sufixo derivacional dá idéia de 'ação' ou 'mudança de estado'. Assim, podemos deduzir que isto ocorre devido à passagem de uma cor de tonalidade fraca, para uma cor bem rubra, que traz todas as características do vermelho. Notamos em seus versos que o poeta utiliza-se dos elementos da natureza para descrever os seus estados d'alma, provavelmente a cor vermelha é associada à paixão que ele carrega consigo por Ana Amélia e o ocaso é o findar de sua existência, já tão sofrida; a despedida dos

²²Registramos aqui as dificuldades e as divergências entre alguns gramáticos em classificar determinadas palavras como parassintéticas. Por isso, optamos em tratar determinadas formações neológicas formais apenas como derivação prefixal e sufixal, visto que a nossa atenção está voltada para o neologismo e não para essas polêmicas.

amigos é feita quase em tom profético 'adeus'. Vale ressaltar que este poema reflete a intuição ou premonição que o poeta trazia latente na alma de que o findar de seus dias se daria num naufrágio e essa premonição se realizou. Assim, percebemos o quanto o poeta considerava a vida efêmera e transitória e, em muitos versos, ele demonstra o desejo que tinha de deixar esta vida por uma outra melhor.

HAQUENÉIA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Haque	s.m. Peso de ouro na Costa da Mina: 16. <i>Haques</i> fazem onça, e valem 12 &cc. Reis.
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
	N/C

HAQUENÉIA²³ (s.f.) (01 oc.)

Abonação: *"Parou!... escutando ao perto / Responder-lhe outra canção!... / Era terna a voz que ouvia, / Lisonjeira - do infância: / Tenho castelo soberbo / Num monte, que beija um rio, / De terras tenho no Doiro / Jeiras cem de lavradio; / Tenho lindas <haquenéias>, / Tenho pajens e matilha, / Tenho os melhores ginetes / Dos ginetes de Sevilha; / Tenho punhal, tenho espada / D'alfageme alta feitura, / Tenho lança, tenho adaga, / Tenho completa armadura. "* (PC, O soldado espanhol, p. 38)

Sentido: árvore da Espanha, de flores amarelas (*Siderodendron triflorum*).

Notas Enciclopédicas: a lexia 'haquenéias' é um neologismo formal que não está lexicalizado nos dicionários de época compulsados. Por isso, elaborou-se o seu

²³ Esta lexia não se encontra lexicalizada nos dicionários de época, nem tampouco nos dicionários contemporâneos compulsados nesta pesquisa. Desse modo, optamos por investigá-la no dicionário de botânica de João Cayolla Tierno, intitulado Dicionário Botânico – Tertúlia Edípica e a conclusão é que ela também não se encontra dicionarizada nesta obra lexicográfica.

sentido a partir do contexto no qual ela está inserida "Tenho lindas haquenéias" e também por meio de uma base lexical muito semelhante [háckia], que traduz em parte as nossas suspeitas de se tratar de uma árvore frondosa e florida ou se referir às pequenas belas flores. Todavia, preferimos optar pela primeira suposição: uma árvore frondosa e florida.²⁴

IMPRUMADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Prumo	s.m. <i>Plumo</i> , bola de chumbo pendente de hum cordelzinho, enfiada perpendicularmente n'hum peça de páo, que faz hum lado plano, e retangular, paralelo á enfiadura do cordel, o qual lado se applica á parede, umbreira, para se ver se está perpendicular ao chão, ou base. § A <i>prumo</i> , adv. i. é, perpendicularmente levantado. §. Andar com <i>prumo</i> na mão: fig. tentar, registrar as coisas com a prudencia, tomar o <i>prumo</i> aos negocios. M. Lusit. §. <i>Prumo nautico</i> , sonda. §. <i>Lançar o plumo</i> , para sondar a altura; e fig. Pinheiro, 2. f. 9. "se lançaren o <i>plumo</i> na minha eloquencia (para a sondar) achar-lhe-hão poucas braças."

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Prumo	(pru-um), s. m. instrumento de physica que consiste em uma peça metallica segura à extremidade de um fio metallico ou não. [Entre as suas diversas applicações sobresaí a de verificar a verticalidade de qualquer objecto e por isso este instrumento é indispensável aos constructores.] / (Fig.) Prudencia, tino, cautela: Se souber governar-se com muito <i>prumo</i> , poderá talvez dispensar-se de ser recolhido a um asylo de mendicidada. (Camilo.) / (Fig.) Agudeza, penetração, perspicacia: com o <i>prumo</i> do seu juízo sondou o mais profundo. (Viieira) / (Naut.) <i>Prumo</i> da bomba, regua estreita de ferro graduada, que serve para medir a altura da agua no porão ou a quantidade de agua que o navio faz em cada hora. / (Naut.) <i>Prumo</i> de sonda ou simplesmente <i>prumo</i> , peça de chumbo de figura approximadamente conica em cujo vertice se faz fixa a sondareza. / Andar com o <i>prumo</i> na mão, ser prudente, cauteloso, regrado nas suas despesas e na sua maneira de viver. / (Loc. Adv.) A <i>prumo</i> , perpendicularmente. / F. lat. <i>Plumbum</i> .

IMPRUMADA²⁵ (adj.) (01 oc.)

²⁴ Esta lexia nos causou profundas dúvidas por não constar nos dicionários de época elencados para esta pesquisa e também por não estar lexicalizada em nenhum dos nossos dicionários contemporâneos, inclusive os dicionários eletrônicos de Antônio Houaiss e o Aurélio Século XXI. Por isso, tivemos que formular a sua definição baseando-se em uma base lexical pouco conhecida pelos falantes da língua portuguesa que é [háckia], que se refere a uma árvore de flores amarelas. Desse modo, baseando-se no contexto no qual a palavra neológica está inserida e nessa base lexical, elaboramos a definição acima.

²⁵ Nesta lexia, não estamos considerando o processo de rotacismo do 'R' para o 'L' e sim, a lexia "Imprumada", com todo o seu traço sêmico.

Abonação: *"Valente na guerra / Quem há, como eu sou? / Quem vibra o tacape / Com mais valentia? / Quem golpes daria / Fatais, como eu dou? / - Guerreiros, ouvi-me; / - Quem há, como eu sou? / Quem guia nos ares / A frecha <imprumada>, / Ferindo uma presa, / Com tanta certeza, / Na altura arrojada / Onde eu a mandar? / - Guerreiros, ouvi-me, / - Ouvi meu cantar / Quem tantos imigos / Em guerras preou? / Quem canta seus feitos / Com mais energia? / Quem golpes daria / Fatais, como eu dou? / - Guerreiros, ouvi-me: / - Quem há, como eu sou? "* (PC, O Canto do guerreiro, p. 21).

Sentido: que não está no prumo, no plano, no nível. Aquilo que está torto, desnivelado, desigual.

Notas Enciclopédicas: a lexia neológica formal 'imprumada' não se encontra dicionarizada em nenhuma das obras lexicográficas de época elencadas para esta pesquisa. Ela é formada a partir de uma base lexical [prumo], acrescida por um prefixo de negação [-im] e um sufixo derivacional [ada]. Este sufixo nos remete à idéia de "determinada quantidade ou de alguma coisa". Já o prefixo [-im], na maioria das vezes, dá o sentido contrário das coisas, como: imparitilhável, impassável, impatriótico etc. Outro sentido que poderemos atribuir a esta lexia é o de 'pluma', referindo-se à pena de ave, segundo o contexto: *"Quem guia nos ares / A frecha <imprumada> [...]*. Desse modo, percebemos no poema uma forte musicalidade que liga todos os versos, mudando, às vezes, o ritmo, dependendo este da cena imagística que o poeta usa para compor os seus versos. Assim, o poema "o Canto do guerreiro" é uma composição poética destinada à interpretação musical. É comum nas aldeias indígenas os índios contarem à sua descendência seus feitos heróicos em tom de declamação e canto.

INTERCORTADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Inter	N/C

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Inter	(in-tér), Pref. Que significa entre, dentro de, no meio de: intervir, interpor, interromper. / F. lat. <i>Inter</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Cortádo	p. pass. de <i>Cortar</i> . Atalhado de susto, receyo, desconfiança. B. 2. 4. 4. "com o qual subito movimento... assi ficarão <i>cortados</i> :" os que estavam para matar um á traição, cuidando que erão descobertos. V. de Suso, 96. <i>Cortado</i> de medo: <i>cortado</i> de pés, e mãos; sem poder usar delles, por medo, &c. V de Suso, f. 201 §. Ferido, mal-tratado, e com sentimento disso. "todo vos estais cortado." Eufr. E Ulisipo, Com. Freq. E por ironia. §. <i>Cortados</i> em flor o gostos; concluidos logo em nascendo. Mausinho; 43. V. §. Talhado, aberto. lapa <i>cortada</i> em rocha viva. Palm. 3. 119. §. Interrompido. Ferr. L. 1. Soneto 35; " <i>palavras cortadas</i> ." §. Pena mais <i>cortada</i> , i. é, melhor aparada: e fig. melhor estilo. Bern. Lima, Carta 6. "outra pena pedia mais <i>cortada</i> ." A pena que tão mal <i>cortada</i> tenho. Cam. Redond.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Cortado	(kur-tá-du), adj. golpeado. / talhado (falando do fato): Um fraque bem <i>cortado</i> . / Interrompido, interceptado, impedido: As comunicações estão <i>cortadas</i> . O caminho estava <i>cortado</i> de barrancos. / Privado de comunicações entre a posição ocupada e outro qualquer ponto (falando de tropa): O batalhão achou-se <i>cortado</i> . / (Fig.) Repassado, transido, magoado, atormentado: Que sem voz e <i>cortado</i> de aflição implorava o perdão do solitário. (R. da Silva) / Intermeado, misturado: <i>Cortado</i> por miserrimos suspiros palpita o grato nome em nossos labios. (Bocage.) / F. Cortar + ado.

INTERCORTADA²⁶ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "*Não verás a rocha erguida, / Onde t'ias assentar; / Nem o som bem conhecido / Do teu sino hás de escutar. / 'Há de cair sobre as ondas / O pranto do teu sofrer, / E nesse abismo salgado, / Salgado se há de perder.'* / Já chegou junto à fragata, / Já na escada se apoiou, / Já com voz <**intercortada**> / Último adeus soluçou / Canta o nauta, e solta as velas / Ao vento que o vai guiar; / E a fragata mui veleira / Vai fugindo sobre o mar. / E o velho sempre em silêncio / A calva testa dobrou, / E pranto mais abundante / O rosto senil cortou." (PC, O desterro de um pobre velho, p. 108).

Sentido: que se interrompe a intervalos. Que se corta a espaços de tempo, que se divide. Aquilo que é interceptado em frações de tempo.

²⁶ 'Intercortada' é uma lexia neológica formal que não consta nos dois dicionários de época de A.M.S. e C.A. selecionados para esta pesquisa, nem tampouco nos dois dicionários contemporâneos de A. e H.

Notas Enciclopédicas: a lexia neológica formal 'intercortada' é formada pelos seguintes componentes [inter + cortar + ada]. Apresenta, assim, uma base lexical [cortar], acoplada a um prefixo [inter] que significa entre, dentro de, no meio de, como: intervir, interpor, interromper. A nova criação lexical possui também a presença de um sufixo derivacional [-ada]. Este sufixo nos remete à idéia de "determinada quantidade ou de alguma coisa". Nesse sentido, percebemos nesse poema a dor de um velho que possivelmente praticou algum crime contra a pátria e será desterrado de sua terra, afastado para sempre dos que lhe são caros ao coração. O poeta cruzou-lhe o caminho momentos antes de partir e presenciou a sua triste sina, a sua voz intercortada por soluços de dor por ter recebido a pena de proscrição.

MALCUIDADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Mal	Adv. Não bem; imperfeitamente; in-honestamente; irregularmente; v.g. está <i>mal</i> de saúde: obra <i>mal</i> feita: viver <i>mal</i> ; pensar <i>mal</i> . § Dizer <i>mal</i> d'alguém; i. é, contra as suas partes, talentos, costumes. § Estar <i>mal</i> com alguém; i. é, de quebra, inimizade. § Estar <i>mal</i> algum traje, ou adorno; por não vir ao corpo, talhe, idade, graduação § Estar <i>mal</i> alguma acção, ser indecente, indecorosa. § <i>Mal</i> : difficilmente, apenas: v. g. mal chega para soste a vida: <i>mal</i> chegava a casa, quando elle morrera. § Sem direito: v.g. "matar mal." Amaral, 7. § <i>Mal</i> ferido, i. é, em perigo de vida pelas feridas. § <i>Mal</i> junta-se aos adjectivos, como em Latim: v. g. <i>mal</i> irado: i. é, contra a razão. Auto do dia de Juízo. " <i>mal</i> prodigos da vida." Ferr. Poem. L. 2. Cart. II. f. 108. Son. 51. Tom. I e 3. L. 2. Malperdidos. Corpo malnascido. O mancebo de Abydo (Leandro) malsizudo. Cam. Son. 280.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Mal	(mál). Adv. Não bem; de modo imperfeito e irregular, erradamente: Estar <i>mal</i> de saúde. Calculo <i>mal</i> feito. Pensar <i>mal</i> . / difficultosamente, com custo, apenas: O viajante <i>mal</i> teve tempo para formar idéa do painel. (R. da Silva) Mal haverá na terra quem se guarde. (Camões). / Pouco: As rígidas verdades <i>mal</i> sabidas. (Gonç. Dias) A senhora mais edosa que não se assemelhava <i>mal</i> a uma das tres parcas. (R. da Silva) / ilegalmente, contra o direito e a justiça, menos bem do que se merece: julgar <i>mal</i> . Pensar <i>mal</i> de alguém. A enfermidade...de que todos commummente se queixam é de mal despachados. (Vieira.) / Contra a moral, contra o que deve ser: Portar-se mal. / Cruelmente, sem humanidade, rudemente: Muito mal nos tratou o guarda. / Não, de modo nenhum: Mal venturoso. / dizer mal á ou da sua vida. V. Dizer. / Dizer mal de alguem, falar contra as qualidades ou talento de alguem. / Estar mal, estar perigosamente doente ou em más condições financeiras. / Estar mal de..., não ter provisão de...: A feira estava mal de pannos. / Estar mal visto, não estar nas boas graças de alguem. / Falar mal. V. Falar. / Mal haja a minha infelicidade! / Ir mal, não gosar saude; não prosperar, sofrer contrariedades, prejuizos, desgostos; levar

	mau caminho, dirigir-se para mau fim. / A mal, contra vontade, á força. / Ainda mal, para cumulo de desgraça; infelizmente: Chegou?... Ainda mal que não se póde remediar aquella desgraça. Bebe attento a resposta e não ouve outro som responder-lhe: inda mal! (Gonc. Dias) / Em mal, infelizmente, por desgraça: Este... que cedo não será, bem cedo, em mal! O velho Portugal.
Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Cuidada	p. pass. de Cuidar. § "coisa não <i>cuidada</i> ; "não imaginada, não prevista. § Conselho bem cuidado; ponderado, considerado para acertar. Lus. VI. 35.
Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Cuidada	(kui-dá-du), adj. pensado, meditado: Conselho bem <i>cuidado</i> . (Camões.) / Previsto: Vendo como deixava a certa rota, por ir buscar a morte não cuidada. (Camões.) / --, s. m. aplicação do espírito a alguma coisa ou em fazer alguma coisa; desvelo, solicitude; atenção; diligencia; vigilancia; precaução: Todos os seus trabalho são feitos com muito cuidado: Era de ver o <i>cuidado</i> com que procurava se fizesse a festa. (Fr. L. de Sousa) / Tomar <i>cuidado</i> , ter cuidado em alguma coisa, vigiar por que ella se conserve ou dê bom resultado: Tomar <i>cuidado</i> na saúde. Ter cuidado em uma operação chimica. / Tomar cuidado, ter cuidado em ou com alguma coisa, acautelar-se para que ella lhe não cause damno: Toma cuidado com elle. Tenha cuidado com as comidas. / O cargo, o dever de cuidar em alguém ou em alguma coisa; incumbencia, responsabilidade, conta: Confio-lhe o cuidado de tratar dos meus negocios. / Deixou ao tempo o cuidado de vingar a sua memoria. / Inquietação de espirito causada por algum mal que succedeu ou se receia, ou pelo desejo de cumprir algum dever ou de levar a cabo de algum negocio: Quem tem cuidados, não dorme (prov.) Estes são, amigo, hoje todos os meus cuidados. (Vieira.) / Estar em cuidado, estar inquieto. / Dar cuidado, preocupar, inquietar: Toda a potencia de Hespanha armada contra Portugal dá tão pouco cuidado aos nossos principes... (Vieira.) Doença de cuidado, doença perigosa. / (Fig. e poet.) O objecto das nossas inquietações: É ella todo o meu cuidado. / Cuidado! Interj. Usada para advertir alguém. / F. Cuidar+ado.

MALCUIDADA²⁷ (s. f.) (01 oc.)

Abonação: "E o ar em ondas sôfregos respiram. / Cada qual, mais pasmado que medroso, / Se estranha a força que no outro encontra, / A <malcuidada> resistência o irrita. / Itajuba! Itajuba! - os seus exclamam. / Guerreiro, tal como ele, se descora / Um só momento, é dar-se por vencido." (GD, Os Timbiras, p.50)

Sentido: designação dada às coisas e às pessoas que são desprezadas, que não são levadas em conta; aquilo que não se cuida, ato ou efeito de não se cuidar de algo ou de alguém.

²⁷ A lexia neológica formal 'malcuidada' não consta nos seguintes dicionários de época consultados: A.M.S. e C.A. Porém, já está atestada nos dicionários contemporâneos de A. e H.

Notas Enciclopédicas: é notável o efeito poético da palavra 'malcuidada', pois ela descreve o estado d'alma dos guerreiros em luta e demonstra que nem sempre o combate é apenas exterior, mas também há um combate interior de nervos, de resistência, que deve ser vencido. Assim, 'Malcuidada' é uma palavra neológica por não estar atestada nos dicionários consultados nesta pesquisa. Ela estabelece uma relação com a lexia 'mal' que, segundo a definição dos dicionários, está associada com não bem, ou seja, algo errado, praticado de forma incorreta, imperfeita e irregular, e também com a lexia 'cuidada' que estando dissociada da lexia mal, significa algo pensado, meditado, previsto; ao passo que a lexia neológica 'malcuidada' remete-nos à coisa não cuidada, não imaginada, não prevista, enfim, desorganizada, bagunçada. Portanto, cremos que o poeta maranhense utilizou-se da composição, nesse caso, da justaposição, para formar esta lexia neológica, embora esse tipo de formação apareça com pouca frequência, é muito importante para revitalizar o nosso caudal lexical.

MALOGRAÇÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Mallogro	N/C

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Mallogradamente	(ma-lu-ghrá-da-men-te) adv. debalde, em vão; infructuosamente. / F. Mal+logrado+mente.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Mallogrado	(ma-lu-ghrá-du), adj. que se <i>malogrou</i> ; que não teve sucesso; gorado: O santo monge estremecia de receio só com a idéia de ver também mallograda esta tentativa. (R. da Silva) / Que teve mau sucesso; que levou mau fim. / Que morreu prematuramente: As esperanças que dava aquelle mallogrado escriptor. / F. Mallograr+ado.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Mallogro	(ma-lô-ghru), s.m. inutilização, falta de resultado: Martim Moniz, a quem o mallogro de tantas fadigas desespera, á porta (do castello) se atira novamente. (Castilho.) / Damno, prejuizo. / F. contr. De Mallograr+o.

MALOGRAÇÃO²⁸ (s. f.) (02 oc.)

Abonação: *"Não o fiz, porque, quanto a mim, toda a inovação deve ser intentada por alguém que já tenha um nome e simpatias que com mais ou menos probabilidade lhe garantam o sucesso. Neste caso a <malogração> é de péssimos resultados, não tanto para o autor, como para a arte; o público toma para si uma opinião bem ou mal fundada, os mais altos temem arrostar-la, e haverá no progresso da arte retardamento de um século ou mais, até que de todo apague a idéia da malogração ou do ridículo, e que outros homens estejam dispostos a receber idéias já rejeitadas por seus antepassados."* (Leonor de Mendonça, p. 12)

Sentido: ato ou efeito de malograr; inutilização, falta de resultado. Que teve mau êxito; que levou mau fim. / Que morreu prematuramente.

Notas Enciclopédicas: 'malogração' é uma lexia neológica formal formada de [mal + lograr + ção], constituído por derivação sufixal e prefixal. Este neologismo não está dicionarizado em nenhuma das obras lexicográficas de época usadas em nossa pesquisa. Em razão disso, optamos por trabalhar com suas bases lexicais. O próprio Gonçalves Dias nos chama a atenção para um aspecto de sua obra, que é a 'malogração', comum a todo artista das letras ou de qualquer segmento da atividade humana. Desse modo, ele não endeusa a sua arte, pois a considera passível de erro, bem como de falhas. Portanto, ele se esmerou ao máximo para criar uma arte destituída de erros, mas como bem afirma, toda arte está sujeita ao ridículo.

PIPILANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Pipilár	(Insulana, 6. 64), ou <i>pipitár</i> , v. n. Diz-se da voz das aves pequeninas. Arte da caça, f. 7. Outros dizem, que pipilar é a voz d'alvoroço, e <i>pipitar</i> de queixa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
----------------	-------------------------------------

²⁸ A lexia neológica formal 'malogração' não está atestada nos dicionários de época A.M.S. e C.A., analisados, nem tampouco nos dicionários contemporâneos: A. e H.

Pipilar	(pi-pi-lár), v. intr. <i>Piar</i> (a ave), pipitar: Os pardaes pipilavam na oliveira. (Camillo.) / -, s.m. o piar das aves. / F. lat. Pipilare.
---------	---

PIPILANTE²⁹ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "*Como de sob os pés vos fuge o bando / De sussurantes passarinhos, quando pensativo calcais na densa mata / As sêcas folhas rugidoras, sôltas; / Como sobem confusas, <pipilantes>, / Ouvindo o estranho som que as amedrontam / Da Harpa as notas soam, vibram, fogem: / Lá se perdem nos ares, lá renascem, Já de novo ressoam, como abelhas, / Que sôbre vivas folhas descansadas, / Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.*" (PRB, O bardo, p. 151).

Sentido: que pipila, pipitante, pia. O piar das aves. O ato de piar. Aquilo que pia, ressoa, canta.

Notas Enciclopédicas: a palavra neológica formal 'pipilantes' não se encontra registrada nos dicionários selecionados. Assim, o sema novo lhe confere o caráter neologizante. Esta lexia é formada por uma base lexical [pipilar], acrescida de um sufixo derivacional [-ante]. De acordo com Boulanger (1979), esta lexia é um neologismo formal.

RECÉM-FINADO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Recém	Adv. Recentemente, de pouco, usa-se na composição: v. g. <i>recém-nascido</i> , nascido de pouco.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Recém	(rre-ssan-e), pref. que se emprega na composição das palavras para significar que o acto que ellas indicam é praticado ou succedido recentemente ou de pouco tempo: <i>Recem-chegado</i> . Recém-casado. Recem-nascido. / F. lat. Recens.

²⁹ A lexia neológica formal 'pipilante' não está atestada nos dicionários de época: A.M.S. e C.A. Entretanto, ela já possui seu registro nos dicionários contemporâneos: A. e H.

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Finado	Part. pass. de Finar. Morto. Dia de finados; de defuntos. V.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Finado	(fi-ná-du), adj. morto, falecido: Sabes certo que é <i>finado</i> ? (Herc.) / -, s. m. defuncto, pessoa morta: Assemelhavam-se aos ecos das orações por finados. (Herc.) / Dia de finados, o dia 2 de novembro. Em que a Igreja reza pelas almas dos defuntos. / F. Finar + ado.

RECÉM-FINADO³⁰ (adj. e s.m.) (01 oc.)

Abonação: "- Não julguei acordar! - disse afligido. / Mas do finado, que o chamara à vida, / Correu nos lábios mofador sorriso: / 'Não julgaste acordar, insano?! - a mente / Perdida não sentiste além dos ares / Voar além dos céus, além das nuvens? / Dizia o espectro: - Insano, tu cobriste-a / De lôdo terral, cortaste as asas / Dêsse amigo adejar, de prece amiga / Que vai, que sobe, perfumado incenso, / Beijar do eterno ser o trono excelso. / Eis do <recém-finado> a voz rebrama / No recinto do templo; - estoura e ferve / No estreito espaço da garganta, como / Neve que o sol derrete, que nas orlas / Do raso leito de regato humilde / Rebenta em borbulhões de argêntea espuma." (PRB, Fantasmas, p. 147)

Sentido: diz-se do indivíduo falecido há pouco ou recentemente. Que se finou há pouco. Aquele que acabou de morrer. Recém-falecido. Recém-morto.

Notas Enciclopédicas: a lexia composta 'recém-finado' é um neologismo formal, pois não se encontra lexicalizada nas obras de época analisadas. Ela é formada de um prefixo [recém] que significa: "recentemente, ainda agora, agora mesmo, quase neste instante" e é empregado na composição das palavras que vêm antes de um particípio, indicando que o ato que elas indicam é praticado recentemente: Recém-chegado; recém-casado; recém-nascido. Ela apresenta também um substantivo [finado], que expressa a condição de morto, mas que, ligado ao prefixo [recém], mostra que a morte foi muito recente. Desse modo, o poeta constrói uma cena um pouco dantesca,

³⁰ Esta lexia neológica formal não está atestada nos dicionários de época de: A.M.S. e C.A., nem tampouco no Aurélio – Século XXI. Porém, ela já está atestada no dicionário de Antônio Houais (2001), sem datação.

demonstrando com singularidade a estranha voz de um defunto a ecoar no templo, deixando, certamente, os presentes aparvalhados e amedrontados diante do esquife do morto.

REPRESSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Reprimido	p. pass. De <i>Reprimir</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Reprimidor	s. ou adj. Pessoa, ou cousa que reprime; v.g. de insultos, de revoltas, e revoltosos, &c. Religião <i>reprimidora</i> das imundicias da carne. Arraes, 7.11.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Repressão	(re-pre-ssão), s. f. acção ou effeito de reprimir; cohição, proibição, enfreamento. / Governo de repressão, o que emprega ordinariamente leis de <i>repressão</i> . / Leis de <i>repressão</i> ou leis <i>repressivas</i> , leis ou medidas energicas e violentas contra as demasias e licenças da população ou contra os abusos e excessos de particulares; (por ext.) leis despoticas e oppressivas: Quem inventou as machinas, estes escravos modernos e submissos, que não provocam leis de <i>repressão</i> nem tumultuam nas officinas contra os seus domiadores; (Lat. Coelho.) / F. lat. <i>Repressio</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Repressivo	(re-pre-ssi-vu), adj. que tem o poder de <i>reprimir</i> , que serve para <i>reprimir</i> : Um complexo de providencias <i>repressivas</i> de numerosos abusos. (Herc.) / F. r. lat. <i>Repressus</i> .

REPRESSO³¹ (adj.) (02 oc.)

Abonação: "Eis o aço da guerra lampeja, /Do fegoso corcel o nitrído, / Eis o brônzeo canhão que rouqueja, / Eis da morte <**represso**> o gemido / Já se aprestam guerreiros luzentes, / Já se enfreiam corcéis belicosos, / Já mancebos se partem contentes, / Augurando a vitória briosos. / Brilha a raiva nos olhos; - nas faces / O

³¹ 'Represso' é uma lexia que não consta nos seguintes dicionários de época: A.M.S. e C.A., nem tampouco nos respectivos dicionários contemporâneos: A. e H.

interno rancor podes ler; / Eia, avante! - clamaram os bravos, / Eia, avante! - ou vencer ou morrer! " (PC, A vila maldita, cidade de Deus, p. 122).

Sentido: que se comprime, que está retido, represado, reprimido, sustido, detido. Aquilo que é impedido de sair totalmente e quando sai é com muita dificuldade.

Notas Enciclopédicas: 'represso' é uma palavra nova no léxico Português. Ela foi criada a partir de uma base lexical [presso], unida a um prefixo [-re], que serve muitas vezes para indicar repetição, como: redizer, recomeçar; outras vezes, ele indica reciprocidade, mutuação, troca como: réplica, restituir; outras não têm valor sensível como: reluzir. A questão da morte é muito ventilada nos poemas gonçalvinos, seja nos combates entre as valentes tribos indígenas, seja na dor de amar do poeta que espera, na morte, a libertação de sua alma para as culminâncias celestiais.

RUDO-LAVRADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Rudo	Adj. m. V. <i>Rude</i> . Lobo, Primav. Flor. 7. P. 3. Cam. Lus. e muitos clássicos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Rudo	(rru-du), adj. o mesmo que rude: O povo <i>rudo</i> . (Camões.) / Insupportavel, fatigante, abhorrecido: Os sítios queridos d'esta ruda, feroz soledade (Garret.) / F. corr. De Rude.

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Lavrado	p. pass. de lavar. fig. corpo <i>lavrado</i> do nosso ferro: mares lavrados de nossas mãos. B. 1. 9. 1. Templos lavrados do fogo. Semblante <i>lavrado</i> de rugas. Outeiros <i>lavrados</i> de chuvas: i. é, com regos, ou regueiras, que ellas fizerão. § Adornado com labores: v.g. metáes <i>lavrados</i> ; madeiras, costuras lavradas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Lavrado	(la-vrá-du), adj. que tem labores, que é ornado de relevos: Depois encheu de vinho o seu pichel de prata mui rico e <i>lavrado</i> ... (Herc.) / --, s. m. lavor, obra feita por desenho com ornatos abertos pela agulha. / F. Lavar +ado.

RUDO-LAVRADO³² (adj. masc.) (01 oc.)

Abonação: *"Jatir, dos olhos negros, onde pára? / Que faz? Que lida? Ou que fortuna corre? / Três sóis já são passados: quanto espaço, / Quanto azar não correu nos amplos bosques / O impróvido mancebo aventureiro? / Ali na relva a cascavel se esconde, / Ali, das ramas debruçado, o tigre / Aferra traiçoeiro a presa incauta! / Reserva-lhe Tupã mais fama e glória, / E voz amiga de cantor suave / Co'os altos feitos lhe embalsame o nome! / Assim discorre o chefe, que em nodoso / Tronco <rudo-lavrado> se recosta? / Não tem poder a noite em seus sentidos, / Que a mesma idéia de contínuo volvem"* (GD, Os Timbiras, p. 50).

Sentido: que está lavrado de rugas. Aquilo que apresenta saliências, deformidades, estrias em sua forma, que não permite prazer e bem-estar aos que lhe buscam o reconforto do descanso.

Notas Enciclopédicas: a palavra composta 'rudo-lavrado' apresenta a fusão de dois adjetivos e tem por função qualificar o substantivo 'tronco'. A presença desta palavra composta vem confirmar as nossas suspeitas sobre a utilização por parte de Gonçalves Dias do processo de composição, embora não seja uma constante em sua obra, conforme mencionamos anteriormente, ele utiliza esse processo para melhor caracterizar as cenas que deseja retratar. Cada uma das palavras tem seu sentido próprio e com a sua junção, ambas vão ganhar um novo sentido, que está expresso no poema e que traduz "algo desconfortável", no entanto, se mescla com a noite e configura uma cena patética aos olhos do leitor.

³² A lexia neológica composta 'rudo-lavrado' não está dicionarizada nos dois dicionários contemporâneos supracitados. Nem tampouco nos dois de época elencados nesta pesquisa.

SEMIBÁRBARO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Semi	Adv. Que se junta aos adj. para denotar que só tem a metade do attributo significado por elles; v. g. <i>semidouto</i> : junta-se aos substantivos; v. g. <i>semicírculo</i> , ou meio círculo; <i>semimetal</i> , meio metal, & c. Rrrr ii

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Semi	(sse-mi), ref. Lat. Que entra na composição de varias palavras com a significação de meio ou quasi, e é o mesmo que hemi: <i>semivivo</i> , <i>semicírculo</i> . [Antes de palavras começadas por me ou mi contrai-se em se: <i>semestre</i> , <i>seminima</i> .]

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Bárbaro	Adj. Homem rude, sem policia, nem civilidade, opposto ao civilizado, e urbano. § Estilo <i>bárbaro</i> , do que não é polido; mas incorrecto, e contrario ao de que usa a gente bem educada. Maris, D. 2. C. 5. De <i>barbaros</i> , e mal compostos com diffculdade se achava quem os entendesse. §. <i>Barbaro</i> : deshumano, feroz, cruel, inculto: v. g. <i>animo barbaro</i> , costumes, usos <i>barbaros</i> .

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Bárbaro	(bar-ba-ru), adj. rude, grosseiro, sem civilização, selvagem [oppõe-se a civilizado e culto]. / Cruel, brutal, atroz. / Estyllo <i>barbaro</i> , não polido, incorrecto. / Os <i>bárbaros</i> do Norte, os vandalas, os suevos, os alanos, os godos e os outros povos que invadiram e assolaram o imperio romano do occidente no seculo V da era christan. / F. lat. <i>Barbarus</i> .

SEMIBÁRBARO³³ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "Os ritos <semibárbaros> dos piagão, / Cultores de Tupã, e a terra virgem Donde como dum tronco, enfim se abriram / Da cruz de Cristo os piedosos braços; / As festas, e batalhas mal sangradas / Do povo americano, agora extinto / Hei de cantar na lira. - Evoco a sombra / Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto, / Severo e quase mudo, a lentos passos, / Caminha incerto, - o bipartido arco / Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros / Pende-lhe a rota aljava... as entornadas, / Agora inúteis setas, vão mostrando/ A marcha triste e os passos mal seguros / De quem, na terra de seus pais, embalde / Procura asilo, e foge o humano trato." (GD, Os Timbiras, p. 29).

³³ Apesar da lexia 'semibárbaro' não constar nos dois dicionários de época supracitados, ela encontra-se lexicalizada nos dicionários eletrônicos: Aurélio – Século XXI e Houaiss (2001).

Sentido: que é rude, sem polícia, nem civilidade, oposto ao civilizado. Estilo bárbaro, sem bons costumes; aquele que não tem bons modos, que não tem educação. Enfim, sem atributo algum, inculto.

Notas Enciclopédicas: a expressão ritos 'semibárbaros' equivale a ritos selvagens, rudes, grosseiros e cruéis. Os índios 'semibárbaros' faziam parte de muitas tribos indígenas antropófagas, que se alimentavam da carne dos guerreiros vencidos em batalhas. A lexia neológica 'semibárbaros' formada dos seguintes componentes [semi + bárbaros] apresenta aspectos neológicos do tipo formal. A palavra foi criada a partir de um nome comum 'bárbaros', com a presença do prefixo [-semi], que é um formador de palavras nominais, como em: semimetal, semicírculo, semicontente, dentre outros substantivos e adjetivos.

UMEDECER

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Umedecer	N/C

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Umedecer	N/C

UMEDECER³⁴ (v.t.d.) (01 oc.)

Abonação: *"Tu falas! Tu que dizes? Este acento, / Esta voz melindrosa, / Noutros tempos ouvi, porém mais leda; / Era um hino d'amor. / A voz, que escuto, é magoada e triste, / - Harmonia celeste, / Que à noite vem nas asas do silêncio /*

³⁴ A lexia 'umedecer' não consta nos seguintes dicionários de época: A.M.S. e C.A., selecionados para esta pesquisa. Todavia, ao consultarmos dois dicionários contemporâneos, que são: Aurélio – Século XXI e o Houaiss (2001), verificamos que ela está atestada nestes dois e o Houaiss (2001) traz a sua datação como sendo de 1662. Apesar da discrepância detectada, preferimos confiar nos dicionários de época, uma vez que, no Brasil, não há uma fonte segura para datação.

<**Umedecer**> *as faces / Do que enxerga outra vida além das nuvens. / Esta voz não é sua; / É acorde talvez d'harpa celeste, / Caído sobre a terra / Balbucias uns sons, que eu mal percebo, / Doridos, compassados, / Fracos, mais fracos; - lágrimas despontam / Nos teus olhos brilhantes... / Choras! Tu choras!... Para mim teus braços / Por força irresistível / Estendem-se, procuram-me; procuro-te / Em delírio afanoso.*" (PC, Delírio, p. 72).

Sentido: tornar-se úmido; molhar-se de leve; revestir-se de substância líquida; umectar-se; embrandecer.

Notas Enciclopédicas: o neologismo formal 'umedecer' trata-se de uma nova construção no léxico português por não se apresentar registrada em nenhum dos dicionários selecionados para esta pesquisa. Ela é formada a partir de uma base lexical [úmido], acrescida de um sufixo [ecer] que nos sugere a idéia de “ação incoativa ou mudança de estado”. Desse modo, o poeta, para fugir do seu cárcere de dor, durante à noite, ele evoca a suprema felicidade de uma outra vida mais venturosa que a que ele arrastava consigo e eram nesses momentos em que ele escutava uma voz maviosa e triste, que fazia parte do grande concerto divino e que lhe umedecia as faces.

VERDE-CLARO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Verde	Adj. Da côr do <i>verde</i> . §. Coiros <i>verdes</i> ; i. é, crus, não curtidos. Leis Modernas. §. Vinho <i>verde</i> , de uvas pouco maduras. §. Fruto <i>verde</i> , não maduro. §. Lenha <i>verde</i> , não seca. §. Tempos <i>verdes</i> , os mares <i>verdes</i> , quando dura ainda o inverno, e não ha sasão de navegar. Barros, e Freire. §. Os annos <i>verdes</i> , sem a madureza da virilidade. §. Velho <i>verde</i> , rijo, e fresco V. do Arc. L. 3. C. 36. "idade decrepita dos annos, mas <i>verde</i> nas potencias." §. Moço <i>verde</i> que faz imprudencia, e os <i>verdiores</i> mocidade. Vieira. §. Está o apostema <i>verde</i> ; i. é, ainda fora de tempo de se abrir. §. Dar huma <i>verde</i> com huma madura, misturar as coisas desabridas, com agradáveis, que lhes sirvão de sainete. §. Cortar em <i>verde</i> , ou em agraço, antes do tempo rasoado, em flor. Cam. Son. 171. "em <i>Verde</i> me cortou minha alegria" allude aos pães, e á ferrá cortados antes de darem semente e ás frutas não maduras. §. Ornado, ou juncado de ramos "barco <i>verde</i> de mil ramos." Ferr. Carta 10. L. I.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Verde	(vér-de), adj. que é da côr das ervas, das folhas da maior parte das plantas e dos fructos ainda não amadurecidos: Com esse riso gracioso que tendes sob olhos <i>verdes</i> . (Bern. Rib.) As flores do fresco e <i>verde</i> prado. (Camões) / Ainda não

	maduro: Fructa <i>verde</i>. / Que não está ainda secco: Lenha <i>verde</i>. / Vigoroso, forte, lesto, desembaraçado: Velho mas ainda verde para o remò. (Franco Barreto.) Bem que velho era <i>verde</i>. (Fil. Elys) / (Fig.) Que ainda não se desenvolveu completamente, inexperiente: Tinha um coração de oiro ainda <i>verde</i> nas illusões da mocidade. (R. da Silva) Poeta, escriptor galante e mais <i>verde</i> de juizo do que de annos. (Camillo.) Tenro, mimoso; fraco, debil: Da <i>verde</i> infancia os sonhos melindrosos. (Gonçalves Dias.) / Caldo verde. V. Caldo. / Coiros verdes, pelles ainda não preparadas. / Edade verde, annos verdes, a juventude, a mocidade: Admirado de tanto saber e promptidão em edade tão verde. (R. da Silva) Desde mui verdes annos podia-se dizer que nunca depira as armas. (Herc.) / Esperanças em verde, esperanças só concebidas e cuja realização é duvidosa. / Feijão verde, a vagem do feijão rasteiro que se colhe para uso culinario. / Juizo verde, falta de discernimento ou de tino prudencial; pouca experiencia. / Mares verdes, o mar empolado, agitado. / Moço verde, rapaz inexperiente, que não tem ainda juizo prudencial nem madureza. / Negocio verde ou em verde, negocio que está ainda longe de se realizar, que está apenas em projecto ou só em principio de execução.
--	--

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Cláro	Adj. Alumiado pelo sol, ou luzes: v. g. está o dia <i>claro</i>; é dia <i>claro</i>; o quarto; posto que de noite, estava assás claro; §. Transparente: v. g. "vidro claro." §. Voz clara; limpa, que se ouve bem. §. Evidente, perceptível: v. g. "razões claras." §. Discurso claro; que percebe facilmente. §. Illustre: v. g. claro por sangue, e virtudes, e serviços feitos á pátria. §. Transparente, não toldado: v. g. vinho, agua clara.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Claro	(klá-ru), adj. que alumia, luminoso, brilhante, resplandecente: O <i>claro</i> sol. Luz muito clara. / Illuminado, alumiado, cheio de luz: Os lustres e candelabros tornavam a sala clara. / Que recebe a claridade do dia: Uma casa clara. / Que reflecte bem a luz; luzente, lustroso, polido: Espelho claro. / Transparente, translucido: Vidro claro. / Limpido, puro (opposto a turvo): As claras aguas do Mondego. / Limpido, sereno, sem nuvens (falando da atmosphaera ou do tempo): Está um céu ou um dia claro. / Dia claro, a parte do dia em que o sol está acima do horizonte: Era dia claro quando sahimos de Lisboa. / Noite clara, alumuada pelo luar. / Penetrante, perspicaz, que distingue bem (falando do sentido da vista: Os contornos d'esta figura não estão claros. / Branco ou Quasi branco: Pessoa clara (para distinguir de morena ou trigueira). / Pouco intenso, não carregado, desmaiado (falando das côres): Azul claro. / De côr clara (em opposição a negro ou escuro): Cabellos e olhos claros. Vestido claro. / Agudo, alto, vibrante, bem accentuado, bem perceptivel ao ouvido (falando dos sons e da voz). / (Fig.) Facil de entender: Em estylo claro que todos possam perceber. (Vieira.) / Que comprehende ou percebe facilmente (falando das faculdades intellectuaes): Razão clara. Entendimento claro. / Que representa as coisas ao vivo ou com toda a exactidão. (falando da memoria e da imaginação.) / Evidente, manifesto. [Diz-se: É claro ou está claro, em referencia a uma proposição já demonstrada ou que não carece de demonstração.] / Claro como agua ou como o dia (loc. fam.), intuitivo, da maior evidencia. / Explicito, bem expresso ou declarado, inequivoco, sem ambiguidade: Lei clara. / Convincente: Prova clara. / Averiguado, certo: Não está bem claro quem foi o auctor do crime.

VERDE-CLARO³⁵ (adj.) (01 oc.)

Abonação: *"Como as raízes meteu / Da úsnea no musgo raro, / Como as folhas - <verde-claro> - Espalmou! / Como as bagas pendurou / Lá de cima! Como enleva / O rio, o arvoredor, a relva / Nos odores, / Que inspiram falas de amores! / Dá-lhe o tronco - apoio, abrigo, / Dá-lhe ela - perfume amigo, / Graça e olor! / E no consórcio de amor / - Nesse divino existir - / Que os prende, vai-lhes a vida / De uma só seiva nutrida, / Cada vez mais a subir!"* (P, A baunilha, p. 168)

Sentido: que tem uma tonalidade entre o verde e o branco; que participa da cor verde e branco. Aquilo que tem uma tonalidade verde esbranquiçado.

Notas Enciclopédicas: a lexia composta 'verde-claro' não consta em nenhum dos dicionários analisados e, com base na teoria de Boulanger (1979), podemos seguramente afirmar que esta lexia é um neologismo formal, que é um dos processos criadores de palavras. Assim, esta lexia é formada por dois adjetivos [verde] e [claro] que, ao serem unidos, se mesclam denominando uma nova cor.

VERDE-FRONDOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Verde	Adj. Da cor do verde. §. Coiros verdes; i. é, crus, não curtidos. Leis Modernas. §. Vinho verde, de uvas pouco maduras. §. Fruto verde, não maduro. §. Lenha verde, não seca. §. Tempos verdes, os mares verdes, quando dura ainda o inverno, e não ha sasão de navegar. Barros, e Freire. §. Os annos verdes, sem a madureza da virilidade. §. Velho verde, rijo, e fresco V. do Arc. L. 3. C. 36. "idade decrepita dos annos, mas verde nas potencias." §. Moço verde que faz imprudencia, e os verdiores mocidade. Vieira. §. Está o apostema verde; i. é, ainda fora de tempo de se abrir. §. Dar huma verde com huma madura, misturar as coisas desabridas, com agradáveis, que lhes sirvão de sainete. §. Cortar em verde, ou em agraço, antes do tempo rasoado, em flor. Cam. Son. 171. "em Verde me cortou minha alegria" allude aos pães, e á ferrá cortados antes de darem semente e ás frutas não maduras. §. Ornado, ou juncado de ramos "barco

³⁵ A lexia composta 'verde-claro' não consta nos dicionários de época de: A.M.S. e C.A. No entanto, ela tem seu registro nos dicionários de A. e H. Antônio Houaiss (2001) traz sua datação como sendo de 1899, registrada no dicionário de Cândido Figueiredo.

	<i>verde</i> de mil ramos." Ferr. Carta 10. L. I.
--	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Verde	(vér-de), adj. que é da côr das ervas, das folhas da maior parte das plantas e dos fructos ainda não amadurecidos: Com esse riso gracioso que tendes sob olhos <i>verdes</i> . (Bern. Rib.) As flores do fresco e <i>verde</i> prado. (Camões) / Ainda não maduro: Fructa <i>verde</i> . / Que não está ainda secco: Lenha <i>verde</i> . / Vigoroso, forte, lesto, desembaraçado: Velho mas ainda verde para o remò. (Franco Barreto.) Bem que velho era <i>verde</i> . (Fil. Elys) / (Fig.) Que ainda não se desenvolveu completamente, inexperiente: Tinha um coração de oiro ainda <i>verde</i> nas illusões da mocidade. (R. da Silva) Poeta, escriptor galante e mais <i>verde</i> de juizo do que de annos. (Camillo.) Tenro, mimoso; fraco, debil: Da <i>verde</i> infancia os sonhos melindrosos. (Gonçalves Dias.) / Caldo verde. V. Caldo. / Coiros verdes, peles ainda não preparadas. / Edade verde, annos verdes, a juventude, a mocidade: Admirado de tanto saber e promptidão em edade tão verde. (R. da Silva) Desde mui verdes annos podia-se dizer que nunca depira as armas. (Herc.) / Esperanças em verde, esperanças só concebidas e cuja realização é duvidosa. / Feijão verde, a vagem do feijão rasteiro que se colhe para uso culinario. / Juizo verde, falta de discernimento ou de tino prudencial; pouca experiencia. / Mares verdes, o mar empolado, agitado. / Moço verde, rapaz inexperiente, que não tem ainda juizo prudencial nem madureza. / Negocio verde ou em verde, negocio que está ainda longe de se realizar, que está apenas em projecto ou só em principio de execução.

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Frondoso	Adj. Folhudo, que tem folhas bastas: v.g. arvore <i>frondósa</i> . §. Eneida, 7. 113. Os <i>frondosos</i> cornos do cervo; ramosos, granchosos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Frondoso	(fron-dô-zu), adj. <i>frondente</i> , abundante de folhas, de ramos: Os passaros poisados nas arvores <i>frondosas</i> . (R. da Silva) / Copado, espesso: Descortinou uma <i>frondosa</i> matta de murteiras, loireiros e robles. (Idem.) / Diz-se dos lichens quando são uma producção crustacea ou coriacea, e não têm tronco algum propriamente tal. / (Por ext.) Diz-se de tudo que tem muitas ramificações: A <i>frondosa</i> armação dos veados. / (Zool.) Diz-se das conchas que têm as varizes extendidas em fôrma de ramos. / F. lat. <i>Frondosus</i> .

VERDE-FRONDOSO³⁶ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "Agora a flor que m'importa, / Ou a brisa perfumada, / Ou o som d'amiga fonte / Sobre pedras despenhada? / Que me importa a voz confusa / Do bosque <*verde-frondoso*>, / Que m'importa a branca lua, / Que m'importa o sol formoso? / Que m'importa a nova aurora, / Quando se pinta no céu; / Que m'importa a feia noite, /

³⁶ A lexia composta 'verde-frondoso', não tem seu registro nos dicionários de época de: A.M.S. e C.A., nem tampouco nos dois dicionários contemporâneos de A. e H.

Quando desdobra o seu véu? / Estas cenas, que amei, já me não causam / Nem dor e nem prazer! - Indiferente, / Minha alma um só desejo não concebe, / Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde / Do meu imaginar as puras asas / Cercear, desprender-lhe as néveas plumas, / Rojá-las sobre ó pó, calcá-las tristes?" (PC, Quadras da minha vida, p. 128)

Sentido: que tem abundância em folhas verdes, folhas verdes e bastas. Árvores muito frondosas.

Notas Enciclopédicas: 'verde-frondoso' é uma lexia neológica composta que não está arrolada nas obras lexicográficas de época, referendadas nesta pesquisa, nem tampouco nos dicionários contemporâneos supracitados. Ela é composta por dois adjetivos [verde] e [frondoso], que analisados separadamente têm um sentido restrito, conforme mencionados nos quadros acima, mas, ao serem avaliados justapostos, mudam o sentido para "bosque verde e frondoso". Assim sendo, vale a pena também tentar interpretar esses versos do poeta, pois, é consabido que ele muito sofreu por um amor proibido por preconceitos de raça; um amor impossível o unia a Ana Amélia e ele, distante dela, compôs vários versos relatando o seu frustrado amor que o levou a ficar alheio a tudo que o cercava, menosprezando até mesmo a própria vida.

VERDE-NEGRA

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Verde	Adj. Da còr do <i>verde</i> . §. Coiros <i>verdes</i> ; i. é, crus, não curtidos. Leis Modernas. §. Vinho <i>verde</i> , de uvas pouco maduras. §. Fruto <i>verde</i> , não maduro. §. Lenha <i>verde</i> , não seca. §. Tempos <i>verdes</i> , os mares <i>verdes</i> , quando dura ainda o inverno, e não ha sãção de navegar. Barros, e Freire. §. Os annos <i>verdes</i> , sem a madureza da virilidade. §. Velho <i>verde</i> , rijo, e fresco V. do Arc. L. 3. C. 36. "idade decrepita dos annos, mas <i>verde</i> nas potencias." §. Moço <i>verde</i> que faz imprudencia, e os <i>verdiores</i> mocidade. Vieira. §. Está o apostema <i>verde</i> ; i. é, ainda fora de tempo de se abrir. §. Dar huma <i>verde</i> com huma madura, misturar as coisas desabridas, com agradáveis, que lhes sirvão de sainete. §. Cortar em <i>verde</i> , ou em agraço, antes do tempo rasoado, em flor. Cam. Son. 171. "em <i>Verde</i> me cortou minha alegria" allude aos pães, e á ferrá cortados antes de darem semente e ás frutas não maduras. §. Ornado, ou juncado de ramos "barco <i>verde</i> de mil ramos." Ferr. Carta 10. L. I.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Verde	(vér-de), adj. que é da côr das ervas, das folhas da maior parte das plantas e dos fructos ainda não amadurecidos: Com esse riso gracioso que tendes sob olhos verdes. (Bern. Rib.) As flores do fresco e verde prado. (Camões) / Ainda não maduro: Fructa verde. / Que não está ainda secco: Lenha verde. / Vigoroso, forte, lesto, desembaraçado: Velho mas ainda verde para o remô. (Franco Barreto.) Bem que velho era verde. (Fil. Elys) / (Fig.) Que ainda não se desenvolveu completamente, inexperiente: Tinha um coração de oiro ainda verde nas illusões da mocidade. (R. da Silva) Poeta, escriptor galante e mais verde de juizo do que de annos. (Camillo.) Tenro, mimoso; fraco, debil: Da verde infancia os sonhos melindrosos. (Gonçalves Dias.) / Caldo verde. V. Caldo. / Coiros verdes, pelles ainda não preparadas. / Edade verde, annos verdes, a juventude, a mocidade: Admirado de tanto saber e promptidão em edade tão verde. (R. da Silva) Desde mui verdes annos podia-se dizer que nunca depira as armas. (Herc.) / Esperanças em verde, esperanças só concebidas e cuja realização é duvidosa. / Feijão verde, a vagem do feijão rasteiro que se colhe para uso culinario. / Juizo verde, falta de discernimento ou de tino prudencial; pouca experiencia. / Mares verdes, o mar empolado, agitado. / Moço verde, rapaz inexperiente, que não tem ainda juizo prudencial nem madureza. / Negocio verde ou em verde, negocio que está ainda longe de se realizar, que está apenas em projecto ou só em principio de execução.

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Negra	s. f. Mulher preta. §. A Negra no jogo, é o terceiro que se ganha, e desempara os dois primeiros.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Negra	(nê-ghra), s. f. mulher negra. / (Por Ext.) Escrava. / (Jog.) A terceira partida que desempata as anteriores. / Mancha ou nodoa negra que apparece na pelle. / Uma negra de trabalho, mulher que se afadiga e moireja por indole ou necessidade. / F. lat. Niger.

VERDE-NEGRA³⁷ (adj.) (01 oc.)

Abonação: "Por que um suspiro de abafada angústia, / Um ai do peito, que exalar não ousa, / O meigo encanto dos teus sonhos quebra / Num breve instante / Raio de amor, que sôbre mim resplendes, / Ou sol que bates num profundo abismo, / E a <verde-negra> superfície tinges / De côr chumbada com reflexos d'oiro / Se vês luzente a superfície amiga, / E à luz que espalha aclarar-se o abismo, / Sol benfazejo, que te importam fezes, / Se lá no fundo adormecidas jazem? / Talvez se as viras, encobrendo os

³⁷ 'Verde-negra' é uma lexia composta que não tem seu registro nos dicionários de: A.M.S. e C.A. Mas, ela já se encontra lexicalizada nos dicionários de A. e H. Embora Houaiss (2001) traga a sua datação como sendo de 1623, preferimos nos deter nos dicionários de época supracitados, seleccionados para esta pesquisa, uma vez que esta lexia não tem seu registro neles.

olhos, / De horror fugindo ao temeroso aspecto, / Os brandos lumes, donde amor distilas / Breve apagaras. " (PRB, Quando nas horas, p. 124).

Sentido: que tem uma tonalidade entre o verde e o preto; que participa da cor verde e preta. Aquilo que tem uma tonalidade escura de verde. Verde-escuro.

Notas Enciclopédicas: não encontramos a palavra 'verde-negra' em nenhum dos dicionários de época analisados neste estudo. Por isso, ela é uma lexia neológica formal, formada pela junção de dois adjetivos [verde] e [negra], que separados representam cores escuras e de tonalidades fortes, mas quando estes adjetivos se unem, formando a lexia composta 'verde-negra', amenizam um pouco o seu impacto nos profundos abismos e a sua negritude ganha um novo colorido ao serem tocadas pelos raios luminosos e dourados. Desse modo, notamos que o poeta compara a sua vida antes de um amor e depois, sendo que antes sua alma estava envolta em profundo abismo 'verde-negro', mas ele, ao ser tocado pelos raios balsamizantes de um amor, todo o seu ser se resplandece em luz, abandonando o profundo abismo no qual habitava para buscar as paisagens de ventura e de amor.

VESPERINA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Véspero	s. m. Astron. A estrella da tarde. "para o Ponente o vespero trazendo estava o claro dia." Lus. 3. 115. E Lusit. Transf. f. 125. do vespero té a Aurora.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Vesperial	(ves-pe-rál), adj. relativo ou pertencente á tarde; que se faz de tarde; que succede de tarde. / -, s.m. livro que contém as rezas das <i>vesperas</i> . / F. lat. Vespéralis.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Vespertino	(vés-per-ti-nu), adj. relativo ou pertencente á tarde ou ao vespero. / Astro vespertino, o vespero ou estrella da tarde. / F. lat. Vespertinus.

VESPERINA³⁸ (adj.) (01 oc.)

Abonação: *"Quando um sente aflição, nos braços do outro / A aflição, que é só dum, carpindo juntos, / Encontra doce alívio o desditoso / No tesouro que encerra um peito amigo. / Cândido par de cisnes, vão roçando / A face azul do mar co'as nêvas asas / Em deleite amoroso; - acalentados / Pelo sereno espreguiçar das ondas, / Aspirando perfumes mal sentidos, / Por <vesperina> aragem bafejados, / É jogo o seu viver; - porém se o vento / No frondoso arvoredado ruge ao longe / Se o mar, batendo irado as ermas praias, / Cruzadas vagas em novelo enrola, / Com grito de terror o par candente / Sacode as nêvas asas, bate-as, - fogem."* (PC, Quadras da minha vida, p. 131).

Sentido: que pertence à tarde ou aos vésperos. Relativo à tarde. Aquilo que antecede certos acontecimentos.

Notas Enciclopédicas: 'vesperina' é também uma nova criação no léxico português. Esta lexia é um neologismo formal por não estar lexicalizada em nenhum dos dicionários de época elencados. Ela apresenta uma base lexical [véspero], acoplada a um sufixo derivacional [-ina] e traduz "aquilo que antecede algum acontecimento".

³⁸ Esta lexia não consta nos dicionários de época de: A.M.S. e C.A., nem tampouco, nos dicionários contemporâneos de A. e H.

3.1.2 - Palavras classificadas como neologismos semânticos

ABUTRE

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Abutre	s.m. Ave carnívora. (vul tur) Sabell. Eneida. Tras <i>abutres</i> femin.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Abutre	(a-bú-tre), s.m. (zool.) ave de rapina da ordem das diurnas, voraz, infecta, pesada, com as azas muito compridas e a cauda muito curta. / (Fig.) Homem sanguinario, destruidor. / F. lat. Vultur.

ABUTRE (s. m.) (01 oc.)

Abonação: *Oh! não poder-te, / <Abutre> roedor, cruel ciúme, / Tua funda raiz e a imagem dela / No peito em sangue espedaçar raivoso! / Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora, / Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe / Um quebrado suspiro do imo peito, / Que d'eras já passadas se recorda. / Hás de escutá-lo, e ver-lhe a cor do rosto / Enrubescer-se ao deparar contigo! / Presa serás também d'atros cuidados, / Terás ciúme, e sofrerás qual soffro: / Nem menor que o meu mal quero a vingança.* (PC, Amor! Delírio - Engano, p. 70)

Sentido: é o monstro do ciúme, que vai roendo pouco a pouco a felicidade das pessoas. Animal destruidor de sonhos e esperanças, que habita no interior dos homens, causando-lhes grandes tragédias.

Notas Enciclopédicas: 'abutre' é um neologismo semântico, pois no contexto apresenta um sema novo. Esta lexia já está lexicalizada nos dicionários de época analisados, no entanto, ela apresenta um sema novo e é empregada pelo poeta no texto poético, não no seu sentido literal, que é uma ave de rapina da ordem das diurnas, que se alimenta de restos mortais, mas com um sentido novo, como sendo o monstro do ciúme, que habita nas profundezas das criaturas e que provoca-lhes grandes quedas morais.

Assim, o poeta utiliza-se de uma figura de linguagem muito comum nos textos poéticos, que é a comparação, pois ele compara o abutre roedor ao cruel ciúme. Portanto, o poeta soube pintar com tintas fortes os seus poemas, usando de figuras de linguagens para aumentar a carga emotiva de seus versos e, ao mesmo tempo, retratar os estados de alma de que era portador.

DOIRADA

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Dourada	Ou <i>Dourado</i> , s. f. e masc. Peixe deste nome. (Aurata, ae.)

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Doirada	(doi-rá-da), s. f. (zool.) peixe acanthopterygio da família dos esparoides (<i>chrysophrys aurata</i>). / Nome commum a dois peixes da família dos escombridas (<i>lichia amia</i> e <i>coryphaena</i>). / Peixe malacopterygio da ordem dos esquamodermes e família dos cyprinoides (<i>doras</i>). / Casta de uva branca que se cultiva na Ribeira do Lima, e dá muito e bom vinho entre-maduro.

DOIRADA (s.f.) (02 oc.)

Abonação: *"Eram meus teus pensamentos, / Teu prazer minha alegria, / <Doirada> fonte d'encantos, / Fonte da minha poesia. / Vou-me longe, e o peito levo / Rasgado de acerba dor, / Mas comigo vão teus votos, / Teus encantos, teu amor! / Já me vou lidar em guerras, / Vou-me a Índia ocidental; / Hei de ter novos amores... / De guerras... não temas al."* (PC, O soldado espanhol, p. 35).

Sentido: fonte 'doirada', fonte da vida, da sublime inspiração, da harmonia universal, do criador com a criatura; fonte colorida, brilhante de luz e amor que resplandece em inspiração, fonte da poesia.

Notas Enciclopédicas: a amada é a musa inspiradora do poeta, é a fonte sublime e cristalina que lhe abre os canais para a perfeita inspiração. Gonçalves Dias se utiliza

muito da figura de sua amada para se inspirar ao compor seus versos. Assim como ele, muitos outros poetas não dispensam esse recurso precioso e imagístico, que é a figura feminina, enaltecendo os valores e realçando a sua beleza. É muito freqüente nos versos gonçalvinos a presença da mulher amada, como fonte de sublime inspiração. Ele, que sofreu por um amor não-correspondido, devido ao preconceito de raça, enquadra-se entre os poetas que amam sem serem amados, que vivenciam a sublime arte de amar. Desse modo, ao inserir a lexia 'dourada' na estrofe acima citada, o poeta confere a ela um traço semântico novo, que é a 'fonte dourada', sendo, portanto, um neologismo semântico.

APETECIDA IMAGEM

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Appetecer	v. at. Ter appetite. §. Desejar.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Appetecer	(a-pe-te-sser). V. tr. Ter appetite de; desejar muito, cubiçar; aspirar a; pretender, ambicionar: <i>Appetecia</i> os mais custosos adornos. Era o tempo em que a lassa natureza appetite o repouso. (Boc.) / - v. intr. Causar appetite ou desejo vehemente: Os caldos já lhe não appetecem. / (Flex.) v. Abastecer. / F. lat. Appetecem. / (Flex.) V. Abastecer. / F. lat. Appetere+ecer.

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Imagem	s. f. Figura, representação, semelhança, e apparencia de alguma coisa, pintada, em vulto, ou imaginada, e fantasiada; e representada com palavras.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Imagem	(i-má-jan-e), s. f. figura que representa uma pessoa ou coisa obtida pelos processos do desenho. / Estampa (em geral pequena) que representa ordinariamente um assumpto religioso. / Estatua. / Representação em pintura ou escultura da figura humana de Jesus Christo, da Virgem Santíssima ou dos Santos para ser exposta á veneração dos fieis: A imagem do Senhor dos Passos. / (Fig.) Pessoa bem feita e formosa. / Parecença, semelhança (entre dois objectos) O homem foi feito (segundo o Genesis) á imagem de Deus. / Reproduccão, copia: Era apenas a imagem descorada da antiga majestade dos Cesares. (Lat. Coelho.) / (Fig.) Figura, representação dos objectos na alma ou no espírito: De todos os lados via deante de si a imagem da morte. (R. da Silva) / Figura, symbolo, o que traz a idéa de outra coisa: Este ramo no meio do qual havia um pé de perpetuas, era a imagem das vaidades do mundo. (Herc.) / Idéa, impressão passageira ou duradoira que um objecto faz no espírito, no coração: Tenho ainda presente no espírito a imagem d'esses sitios que vi há annos. / (Rhet.) A pintura ligeira de um objecto confrontado com outro sem caracterizar os pontos de analogia que há entre ambos; metaphora, descripção, expressão com o auxilio da qual e em virtude de analogias intimas, mas de facil comprehensão, se reveste de fórmulas ou côres um sentimento, uma idéa ou um

	facto abstracto: É impossível no marulho de tantas idéas que se combatem, que se atropelam, achar imagens que dêem a sentir os transportes que nos dominam. (Mont'Alverne.) / Representação de um objecto em superfície polida; pintura, desenho. / (Phyrs.) Reprodução de um objecto por effeito de certos phenomenos de optica ou pela reunião dos raios luminosos emanados d'esse objecto depois de uma reflexão (imagem catoptrica) ou de uma refração (imagem dioptrica). / (Phys.) Imagem real e imagem virtual. V. Real e Virtual. / F. Lat. Imago.
--	--

APETECIDA IMAGEM (adj.) (01 oc.)

Abonação: *"Esse, que sobrevive a própria ruína, / Ao seu viver do coração, - às gratas / Ilusões, quando em leito solitário, / Entre as sombras da noite, em larga insônia, / Devaneando, a futurar venturas, / Mostra-se e brinca a <apetecida imagem>; / Esse, que à dor tamanha não sucumbe, / Inveja a quem na sepultura encontra / Dos males seus o desejado termo" (P, Se se morre de amor!, p. 95).*

Sentido: imagem que tem desejos, que deseja intensamente, que cobiça ao extremo, que aspira, pretende, ambiciona. Aquilo que desperta o nosso apetite, o nosso desejo por algo ou por alguém.

Notas Enciclopédicas: A lexia complexa 'imagem apetecida' é um neologismo semântico. Assim, apesar destas duas lexias já estarem lexicalizadas, elas podem ser classificadas como substantivo e adjetivo respectivamente. Desse modo, esta lexia complexa retrata uma imagem desejada, que atormenta o poeta e é a causa do seu sofrer, que é a sua amada. Este poema foi dedicado à Ana Amélia, que é o seu amor proibido por questões de preconceitos raciais, não por causa dela que o amava tanto, mas pela sua família. Neste poema Gonçalves Dias mostra toda a sua pungente dor, a sua ruína, todo o seu sofrimento por viver longe daquela que tanto amava e, por isso, ele expressa em seus versos todo o seu sofrer, envolto nas mais angustiosas sombras da noite que lhe dilacera a alma e o consome por inteiro.

NOITE ADORMECIDA

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Nòite	s. f. O tempo em que o sol anda por baixo do nosso horizonte, e fica escuro o nosso hemisferio. "na seguinte <i>noite</i> ." Flos Sanct. Pag. LXXVIII. §. Á prima noite; no principio della. §. Noite fechada; i. é, já tarde de <i>noite</i> . §. Fazer noite: pernoitar, ou passá-la em alguma parte. V. do Arc. L. 5. C. 22. Fim. §. Deixar alguém ás boas noites, ou ás escuras; sem dizer ao que veyo. Eufr. Prol. It. Deixar baldado, frustradas as esperanças. Eufr. 3. 5. §. Fig. A morte. "deixando em triste noite a triste vida." Cam. Od. 12. §. <i>Noite</i> , e dia; i. é, de dia, e de noite, ou sempre. Ferr. Tom. I. pag. 226. "noite, e dia vigia, e anda emboscado." Sagramor, I. c. 23. Sobre que tem noute e dia grande resguardo. §. Fig. "huma noite de nuvens de fumo." B. 2.5.9.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Noite	(nôite), s. f. o espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o alvorecer da manhan. / A vespera ou vigília de um santo: Ai, noite de S. João, noite aziaga! Os olhos que por ti choraram valiam reinos. (R. da Silva.) / Noitada: Vou ter uma noite de maçada. A história não deixou outra memoria d'essa noite de loucura. (Garrett.) "Trevas, cerração. / Obscuridade, escuridão. / Mystério. / cegueira: e com mão tremula, incerta, procura o filho tacteando as trevas da sua noite lugubre e medonha. (Gonç Dias.) / Ignorancia / Incerteza. / Noite e dia ou de noite e dia (loc. adv.), incessantemente, sem descanso: Noite e dia penso n'este objecto. (Garret.) Torrões fluctivagos em que a harmonia respira em canticos de noite e dia. (Castilho.) Noite de estrellas, noite em que se vêem luzir as estrellas: Noite de estrellas como esta, meu doutor, pede um descante. (Idem.) Noite fechada, noite completa, sem ar de dia: Chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está. (Garret.) / Noite de luar, noite em que a lua se mostra acima do horizonte. / Noite dos tempos, & tempos mais remotos de que temos vagas e raras noções. / Noite do túmulo, noite eterna, a morte. / Noite velha (fam.), o mesmo que alta noite. V. alto. / alta noite, a alta noite, por alta noite (loc. adv.), em hora adeantada da noite, por noite velha, a deshoras: Assembleia, por fim, de tal grandeza que acabando alta noite acabou cedo. (Tolentino.) Ella foi desterrada... e constrangida a deixar Viberbo a alta noite no rigor do inverno (Mont'Alverne.) / O astro da noite, a lua. / Boas noites! Phrase de despedir importunos. V. Bom. (Bet.) Boas noites. V. Boas-noites. / Côr da noite, preto, negro: já n'outros pés tens sapatos soffreram do tempo o açoite; cançada, fendida seda mostra dedos côr da noite. (Tolentino.) Contam que um cavallo côr da noite... o trouxera da Judea a Portugal.

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Adormecida	Part. Pass. De Adormecer. f. ___ na folgança; i. é, paz, e descanso de guerra. Ined. 2. 228.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Adormecimento	(a-dur-me-si-mên-tu), s. m. acção de adormecer ou estado dormente. / entorpecimento, embotamento: Foi atacado de uma espécie de adormecimento cerebral. / F. Adormecer+mento
Adormecer	(a-dur-me-ssêr), v. tr. Fazer dormir: Adormecer uma creança. / (Fig.) Diz-se do que é muito enfadonho, falando de uma obra ou da maneira de a recitar, e também do proprio auctor: Esta peça, este auctor adormece-me. / Lançar em um estado moral comparado ao somno do corpo: adormecer a prudencia, a vigilancia de alguém. / Entorpecer (falando dos membros ou dos sentidos do corpo): O opio adormece os sentidos. / calmar, mitigar: O remedio adormeceu-lhe a dor. / --, v. intr. Começar a dormir, pegar no somno: adormeceu immediatamente. / (Fig.) Parar, cessar os movimentos, a acção, ou mover-se de

	um modo quasi imperceptível: O pião (do jogo de rapazes) adormeceu. / Não Ter cuidado no seu dever, nos seus negócios, não os zelar, desleixar-se: Adormeceu na ociosidade. / entorpecer-se, perder momentaneamente a sensibilidade, a acção: com a queda adormeceu-lhe o braço direito. / (Flex.) V. abastecer. / F. A+dormir+ecer.
--	--

NOITE ADORMECIDA (s. f.) (01 oc.)

Abonação: *"Eu amo o céu assim, sem uma estrela, / Azul sem mancha, -- a lua equilibrada / Num céu de nuvens, e o frescor da tarde, / E o silêncio da <noite adormecida>, / Que imagens vagas de prazer desenha / Amo tudo o que dá no peito e n'alma / Tréguas ao recordar, tréguas ao pranto, / À v'emência da dor, à pertinácia / Tenaz e acerba de cruéis lembranças; / Amo estar só com Deus, porque nos homens / Achar não pude amor, nem pude ao menos / Sinal de compaixão achar entre eles."* (PC, Tristeza, p. 62).

Sentido: a noite dorme, descansa, acalma e entorpece. Ela começa a dormir, pega no sono. Aquilo que adormece, ato ou efeito de adormecer, de dormitar.

Notas Enciclopédicas: a noite traz em seu bojo muita sabedoria e, ao mesmo tempo, esconde muitos mistérios. Para uns, ela é um momento de meditação, quando o homem se enfronha para dentro de si, para realizar um autoconhecimento; para outros, ela é a própria alegria, é o divertimento, é o prazer. Mas, para Gonçalves Dias, ela é o êxtase, com o firmamento salpicado de estrelas, 'adormecida' em seu próprio silêncio. Notamos, nesse caso, uma característica humana: 'adormecida', ou seja, uma prosopopéia. Desse modo, um novo traço sêmico é introduzido pelo poeta maranhense, produzindo, assim, um neologismo semântico. Por isso, aparentemente, percebemos nesta abonação uma metáfora, mas como disse Sablayrolles (1996), toda metáfora ou metonímia é um neologismo semântico.

SOM

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Sòm	s.m. A impressão que faz nos ouvidos o ar movido de certo modo, e vibrado; v. g. pelo tiro, pela língua, e dentes, por hum sino, instrumento musico; &c. §. Cantar ao som dos instrumentos; i. é, acompanhando, e accommodando a voz ao som delles. §. Fig. Ao <i>som</i> do paladar; i. é, ao gosto; v. g. fallar ao som do seu paladar; i. é, segundo, conforme. Vascone. Notic. "vivem ao som da natureza, sem fé, nem lei.". §. Navegar ao <i>som</i> dos mares, i. é, a seu arbitrio delles. F. Mendes. Ao som de sua paixão; i. é, conforme ao que ella quer, e inspira. As Mir. §. Estar em som de guerra; de resistir, &c. i. é, humor, em resolução. Eufr. 5.9. §. Em ar, apparencia; v. g. "saiu o Principe de Coimbra em som de caça." M. L. i. é, como quem vai para a caça. §. Ia-me ao som por onde as mais ião; i. é, seguia o fio da gente, fazia como os mais. Sá Mir. §. Chegar á praça, em som de paz; i. é, como quem vai de paz. Galbegos. §. Dizer alto, e de bom som, com despejo, sem temor. Eufr. 3. 1. §. Anda o mundo d'outro som; i. é, segue outros estilos. Eufr. Prol. §. Em som de sair; i. é, disposição de sair. P. Per. 2.100.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Som	(ssom), s. m. ruido; tudo o que soa ou que impressiona o sentido do ouvido: <i>Som</i> mais que humano me sahiu da lyra. (Garret.) / (Phys.) Movimento vibratorio imprimido a um corpo elastico e communicado em seguida por este ao fluido que o redeia, e transmittido finalmente por este fluido até ao órgão do ouvido que lhe recebe a impressão; ruido rhythimado, produzido por vibrações sonoras que se succedem regularmente. [O som é grave ou agudo conforme o numero de ondas sonoras que produz no ar durante um certo tempo.] / (Gramm.) Toda a emissão de voz simples ou articulada: O som das vogaes. O som das vogaes. O som das consoantes. / (Por ext.) Palavra cuja articulação é mais ou menos agradável ao ouvido. / Voz. / (Fig.) Modo, maneira, forma: Aquelle homem leva-se por um outro som. / Sons harmonicos, sons que differem dos sons ordinarios, e que são produzidos pelos instrumentos de cordas (rabeça, violoncello, etc.) apoiando levemente os dedos sobre certas divisões da corda. / A língua ou linguagens dos sons, a musica. / Cantar ao som de qualquer instrumento, cantar accommodando a voz ao som d'elle ou fazendo com que este acompanhe a voz ou a parte cantante. / Dizer ou declarar alto e bom som. V. alto. / Em som de guerra, hostilmente: Entrou em som de guerra pela provincia da Beira. (Per da Cunha.) / Sem tom nem som, sem geito nem maneiras, sem ordem nem harmonia, sem pés nem cabeça; á toa: Que vejo? Mascarada sem tom nem som. (Castilho.) / Tirar sons. V. Tirar. / Ao som de (loc. adv.), com acompanhamento de: E arrastaram até ao cemiterio publico, ao som de injurias e risadas, esses restos que a morte santificou. (Herc.) Ao som da trompa. (Gonç Dias.) / F. lat. Sonus.

SOM (s. m.) (01 oc.)

Abonação: *Era um templo d'arábica estrutura, / Majestoso, elegante; - além das nuvens / Se entranhava nos céus subtil a agulha; / Sobre o zimbório retumbante e*

vasto / Ondas e ondas de vapor cresciam. / Dentro corriam três compridas naves / Sobre dois renques de colunas, onde / Baixos-relevos da sagrada história / Da base ao capitel se emaranhavam. / Ardia a luz na alâmpada sagrada; / No sagrado instrumento o <som> dormia. / Junto à cruz - da fachada egrégia pompa - / Muitos homens eu vi de torvo aspecto; / Muitos outros, servis, com mão armada / Profundos golpes entalhavam nela." (PC, Visões, p. 77-78)

Sentido: o som dormia, descansava depois de uma noite ou dia de intenso trabalho. Ele dormitava dentro do sagrado instrumento, junto à cruz, que velava pelo seu sono.

Notas Enciclopédicas: a lexia 'som' é um neologismo semântico, pois mesmo já tendo sido registrado nos dicionários de época elencados para este trabalho, ela apresenta um valor sêmico novo. Este novo sentido conferido pela lexia supracitada refere-se a uma prosopopéia, porque assume feições puramente humanas, que é o ato de dormir, descansar, dormirar. É notável o quanto o poeta Gonçalves Dias impregnou seus versos com várias figuras de linguagens, dentre elas a prosopopéia ou personificação que consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados. Por isso, o leitor atento, ao ler seus versos, faz uma verdadeira viagem pelo mundo da linguagem, rica e carregada de expressividade.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Este item é de suma importância para o fechamento da análise do *corpus*, pois é nele que serão tecidos alguns comentários sobre a quantificação dos dados analisados. Apresentando, dessa forma, algumas informações que complementam as notas enciclopédicas e as notas de rodapé.

Segundo foi mencionado anteriormente, considera-se neologismos formais aqueles que não constam nas obras de época cotejadas para esta pesquisa e neologismos semânticos aquelas lexias que, embora tenham sido registradas nessas obras lexicográficas, no contexto da obra de Gonçalves Dias apresentam um sema novo.

Em primeiro lugar, das 27 lexias neológicas encontradas em toda a obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça”, 22 foram consideradas como neologismos formais e 05 como neologismos semânticos. Com relação a esse número de neologismos, salienta-se que, na atualidade, o número de unidades neológicas formais cai para 10 ao consultar os dicionários contemporâneo de Aurélio – Século XXI e o de Antônio Houaiss. Já a quantidade de neologismos semânticos permaneceu inalterada após a consulta em tais dicionários contemporâneos. Esse número está sendo demonstrado nos quadros complementares no final da pesquisa.

Diante desse número, conclui-se que Gonçalves Dias não foi um grande criador de palavras, talvez o seu foco de atenção, não seria a criação lexical, mas sim, a engenhosa criatividade de construir sua lira impregnada de musicalidade e sonoridade.

Nota-se essa característica na primeira lexia classificada como neologismo formal ‘algente’, que faz rima com ‘fulgente’ e todo poema mantém uma sonoridade cadenciada, com a gradação, apresentando rimas alternadas, que é um recurso musical baseado na semelhança sonora das palavras no final dos versos. Vejamos um pequeno fragmento do poema “O gigante de pedra”, onde aparece essa lexia: “*E o céu, e as estrelas e os astros fulgentes / São velas, são tochas, são vivos brandões, / E o branco sudário são névoas <algentes,> / E o crepe, que o cobre, são negros bulhões. / Da noite, que surge, no manto fagueiro / Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés, / A cruz sempre viva do sol no cruzeiro, / Deitada nos braços do eterno Moisés*”. Assim, a arte maior do poeta dos Timbiras, conforme já foi dito, não foi a criatividade lexical, mas sim, compor seus versos e impregná-los de sonoridade. Esa característica do poeta

apresenta-se também na lexia neológica formal 'commemoração', que faz rima com 'tardança', 'remembrança', que dá idéia de exagero, como 'festaça', 'comilança'.

Dentre todas as lexias neológicas formais a que mais se destaca com relação à sonoridade é a 'imprumada', extraída do livro "Primeiros Cantos", do poema "O canto do guerreiro", vejamos: *"Valente na guerra / Quem há, como eu sou? / Quem vibra o tacape / Com mais valentia? / Quem golpes daria / Fatais, como eu dou? / - Guerreiros, ouvi-me; / - Quem há, como eu sou? / Quem guia nos ares / A frecha <imprumada>, / Ferindo uma presa, / Com tanta certeza, / Na altura arrojada / Onde eu a mandar? / - Guerreiros, ouvi-me, / - Ouvi meu cantar / Quem tantos imigos / Em guerras preou? / Quem canta seus feitos / Com mais energia? / Quem golpes daria / Fatais, como eu dou? / - Guerreiros, ouvi-me: / - Quem há, como eu sou?"* Percebe-se nesse fragmento a lexia neológica 'imprumada' rimando com 'arrojada' e todo o poema se entrelaça num misto de rima as mais diversas que dão ao poema uma forte sonoridade, criando imagens expressivas em torno da figura do índio guerreiro. A repetição do pronome 'Quem' faz o entrelaçamento entre os versos, demonstrando com singularidade a valentia de tal guerreiro.

Desse modo, poderíamos enumerar vários poemas que apresentam uma forte musicalidade em seus versos. Além das rimas no final dos versos encontramos várias rimas dentro do próprio verso que se ligam a outras rimas e criam uma eloqüente sonoridade e, ao mesmo tempo, transfiguram imagens que ganham corpo na mente do leitor, levando-o a sentir as emoções que estão impregnadas em cada verso do poema.

Dentre as 27 lexias neológicas selecionadas nesta pesquisa, 07 delas apresentam características de cores, como: auribranca, aurinevada, empurpurecer, verde-claro, verde-frondoso, verde-negra e doirada. Diante disso, questiona-se se foi por mero acaso que o poeta maranhense as empregou ou se foi proposital? Certamente, não foi por acaso que elas aparecem em seu texto poético e teatral. Pois, como é sabido, as cores representam certos estados de alma e certos sentimentos, como: o branco simboliza a paz; o verde a esperança; o vermelho a paixão ou a guerra etc.

Assim, relacionando estas cores com a vida de Gonçalves Dias, percebe-se que há uma relação muito próxima entre elas e a vida deste poeta, visto que as lamentações pelo amor impossível com Ana Amélia, os anseios, as inquietações, os desencantos caracterizam o verbo 'empurpurecer', que é tornar-se da cor da púrpura, que é o vermelho e simboliza a paixão mal correspondida deste poeta. O 'verde-claro', o 'verde-frondoso' e o 'verde-negra', são gradações que se relacionam à vida do poeta em seu

vários momentos; o ´verde-claro` representa a esperança primaveril que ele nutria em algum dia poder realizar seu sonho que era viver ao lado de sua amada; o ´verde-frondoso` era aquele que seguramente anunciava a volta de Ana Amélia para os seus braços; já o ´verde-negra`, deixava de ser esperança para ser a profunda agonia diante de um amor fracassado. Nesse sentido, as cores ´aurinevada` e ´auribranca` são um misto de ouro associado com as diversas tonalidades do branco e o branco representa paz e esta paz, provavelmente ele sentiu ao conhecer pela primeira vez Ana Amélia ou talvez, em algum momento de suprema alegria de sua vida. Já a lexia ´doirada` transparece o ouro e o ouro é bonança em nossas vidas, seja material, seja sentimental e essa bonança o poeta viveu em muitos momentos de sua vida, embora sofrendo a dor de amar, ele não ficou preso a esse sentimento e, por isso, a sua obra o engrandece.

Em razão disso, acredita-se que Gonçalves Dias brincou com as cores como bem desejava, ora elas correspondiam aos seus próprios sentimentos, ora elas se ligavam a outras lexias compondo, assim, as rimas sonoras. Além disso, nota-se em todos os seus poemas um jogo de palavras que os embelezam e, ao mesmo tempo, os realçam. Isso faz com que eles adquiram uma forte carga imagística, tornando-se, assim, mais expressivos.

Para concluir esta parte, salienta-se que a riqueza de linguagem encontrada na obra poética e teatral de Gonçalves Dias eleva o nível de sua obra e o faz inesquecível na memória de todos aqueles que tiveram o prazer de ler seus poemas e se deleitar com a sua criatividade no seu fazer poético. Nota-se, portanto, que ele se esmerou ao compor seus versos, criando uma obra aberta e sujeita a literariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar e selecionar as palavras neológicas formais e semânticas encontradas na obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça” de Gonçalves Dias, com o intuito de demonstrar que este, embora não tenha sido um profundo criador de palavras, deixou-nos algumas criações neológicas, pois, conforme exposto anteriormente, o seu foco de atenção não seria a criação lexical, mas sim, a engenhosa criatividade de construir sua lira impregnada de musicalidade e sonoridade, além de trazer da oralidade para a escrita, outras tantas lexias, contribuindo, assim, para o aumento de nosso caudal lexical.

Vale ressaltar que, para o estudo do léxico gonçalvino, consideramos relevante dedicar um capítulo deste trabalho à parte literária, tendo em vista que o nosso objeto de estudo é uma obra literária. Acreditamos que seria um trabalho incompleto se nos ativéssemos apenas aos recursos lingüísticos, dentre eles o neológico, menosprezando a vida e a obra do autor.

Desse modo, dentre os temas propostos, salientamos a situação histórica do período de 1780 a 1850, que antecede ao nascimento de Gonçalves Dias até em meados do auge de sua carreira literária. Consideramos que, de certa forma, estes aspectos históricos refletiram em suas obras; as características do Romantismo, já que a sua obra enquadra-se dentro deste período literário; a classificação de toda sua obra poética e teatral, para melhor entendimento sobre o autor e a obra; uma breve caracterização de seus poemas, com o propósito de conhecer algumas características românticas ali contidas e, por fim, um estudo sobre o seu indianismo, a fim de caracterizá-lo como poeta que consolidou o Romantismo por meio do indianismo. Salientamos que esse capítulo foi muito importante não só para enriquecer a pesquisa, como também para instruir o leitor, situando-o dentro da obra gonçalvina.

O embasamento teórico de nossa pesquisa forneceu contribuições para que discutíssemos temas na área do léxico, da Lexicologia e Lexicografia, do dicionário, do glossário e, principalmente, do neologismo. E, para tanto, utilizamos as teorias de vários autores, como: Matoré (1953), Guilbert (1975), Riffaterre (1979), Barbosa (1981), Haensh (1982), Carvalho (1984), Boulanger (1990), Vilela (1995), Sablayrolles (1996), Biderman (2001), dentre outros.

Nesse sentido, no capítulo 3, analisamos o vocabulário da obra poética e a teatral “Leonor de Mendonça”, do poeta maranhense em busca de criações neológicas e, assim, ao término da pesquisa, encontramos um número considerável destas criações lexicais, totalizando 27 neologismos. Com isso, formulamos os possíveis sentidos para estas palavras dentro do contexto da obra, visto que o vocábulo isolado não é capaz de retratar o verdadeiro sentido empregado por Gonçalves Dias. Além desses prováveis sentidos, ainda acrescentamos notas enciclopédicas e notas de rodapé, fornecendo informações complementares aos leitores sobre as obras gonçalvinas, o que facilita o entendimento da análise. As notas de rodapé foram importantes para demonstrar as discrepâncias existentes entre os dicionaristas e também para acrescentar orientações acerca das obras lexicográficas utilizadas. Assim, ao término desse capítulo, montamos o glossário, como anexo 01, a partir das palavras neológicas formais e semânticas listadas das obras supracitadas de Gonçalves dias.

Conforme o que foi exposto anteriormente, ao analisar a obra de Gonçalves Dias, mencionada anteriormente, obtivemos um quantitativo de 22 neologismos formais e 5 neologismos semânticos de acordo com a teoria de Guilbert (1975) e Boulanger (1979). No caso dos neologismos formais, o processo de formação de palavras utilizado foi o da derivação prefixal, sufixal e a composição. Estas conclusões vêm confirmar a nossa hipótese de que a obra do poeta maranhense possui algumas criações neológicas.

A partir destes resultados obtidos, nota-se que Gonçalves Dias, ao criar novas palavras, utilizou-se de palavras já existentes na língua, que foram mostradas nos quadros antes das análises dos vocábulos, mas que, ao serem empregadas em outros contextos literários, ganhavam novos traços sêmicos. Assim, os quadros que foram expostos, montados a partir das lexias ou bases lexicais extraídas dos dicionários de exclusão consultados, correspondiam ao sentido da abonação citada e esclarecem ao leitor os possíveis significados da obra gonçalvina.

Diante disso, notamos que o poeta dos Timbiras não só valorizou a criação lexical, como também empregou-a, ora para exprimir seus pensamentos, sentimentos e desejos, ora para enriquecer sua escrita literária com novas acepções que traduzissem sua realidade. Acreditamos que, em muitos momentos, ele, certamente, desejava empregar uma palavra que expressasse a força poética que embelezaria seus versos, como: empurplecer, destraçar, comemoração etc.

Para finalizar este trabalho, vale acrescentar que Gonçalves Dias não só amou a língua portuguesa, que aprendeu a falar desde pequeno, como também a estudou,

buscando conhecer os vários dialetos de cada região por onde passava a serviço da nação, e tão profundo foi seu estudo acerca da nossa etnografia, da fala dos nativos, do povo sertanejo, que ele para sempre estará guardado na memória de seu povo, como alguém que foi capaz de colocar em versos o grande amor que sentia pela sua pátria.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua para novas pesquisas em torno da obra de Gonçalves Dias, pois temos consciência de que a sua obra é passível de várias interpretações e não possui limitações por ser uma obra aberta e sujeita à literariedade e subjetividade. Com isso, querer esgotá-la é o mesmo que desejar conhecer as profundezas dos oceanos ou devassar a imensidade. Por isso, fica registrado neste trabalho, uma pequena contribuição dos nossos esforços em favor do ensino de léxico, para que professores, estudiosos do tema e estudantes da graduação em Letras possam melhor compreender a linguagem poética deste renomado escritor que foi capaz de nos legar uma obra extensa. Além disso, sua obra reflete muitos brasis, assinalando, assim, a grandeza de sua alma e o profundo amor que depositou em cada recanto por onde passou, nessa terra que o acolheu como filho e que acolhe a todos nós.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação Lexical**. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.
- _____. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas, 1998. 270 p.
- _____. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo**. 2000. 370f. Tese (Livre-docência), USP, São Paulo, 2000.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1881. 3v.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981. 323 p.
- _____. Reflexões sobre o projeto lexicográfico: análise e descrição da forma de conteúdo da unidade lexical. In: **Seminários do GEL**, XVIII, 1989, Lorena. **Estudos Lingüísticos**. Lorena, 1989. p.66-72.
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo, Plêiade, v. 8 . p.15-30, 1995.
- _____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: IEDA M. A. **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH: CITRAT, 2001. p. 25 – 45.
- _____. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA A. M. P. P. ; ISQUERDO A. N. **As Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 33-51.
- _____. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: **Seminários do GEL**, XX, 1991, Franca. **Estudos Lingüísticos**. Franca: USP, 1991. p. 1 – 11.
- BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Afiliada, 2003. 94 p.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria Lingüística: Leitura e Crítica**. São Paulo: Global, 2001. 356 p.

_____. As Ciências do léxico. In: OLIVEIRA A. M. P. P.; ISQUERDO A. N. **As Ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13 – 22.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA A. M. P. P.; ISQUERDO A. N. **As Ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 131-144.

_____. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 27-43, 1984.

_____. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v. 28, n.2, p. 1-25, 1984.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, 2000, p. 27 – 55.

_____. A estrutura mental do léxico. **Estudos de filologia e lingüística**. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1981, p. 131 – 145.

_____. A estrutura do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, PUCRS, 1987, p. 81 – 96.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981, 528 p.

BOULANGER, Jean-Claude. La creation lexicale et la modernité. **Le Language et l’homme**, Quebec, v. 4, p. 233-239, 1990.

_____. Néologie et terminologie. **Néologie em Marche**, Montreal, v. 4, p. 9-116, 1979.

CÂNDIDO, Antônio.; CASTELLO, José Aderaldo. **Das Origens ao Romantismo**. 11. ed. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 99-112.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira 2**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 2 v. 440 p.

CARVALHO, Nelly. **O Que é o Neologismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 77 p.

- CASARES, Júlio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C. S. I. C., 1972. 354 p.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A, 1969. 2 v. 334 p.
- CRISPIM, M.L. O léxico de Christine de Pisan. In: **Colóquio de Lexicologia e Lexicografia**, Actas, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1990. p.27-32.
- DIAS, Gonçalves. **I-Juca Pirama e Os Timbiras**. Porto Alegre: L & PM POCKET, 2001. 98 p.
- _____. **Leonor de Mendonça**. Belo Horizonte: Opus Editora, 1976. 78 p.
- _____. **Primeiros Cantos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 159 p.
- DOMINGUEZ, L. R. **El vocabulário popular religioso. La concepción popular del diablo**. Puebla: Universidad Autonoma de Puebla, 1985. p. 45-55. (Cuadernos de Trabajo, 9).
- DUBOIS, J.; DUBOIS, C. **Introduction à la lexicographie: Le dictionnaire**. Paris: Librairie Larousse, 1971. p. 101-109.
- _____. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix. 1973. 653 p.
- GUILBERT, Louis. **La Créativité Lexicale**. Paris: Larousse, 1975. 285 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 1 CD-ROM.
- FINATTO, Maria José Bocorny. **Da Lexicografia Brasileira (1813 – 1991): Tipologia microestrutural de verbetes substantivos**. 333 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. p. 22-27.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicologia de la lingüística teórica a la Lexicografia pratica.** Madrid: Gredos, 1982. 563 p.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **História da Língua Portuguesa - V. Século XIX.** São Paulo: Ática, 1988. p. 12-22.

MASSERON, C. Le sens des mots. **Pratiques**, Paris, v. 43, août. 1984. p. 77-85.

MATORÉ. George. **La Méthode em Lexicologue.** Paris: Marcel Didier, 1953. 123 p.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. **Poetas Românticos Brasileiros.** São Paulo: Minox, 1963. p. 34-110.

POTTIER, B. *et. Al.* **Lingüística General: Teoria y Description.** Trad. de Maria Victória Catalina, 1974. Madrid: Gredos, 1968. p. 25-35.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Gonçalves Dias: Poemas.** Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. 188 p.

RIFFATERRE. M. **La production du texte.** Paris: Éditions du Seuil, 1979. 123 p.

SABLAYROLLES, Jean-François. Neologismo e novidade(s). **Revista Internacional de Lexicologia e Lexicografia**, Paris, v. 69, p. 1-44, 1996.

SANDMAN, Antônio J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et labor, 1989. 185 p.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionario da língua portugueza.** Lisboa: Typografia Lacérdina, 1813. 4v. Fac-simile da 2. ed.

TIERNO, João Cayolla. **Dicionário Botânico – Tertúlia Edipica.** Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1954. 1299p.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e Criatividade.** São Paulo: Plêiade, 1996. 283 p.

VILELA, Mário. **Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática.** Coimbra: Almedina, 1995. 285 p.

_____. Vocabulário de explicação no dicionário. In: **Definição nos Dicionários de Português**. Rio Tinto: ASA, 1983, p. 8 – 23.

_____. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994. 206 p.

ANEXO 01

ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS

	Palavras classificadas como neologismos formais	Pág.
1.	ALGENTE	64
2.	AURIBRANCA	65
3.	AURINEVADA	66
4.	COMMEMORANÇA	67
5.	DAGARENO	68
6.	DESTRAÇAR	69
7.	EMPURPURECER	71
8.	HAQUENÉIA	73
9.	IMPRUMADA	74
10.	INTERCORTADA	75
11.	MALCUIDADA	77
12.	MALOGRAÇÃO	79
13.	PIPILANTE	80
14.	RECÉM-FINADO	81
15.	REPRESSO	83
16.	RUDO-LAVRADO	84
17.	SEMIBÁRBARO	86
18.	UMEDECER	87
19.	VERDE-CLARO	88
20.	VERDE-FRONDOSO	90
21.	VERDE-NEGRA	92
22.	VESPERINA	94
	Palavras classificadas como neologismos semânticos	
1.	ABUTRE	96
2.	DOIRADA	97
3.	APETECIDA IMAGEM	98
4.	NOITE ADORMECIDA	100
6.	SOM	102

ANEXO 03

QUADROS COMPLEMENTARES

A – Neologismos formais – Registro nos dicionários

Unidade neológica	Dicionário de A.M.S	Dicionário de C.A.	Dicionário de A.	Datação de A.	Dicionário de H.	Datação de H.
Algente	N/C	N/C	C	N/C	C	1682 ?
Auribranca	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Aurinevada	N/C	N/C	C	N/C	N/C	N/C
Commemorança	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Dagareno	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Destraçar	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Empurpurecer	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Haquenéia	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Imprumada	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Intercortada	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Malcuidada	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Malogração	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Pipilante	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Recém-finado	N/C	N/C	N/C	N/C	C	N/C
Represso	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Rudo-lavrado	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Semibárbaro	N/C	N/C	C	N/C	C	N/C
Umedecer	N/C	N/C	C	N/C	C	1662 ?
Verde-claro	N/C	N/C	C	N/C	C	1899
Verde-frondoso	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C
Verde-negra	N/C	N/C	C	N/C	C	1623 ?
Vesperina	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C

ANEXO 04

QUADROS COMPLEMENTARES

B – Neologismos semânticos – Registro nos dicionários

Unidade neológica	Dicionário de A.M.S	Dicionário de C.A.	Dicionário de A.	Dicionário de H.
Abutre	C	C	C	C
Doirada	C	C	C	C
Apetecida imagem	C	C	C	C
Noite adormecida	C	C	C	C
Som	C	C	C	C

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.